LUÍSA VALENTIM MELO DE VASCONCELOS QUEIROZ

CARACTERIZAÇÃO DA ICTIOFAUNA ASSOCIADA A DISPOSITIVOS AGREGADORES DE PEIXES (DAPS) EXPERIMENTAIS ANCORADOS NA PLATAFORMA CONTINENTAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO- BRASIL

RECIFE,

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS PESQUEIROS E AQUICULTURA

CARACTERIZAÇÃO DA ICTIOFAUNA ASSOCIADA A DISPOSITIVOS AGREGADORES DE PEIXES (DAPS) EXPERIMENTAIS ANCORADOS NA PLATAFORMA CONTINENTAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO- BRASIL

Luísa Valentim Melo de Vasconcelos Queiroz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Pesqueiros e Aquicultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco como exigência para obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Fábio Hissa Vieira Hazin
Orientador

Prof. Dr. Drausio Pinheiro Véras
Co-orientador

Recife,

Agosto/2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Nome da Biblioteca, Recife-PE, Brasil

Q3c Queiroz, Luísa Valentim Melo de Vasconcelos
Caracterização da ictiofauna associada a dispositivos agregadores de peixes (DAPS) experimentais ancorados na plataforma continental do Estado de Pernambuco, Brasil / Luísa Valentim Melo de Vasconcelos Queiroz. – 2017.
57 f. : il.

Orientador: Fábio Hissa Vieira Hazin.
Coorientador: Drausio Pinheiro Véras.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Recursos Pesqueiros e Aquicultura, Recife, BR-PE, 2017.
Inclui referências e anexo(s).

1. Espécies pelágicas 2. Daps costeiros 3. Censo visual 4. Telemetria 5. Modelos generalizados I. Hazin, Fábio Hissa Vieira, orient. II. Véras, Drausio Pinheiro, coorient. III. Título

CDD 639.3

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS PESQUEIROS E AQÜICULTURA

CARACTERIZAÇÃO DA ICTIOFAUNA ASSOCIADA A DISPOSITIVOS AGREGADORES DE PEIXES (DAPs) EXPERIMENTAIS ANCORADOS NA PLATAFORMA CONTINENTAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO- BRASIL

Luísa Valentim Melo de Vasconcelos Queiroz

Dissertação julgada adequada para obtenção do título de mestre em Recursos Pesqueiros e Aquicultura. Defendida e aprovada em 31/08/2017 pela seguinte Banca Examinadora.

Prof. Dr. FÁBIO HISSA VIEIRA HAZIN

(Orientador)

[Departamento de Pesca e Aquicultura - DEPAq]

[Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE]

Prof. Dr. DIOGO MARTINS NUNES

[Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST/

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE]

Prof. Dr. PAULO GUILHERME VASCONCELOS DE OLIVEIRA

[Departamento de Pesca e Aquicultura - DEPAq]

[Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE]

“Continue a nadar, continue a nadar,
continue a nadar, nadar, nadar...
Para achar a solução, nadar.”

Dory

Agradecimentos

Minha eterna gratidão ao Grande Pai, regente de todas as coisas, por seu amor incondicional e energia vital, por sua proteção, atenção e bênção supremas, personificadas em todas as maravilhas do universo e em todos os anjinhos que nos rodeiam e observam todos os dias de nossas vidas.

À Grande Mãe Natureza, pelo inesgotável carinho demonstrado todos os dias por meio do sol que nos aquece, da lua e das estrelas que nos guiam, do nosso planeta Terra: no solo que nos alimenta, no ar que respiramos, no fogo que tudo transforma, na água que nos hidrata; em todas as suas paisagens, ecossistemas e seres perfeitos que nele vivem e que dele provêm. Ao mar, pelo mundo de encantos e paz que ele me proporciona e ao sertão, recém chegado em minha vida mas que tanto já me ensina e me encanta!.

Agradeço todos os dias à minha família, papai Edilson, mamãe Marinês, irbã Bina, sobrinho Pepeto e Xati Fati Tati, pelo amor acima de todas as coisas, pelo apoio e suporte em toda e qualquer situação, pelos ensinamentos, paciência, alegrias, broncas, carinhos, choros, brincadeiras, por tudo... Agradeço a todos os outros tantos membros das famílias Melo e Queiroz, nossa amada gigante Grande Família.

À meu esposo e companheiro Drausio, grande homem, amigo, espelho e exemplo meu de cada dia e ao nosso fruto que em breve chegará para nos ensinar o verdadeiro sentido da vida. Sem vocês eu não seria.

À minha nova família Véras, presente de Papai do Céu, e à minha família escolhida, meus amigos irmãos de alma, Fada madrinha e Aperri, irmãos na capoeira e na vida, ao nosso indestrutível quarteto Frent, Kah e Mamu, às eternas comparsas Jeh e Lila, à minhas irmãs de rural, canil e histórias Boroda, Manu, Ilka, Carol, Nat e Camis (e respectivos ;)), à Mari Coxey e Dudson, meus consultores queridos, aos grandes amigos Franja e Basão, à eterna família Atol, Sísis e Jaridan, aos queridos da praia, do surf e da luta, Mari, Nica, Dani Galvão e Marcelinha, à família sertaneja, Zeca e Ana Flávia, por todo o aconchego e suporte de sempre, às vizinhas amigas amadas Dani, Joedy e Frida, e a todos os outros não mencionados, mas jamais esquecidos.

Aos Laboratórios de Oceanografia Pesqueira e de Etologia de Peixes, por todas as oportunidades e ensinamentos. Ao querido Professor orientador Fábio Hazin, por todo o apoio, suporte e paciência. Ao Professor Paulinho Vasconcelos pela ajuda de sempre, tu não existe! A grande família LOP/LEP/LATEP que desde a graduação tem transformado a rotina de laboratório em dias tão prazerosos.

À toda a família IBGE, principalmente os queridos chefes Adelmo e Jorge, pelo suporte e tempo disponibilizados para que este trabalho pudesse ser concluído, à Victor pelos ensinamentos com os mapas e todas as ajudas com o texto e à Lalaídes e Rosi, pelo suporte moral de sempree!

À todo o pessoal responsável pela logística das coletas, Brutus, Bruno, Gleidsinho e Carlinhos, à melhor equipe de mergulhos possível, Dráusio e Yuri, ao Institute of Research for Development, do Professor Laurent Dagorn, por disponibilizar as marcas, material de pesca e pela equipe excepcional: Manu Capello, com seus incontáveis ensinamentos na análise dos dados de marcação e Fabien Forget e Mari Travassos, responsáveis pela captura e marcação dos peixes. Sem vocês esse trabalho não aconteceria!

A tudo e todos, MUITO AGRADECIDA e que Papai do Céu os abençoe sempre, Salve, Namastê, Aloha, Assim Seja!

Resumo

No Brasil, a pesca no entorno de Dispositivos Agregadores de Peixes (DAPs) vem sendo realizada pelo menos desde meados da década de 80. Apesar da importância econômica, social e ambiental deste tipo de pesca, porém, praticamente nenhum estudo relacionado a este assunto foi realizado no país. No presente trabalho, a primeira caracterização da comunidade de peixes pelágicos associados a DAPs experimentais costeiros, localizados na Plataforma continental do estado de Pernambuco, foi realizada, incluindo a composição das espécies, biomassa e comportamento associativo dos peixes. Além disso, a relação entre fatores físicos (profundidade de ancoragem dos DAPs, presença de estrutura de agregação, diâmetro da boia e distância da PNBOIA), abióticos (temperatura da superfície do mar, fases da lua, velocidade e direção de corrente, visibilidade do mergulho), temporais (tempo de imersão) e/ou bióticos (presença de presas, predadores e cardumes) e a biomassa e períodos de associação dos peixes foram investigados por meio de censos visuais, dados de marcação acústica e modelos aditivos e/ou lineares generalizados (GLMs / GAMs). Um total de 16.690 espécimes, compostos principalmente por indivíduos adultos, de 14 espécies pertencentes a 9 famílias foram registrados. Maiores riquezas de espécies, tamanho de peixe, abundância e biomassa foram registradas em DAPs mais profundos. Com base nas observações feitas, a busca pelo fornecimento de alimentos foi provavelmente a razão mais importante para o comportamento agregativo em torno dos dispositivos ancorados. Os dados de telemetria demonstraram forte fidelidade dos *Caranx crysos* aos DAPs, comportamento diferente do registrado para *Thunnus atlanticus*. É provável que esses períodos de associação possam ser explicados por fatores biológicos (disponibilidade de comida, presença de predadores, comportamento natural das espécies e estresse) e físicos (profundidade de ancoragem dos DAPs, velocidade e direção de corrente). Com o uso dos GAMs / GLMs, foi possível identificar a profundidade de ancoragem dos atratores, a distância de uma boia oceanográfica pré-existente e atemperatura da superfície do mar, como as principais variáveis a influenciarem a biomassa total de peixes. Nos modelos elaborados para a biomassa de espécies individualmente, além das variáveis já citadas, a velocidade da corrente e o tempo de imersão também foram considerados como variáveis significativas. Os resultados do presente trabalho trazem informações inéditas acerca da composição, abundância e comportamento de espécies pelágicas associadas à DAPs no Brasil. Tais informações, além de aprofundarem o conhecimento sobre a fauna pelágica de maneira geral, trazem novos dados para o país sobre a utilização de DAPs costeiros ancorados por espécies alvo da pesca. A expectativa, portanto, é de que os resultados obtidos possam servir como uma primeira base de informação tanto para pesquisadores quanto para gestores, podendo, inclusive, contribuir para a avaliação deste tipo de pescaria na plataforma continental do país. Os resultados, apesar de registrarem a presença de peixes de importância comercial no entorno dos atratores, como cavalas, dourados, peixes rei, arabaianas e atuns, em sua maioria como indivíduos adultos, demonstraram, em geral, uma baixa abundância dessas espécies. Foi possível observar também, para a maioria delas, um comportamento de não fidelidade aos DAPs. A profundidade de ancoragem dos DAPs foi a variável mais significativa, com maior riqueza, abundância, biomassa e tamanho de indivíduos sendo registrados em atratores com maior profundidade. É possível que para o local de estudo, regiões mais rasas da Plataforma, ou talvez até a Plataforma Continental como um todo não sejam as áreas mais adequadas para a instalação de Dispositivos Agregadores de Peixes voltados para a pesca. É importante salientar que mesmo gerando informações relevantes e inéditas acerca da ictiofauna associada a atratores na costa do Brasil e da eficiência de tais dispositivos na Plataforma Continental, o conhecimento da comunidade associada a estas boias ainda precisa ser substancialmente aprofundado.

Palavras-chave: espécies pelágicas, DAPs costeiros, censo visual, telemetria, modelos generalizados.

Abstract

In Brazil, fishing in the vicinity of Fish Aggregating Devices (FADs) has been carried out at least since the mid-1980s. Despite the economic, social and environmental importance of this type of fishing, however, almost no study related to this subject has been carried out in the country. In this work, we provide the first characterization of pelagic fish communities associated to an experimental coastal FAD array located in the continental shelf break of Pernambuco, including the species composition, biomass and associative fish behavior. Additionally, the relation between physical (FAD depth of anchorage, presence of underwater aggregative structure, buoy diameter and distance from the PNBOIA), abiotic (sea surface temperature, moon phases, current velocity and direction, and dive visibility), temporal (immersion time) and/or biotc factors (presence of prey, predators or fish schools) and fish biomass and association periods was investigated using visual census, acoustic tagging data and Generalized Additive and Linear Models (GLMs/GAMs). A total of 16,690 specimens, mainly composed by adult individuals, from 14 species belonging to 9 families were recorded. Higher species richness, fish size, abundance and biomass were recorded at deeper FADs. Based on the observations made, search for food was probably the most important reason for the aggregative behavior seen around the moored devices. According to the telemetry data, *C. crysos* presented strong site fidelity, differently from *T. atlanticus.* Such association periods may be explained by biological (food availability, presence of predators, natural species behavior and stress) and physical factors (FAD depth of anchorage, current velocity and direction). With the use of GAMs/GLMs, FAD depth of anchorage, distance from a pre-existing oceanographic buoy and sea surface temperature were identified as the main variables to influence the total fish biomass. The models done for individual species biomass, besides the variables mentioned above current velocity and immersion time were also considered as significant variables. The results presented in this study provide unprecedented information on the composition, abundance and behavior of pelagic species associated to FADs in Brazil. Such information, in addition to deepening knowledge about pelagic fauna in general, brings new data to the country on the use of coastal moored FADs by fishing target species. The expectation, therefore, is that the results found here, may serve as a first data base for researchers and decision makers and may even contribute to the evaluation of this type of fishery on the Brazilian continental shelf. The results, in spite of registering the presence of commercial importance fish around the FADs, such as wahoos, dolphin fish, rainbow runners, jacks and tunas, mostly as adult individuals, showed, in general, low abundance. It was also possible to observe, for most of them, a non-fidelity behavior to the FADs. The FADs depth of anchorage was the most significant variable, with higher species richness, abundance, biomass and size of individuals being recorded in attractors with greater depths.It is possible that for the study site, shallower regions of the Platform, or perhaps even the Continental Shelf as a whole, are not the most suitable areas for the implementation of Fish Aggregating Devices aiming fishing activities. It is important to note that, even with the generation of relevant and unique information regarding the ichthyofauna associated with fish aggregating devices on the coast of Brazil and the efficiency of such attractors in the Continental Shelf, the knowledge of the community associated with these buoys still needs to be substantially deepened.

Key words: Pelagic species, coastal FADs, visual census, telemetry, generalized models.

Lista de figuras

Lista de tabelas

ARTIGO CIENTÍFICO I

ARTIGO CIENTÍFICO II

Sumário

1. Introdução

1.1. Contextualização

Em diferentes regiões do mundo, atratores artificiais de peixes vêm sendo ancorados em profundidades de 50 a 2.500 m com o objetivo de agregar espécies pelágicas em áreas mais próximas da costa a fim de permitir sua captura por pescadores esportivos e também artesanais, os quais, devido à limitação dos seus recursos e equipamentos, focam seus esforços na pesca de espécies costeiras (BEVERLY et al., 2012; GUYADER et al., 2013; ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015). Tais iniciativas têm sido importantes para o aumento da produção e consumo de peixes em comunidades locais (ALBERT et al., 2014), além da possibilidade de transferência do esforço de pesca de espécies demersais costeiras, já excessivamente explotadas, para espécies pelágicas de crescimento mais rápido e cujos estoques se encontram, em geral, em melhor condição (TAQUET et al., 2011). Além disso, atratores costeiros podem ser empregados também como uma medida de manejo, podendo oferecer uma fonte alternativa de pesca, quando a explotação de espécies alvo estiver impedida (SOKIMI e BEVERLY, 2010; JUPITER et al., 2014), como no caso de um período reprodutivo (defeso), por exemplo.

Dispositivos Agregadores de Peixes (DAPs) (*Fishing Aggregating Devices*- FADs) já eram utilizados há milênios por antigas civilizações, sendo produzidos com matéria-prima natural como bambus e folhas de bananeira, com o intuito de atrair e facilitar a captura de diversas espécies de peixes pelágicos, principalmente do dourado (*Coryphaena hippurus*, Linnaeus, 1758) (TAQUET et al., 2013). A partir do conhecimento ancestral da utilização de objetos flutuantes naturais para a melhoria da pesca, DAPs oceânicos modernos produzidos com materiais artificiais e tendo os atuns como espécies alvo, passaram a ser liberados à deriva ou ancorados a partir de meados da década de 70, em diferentes locais do mundo, como Filipinas (1974), Havaí (1977), Ilhas Maldivas (1980), Polinésia Francesa (1981), Ilhas Martinica (1982) e Ilhas Mauricio (1982) (TAQUET et al., 2011). Desde então, a utilização desses dispositivos se disseminou por todos os continentes, existindo atualmente dezenas de milhares de DAPs costeiros e oceânicos sendo explorados, principalmente pela pesca de atuns com rede de cerco, cujas capturas respondem por mais da metade (cerca de 55%) do total de atuns pescados mundialmente (PARKER et al., 2014).

No Brasil, embora DAPs não sejam ainda utilizados de forma sistemática, a pesca de atuns associados a plataformas de petróleo ou mesmo a boias oceanográficas ancoradas já demonstraram o seu potencial de utilização na pesca artesanal (SOUZA et al, 2013; SILVA et al., 2013). O projeto PIRATA (*Prediction and Research Moored Array in the Tropical Atlantic*), por exemplo, é composto por 21 boias fundeadas planejadas para monitorar diversas variáveis oceanográficas e atmosféricas no oceano Atlântico Tropical (GOOS-BRASIL, 2016). Uma dessas boias está ancorada na costa do Ceará, a cerca de 323 milhas náuticas de Areia Branca- RN e vem sendo utilizada por pescadores artesanais desta e de outras cidades da região (e.g. Itarema- CE), com capturas consideráveis de tunídeos e outras espécies pelágicas (SILVA et al. 2013). Diversos registros de captura de atuns também têm sido feitos para regiões bem mais próximas à costa, a exemplo da pescaria artesanal de Barra dos Coqueiros e Pirambu- SE, no entorno de plataformas de petróleo (SOUZA et al., 2013), apesar de ser proibida a pesca e/ou a aproximação de embarcações em um raio de 500 m da plataforma, por razões de segurança (MARINHA DO BRASIL, 2014).

Baseando-se nessas informações, o Projeto de Implantação de Atratores de Tunídeos e Afins em Meia Água na Plataforma Externa do Litoral de Pernambuco- ATUNA, aprovado pelo órgão público de fomento FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), instalou cinco dispositivos agregadores de peixes na Plataforma Continental externa do estado de Pernambuco, a fim de avaliar a sua potencialidade na agregação de espécies pelágicas, principalmente de importância comercial. O presente trabalho acompanhou o desenvolvimento desses cinco Dispositivos Agregadores de Peixes ancorados na plataforma continental do estado de Pernambuco, coletando informações acerca da a caracterização e comportamento da ictiofauna pelágica associada aos atratores, por meio de censos visuais e marcação acústica.

Tais informações, além de poderem ser utilizadas como subsídio para a tomada de decisão por gestores, possuem particular relevância científica e ecológica devido à grande escassez de conhecimento acerca de espécies de peixes pelágicas oceânicas, principalmente devido ao comportamento nectônico desses animais e à dificuldade em se acessar os ambientes nos quais habitam, para uma coleta regular de dados (GAERTNER et al., 2008). Além disso, trabalhos relativos à descrição da ictiofauna associada a esses tipos de atratores no Brasil são ainda extremamente escassos.

1.2. Revisão de literatura

Há milênios, pescadores já sabiam e usufruíam da tendência natural de peixes pelágicos se reunirem no entorno de objetos flutuantes (MORALES-NIN et al., 2000), de forma que a história dos DAPs é bem mais antiga do que os primeiros trabalhos científicos relacionados a eles. O primeiro registro do uso de atratores na pesca ocorreu em 200 a.C., quando o autor romano Oppian descreveu em um de seus poemas a pesca de dourados (*Coryphaena hippurus)* no entorno de pedaços de madeira à deriva (citado em TAQUET et al., 2013).

Apesar do uso de objetos flutuantes na pesca em diferentes locais do mundo nos séculos seguintes, como, por exemplo, no Mar Mediterrâneo no século XIV (MORALES-NIN et al., 2000) e nas Filipinas no século XIX (ANDERSON e GATES, 1996), sua disseminação em larga escala só se iniciou em meados do século XX, com a pesca com rede de cerco sendo realizada no entorno de atratores naturais à deriva. Nessa mesma época, iniciou-se também, consequentemente, a publicação dos primeiros trabalhos científicos com objetos flutuantes de superfície (BESEDNOV, 1960; GOODING, 1965; GOODING e MAGNUSON, 1967), focando, principalmente, na relação entre atratores naturais e peixes pelágicos.

No início da década de 80 houve uma expansão em massa do uso de dispositivos flutuantes à deriva (Fig. 1c), que passaram a ser confeccionados, em sua maioria, com materiais artificiais e a serem liberados propositalmente por pescadores industriais, principalmente de atuns com rede de cerco, tendo como alvo grandes peixes pelágicos (DAVIES et al., 2014). Os atratores ancorados costeiros (Fig. 1a), por sua vez, já eram utilizados por povos nômades nas Filipinas e por povos locais de outras regiões como Indonésia e Malásia, desde o início do século XIX (ANDERSON e GATES, 1996). Da mesma forma que na pesca industrial, esses atratores de natureza mais artesanal também começaram a ser modernizados (Fig. 1b) e instalados em águas cada vez mais profundas a partir do final dos anos 70, no Havaí, por exemplo, embora o seu foco tenha sempre permanecido na pesca artesanal local e na pesca esportiva (MATSUMOTO et al., 1979; HOLLAND et al., 2000).

A diferenciação dos DAPs oceânicos, ancorados ou à deriva, utilizados na pesca industrial, dos DAPs costeiros ancorados, utilizados por pescadores artesanais, é de grande importância, uma vez que ambos, apesar da característica comum de atrair espécies pelágicas, possuem enfoques bastante distintos. Atratores oceânicos à deriva são utilizados principalmente por pescadores industriais visando à produção em larga escala e vem sendo bastante discutidos quanto a sua importância para a captura mundial de atuns e os impactos decorrentes do seu uso intensivo (DAGORN et al., 2013; TAQUET et al., 2013; DAVIES et al., 2014). Dispositivos agregadores costeiros e oceânicos ancorados, por sua vez, destinam-se à produção em pequena escala e têm demonstrado sua importância para a pesca artesanal e oceânica (BELL et al., 2015; HOLLAND et al., 2000) e para a segurança alimentar de diversas comunidades costeiras (ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015), apesar de também terem seus impactos discutidos, de forma mais local (CABRAL et al., 2014).

Não se sabe a quantidade exata de DAPs espalhados nos oceanos atualmente, entretanto, uma estimativa calculada pela organização *Pew Environmental Group*, chegou a amplitude aproximada de 50.000 a 100.000 dispositivos flutuantes à deriva lançados por ano em todo o mundo (BASKE et al., 2012), considerando-se apenas os atratores flutuantes industriais, utilizados na pesca de cerco de atuns e afins. Dispositivos agregadores ancorados, por sua vez, são ainda menos contabilizados, uma vez que podem ser facilmente construídos com materiais simples e ancorados por qualquer pescador artesanal, em qualquer zona de costa, tornando o controle ainda mais difícil. Em certos locais onde o monitoramento é realizado, porém, como na Papua Nova Guiné, por exemplo, é possível observar uma enorme quantidade de atratores em pequenas regiões (KUMORU, 2003). A concentração de DAPs em algumas regiões é tão grande, que em certos locais, como no Oceano Índico, os atratores à deriva já são considerados como um habitat flutuante artificial permanente (DAVIE et al., 2014).

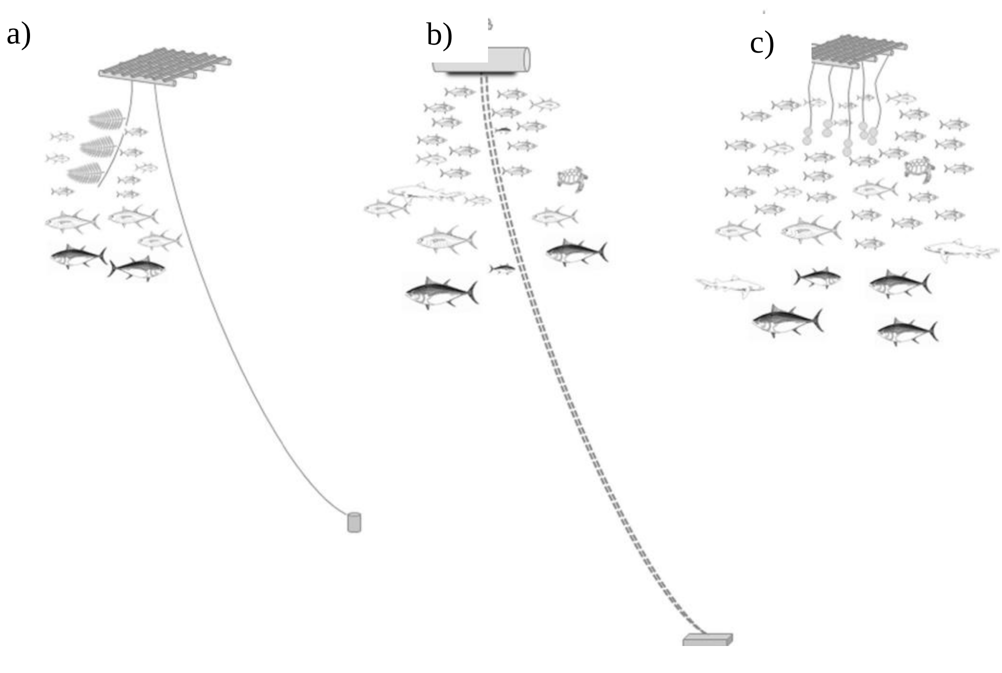


Figura 1. Desenho esquemático de: (a) DAPs ancorados costeiros, (b) DAPs ancorados de águas profundas e (c) DAPs flutuantes à deriva (Bush et al., 2014).

Percebe-se, assim, a grande importância dos Dispositivos Agregadores de Peixes, tanto pela sua contribuição para a economia e produção de pescado, em escalas mundial e local, quanto pelos potenciais impactos ambientais que podem causar. Em consequência, inúmeros trabalhos científicos têm sido realizados no intuito de elucidar essas questões. Taquet et al. (2013) realizaram um extenso levantamento da literatura disponível sobre DAPs em todo mundo, indicando a existência, até o ano de 2011, de 658 referências relacionadas a atratores de peixes, apenas 34% das quais eram de artigos publicados em jornais científicos, com 66% sendo de literatura considerada "cinza", como publicações de reuniões científicas ou conferências. Das variadas temáticas abordadas nos trabalhos, destacam-se, para este estudo, três categorias: "Biologia e Ecologia", "Comportamento e Marcação"; e "Levantamentos Bibliográficos".

Os trabalhos de "Biologia e Ecologia" são relacionados principalmente ao fenômeno de agregação dos peixes no entorno destes atratores, englobando temáticas como, substrato para espécimes juvenis em fase de transição de pelágicos para bentônicos (GOODING e MAGNUSON 1967; HUNTER e MITCHELL 1967), busca por suprimento alimentar, resposta fototrópica positiva de peixes a sombras, substrato para desova, estações de limpeza (GOODING e MAGNUSORN, 1967), proteção contra predadores (HUNTER e MITCHELL, 1968; ROUNTREE,1989), ponto de referência (HOLLAND et al., 1990), áreas de descanso (BATALYANTS, 1993), ponto de encontro de cardumes (DAGORN et al., 1995; FRÉON e DAGORN, 2000), e aumento da chance de sobrevivência de larvas e juvenis (CASTRO et al. 2002). Nessa categoria encontram-se também os trabalhos acerca da composição e caracterização da assembleia de peixes associada aos DAPs, utilizando-se diversos tipos de metodologias (BUBIĆ et al, 2011; JAQUEMET et al, 2011; MATSUMOTO et al., 2014), entre as quais a de censo visual e marcação.

A maior parte desses trabalhos foi realizada em atratores costeiros ancorados (ADDIS et al., 2006; DORAY et al., 2007; SINOPOLI et al., 2012 e 2011), mas mesmo com um número reduzido de levantamentos ictiofaunísticos em DAPs oceânicos (HUNTER e MITCHELL 1967; GOODING e MAGNUSON, 1967; TAQUET et al., 2008) e com a utilização de dois tipos diferentes de metodologias (censo visual e pesca experimental), ainda assim, é possível perceber claras similaridades e distinções nas espécies de peixes associadas às duas categorias de DAPs. Em geral, tanto DAPs oceânicos quanto costeiros possuem em seu entorno, jovens e adultos de espécies importantes economicamente, sendo compostos principalmente por peixes da Família Carangidae, como: peixes-rei (*Elagatis bipinnulata*, (Quoy & Gaimard, 1825)), arabaianas (*Seriola* spp.) e xaréus (*Caranx* spp.). Na maioria das vezes, também é possível observar a presença de dourados (*Coryphaena hippurus*) em ambos os DAPs. Nos DAPs oceânicos, entretanto, diferentemente dos costeiros, há a ocorrência constante de enormes cardumes, alvos da pesca industrial, compostos por espécies da família Scombridae, como atuns (*Thunnus* spp.) e bonitos (*Katswomus pelamis*, (Linnaeus, 1758), *Euthynnus affinis,* Cantor, 1849), além de exemplares de cavala (*Acanthocybrium solandri,* Cuvier, 1832, *Scomberomorus* spp.) e de agulhões (Istiophoridae). Ocorrem, também, espécies de outras Famílias de pequeno porte, em grandes quantidades, como os cangulos (*Balistes* spp.) e piranjicas (*Kyphosus* spp.), além de espécies pelágicas vulneráveis como os tubarões lombo-preto (*Carcharhinus falciformes,* (Müller & Henle, 1839)) e galha-branca oceânico (*Carcharhinus longimanus,* (Poey, 1861)). Os DAPs costeiros, por sua vez, agregam, em sua maioria, indivíduos jovens, que tendem a se localizar em áreas mais próximas dos mesmos. Apesar de também serem visitados, em menor frequência e quantidade, por predadores de topo, como atuns e afins, não registram, em geral, a ocorrência de tubarões. De acordo com Taquet et al. (2013), a similaridade entre as espécies visualizadas nesses censos, nos diferentes oceanos, deve impulsionar trabalhos internacionais de comparação de diversidade pelágica, tendo em vista o potencial de utilização de DAPs como importantes ferramentas de manejo, como a criação de áreas marinhas protegidas em alto mar, por exemplo.

A segunda categoria de trabalhos, acerca de "Comportamento e Marcação", contem, principalmente, estudos relacionados à movimentação e localização de atuns e afins na proximidade dos DAPs devido à grande importância econômica e ambiental da captura dessas espécies (STEHFEST et al., 2013, GOVINDEN et al., 2013; MATSUMOTO et al., 2014; HALLIER e FONTENEAU, 2015). Outros peixes encontrados e capturados no entorno dos DAPs, incluindo espécies de importância comercial, especialmente para a pescaria artesanal, como dourados, cavalas, peixes-rei e xaréus, são, na maioria das vezes, capturados como fauna acompanhante (DAGORN et al., 2013), aumentando a preocupação com os impactos, no ambiente pelágico, deste tipo de pescaria (MORENO et al., 2015). De 17,4 a 89,3 t de fauna acompanhante são capturadas por cada 1.000 t de atuns pescados junto aos DAPs, com essa proporção variando de oceano para oceano. Esses valores são 2,8 a 6,7 vezes mais altos do que a fauna acompanhante capturada em pescarias em cardumes errantes de atuns, por exemplo. O oceano Atlântico apresenta os valores mais altos de pesca incidental de espécies indesejadas, com a pesca no entorno de DAPs apresentando 3 vezes mais fauna acompanhante do que em cardumes errantes (DAGORN et al., 2013). Capturas de espécies pelágicas associadas a DAPs, além de atuns, também têm sido discutidas com relação a seu valor para a pesca esportiva e segurança alimentar de comunidades costeiras (HOLLAND et al., 2000; ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015). Apesar da importância ambiental, econômica e social dessas espécies, poucas pesquisas têm focado na caracterização e comportamento desses peixes (SINOPOLI et al., 2011, CAPELLO et al., 2012; FORGET et al., 2015), permanecendo, ainda, uma grande lacuna de informação tanto para espécies pelágicas quanto para estoques não-alvo (MORENO et al., 2015; TAQUET et al., 2008).

Trabalhos nas temáticas “Socioeconômicos” e “Bibliográficos”, respectivamente, apesar da sua enorme importância para o desenvolvimento sustentável da pesca no entorno de DAPs, ainda são bastante raras, somando ambas menos de 5% do total de referências. Esses números, entretanto, podem mudar, à luz da crescente quantidade de trabalhos recentes sendo publicados nessas áreas, incluindo revisões bibliográficas acerca do histórico, uso, perspectivas e gerenciamento de DAPs em diferentes regiões do mundo (BASKE et al., 2012; DEVIE et al.; 2014; BUSH e MOL, 2014), impactos dos DAPs, principalmente de DAPs oceânicos à deriva (SEMPO et al., 2013; FILMALTER et al., 2013; DAGORN et al., 2013; PARKER et al., 2014; CABRAL et al., 2014), e importância de DAPs costeiros na segurança alimentar de populações locais (ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015). É importante citar, que em muitos dos trabalhos acerca da contribuição dos DAPs para a segurança alimentar de comunidades costeiras, paralelamente aos benefícios decorrentes do aumento da oferta de peixes e da consequente melhoria na nutrição e renda locais, foram também enfatizados os riscos ecológicos do uso desses dispositivos e a consequente necessidade de planejamento, monitoramento e pesquisa para uma melhor compreensão e garantia dos benefícios reais e duradouros que os DAPs costeiros ancorados podem trazer (ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015).

No Brasil, os primeiros Dispositivos Agregadores de Peixes artificiais registrados datam de 1984, com a colocação, por uma empresa de pesca, de jangadas de bambu e boias na borda da plataforma continental dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, com o intuito de restaurar e desenvolver a pesca do bonito-listrado (*Katsuwonus pelamis* (Linnaeus, 1758)). Embora o experimento tenha apresentado resultados positivos, as estruturas não resistiram às condições adversas do mar (SILVA et al., 2013). Em 1998, um convênio firmado entre o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul (CEPSUL), o Sindicato dos Armadores e das Indústrias da Pesca de Itajaí e Região (SINDIPI) e o Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca (CONAPE), foi responsável pela instalação de seis boias ancoradas na costa de Santa Catarina (LIMA et al., 2000). Os resultados desse convênio também foram promissores, tendo sido registradas capturas de cerca de 702,5t de peixe, sendo 512t de bonito-listrado, 185t de albacora-laje (*Thunnus albacares* (Bonnaterre, 1788)) e 5,5t de dourado. Por falta de recursos, o acompanhamento das boias e das capturas associadas foi encerrado, mas estima-se que a partir desses experimentos, armadores e empresários de pesca venham lançando neste estado, em média 6 a 8 atratores artificiais simples por embarcação (LIMA et al., 2000).

Além da pesca no entorno de dispositivos agregadores de peixes colocados no mar exclusivamente para esse fim, sabe-se da captura de diversas espécies pelágicas no entorno de plataformas de petróleo, que funcionam como atratores, a exemplo das existentes na costa de Aracaju, as quais, segundo Santos e Andrade (2004), juntamente com boias ancoradas, foram comprovadamente responsáveis por um importante aumento nos desembarques de albacora-laje pela frota brasileira de vara e isca viva em anos recentes. Foram registradas também capturas consideráveis de tunídeos, principalmente albacora-bandolim (*Thunnus obesus* (Lowe, 1839)), utilizando-se o próprio barco como dispositivo agregador, por meio de uma nova estratégia de pesca desenvolvida no sul do Brasil, chamada de “Cardume Associado” (SCHROEDER e CASTELLO, 2007). Por fim, capturas significativas de tunídeos vêm sendo registradas também no entorno de uma das boias do programa PIRATA, fundeada a 323 milhas náuticas do porto pesqueiro de Areia Branca- RN, com o intuito de coletar dados oceanográficos (SILVA et al., 2013).

Apesar dos trabalhos que citam a pesca no entorno desses dispositivos (HAZIN et al., 2000; LIMA et al, 2000; SANTOS e ANDRADE, 2004; LIMA et al., 2011; SILVA et al., 2013), há apenas uma nota acerca da instalação de DAPs experimentais, na região sudeste do país (SCOTT, 1985), e um capítulo de tese sobre a descrição de espécies e peso de indivíduos capturados no entorno de uma boia oceanográfica atuando como um DAP (SILVA, 2013), não havendo, ainda, quaisquer trabalhos relativos à implementação de DAPs experimentais na região nordeste do Brasil, nem muito menos descrições da comunidade íctia associada a esses dispositivos ou do comportamento associativo das espécies, alvo e não-alvo, encontradas no entorno dessas estruturas.

2. Referência bibliográfica

Addis, P., Cau, A., Massutí, E., Merella, P., Sinopoli, M., Andaloro, F. Spatial and temporal changes in the assemblage structure of fishes associated to Fish Aggregating Devices in the Western Mediterranean. Aquat. Living Resour. 19, 149–160. 2006.

Albert, J. A., Beare, D., Schwarz., A, Albert, S., Warren, R., Teri, J., Siota, F., Andrew, N. L.The Contribution of Nearshore Fish Aggregating Devices (FADs) to Food Security and Livelihoods in Solomon Islands. Plos One. DOI:10.1371/journal.pone.0115386. 19p. 2014.

Anderson, J., Gates, P.D. Fishing Aggregating Device (FAD) Manual. Volume I. South Pacific Comission. New Caledonia. 1996.

Baske, A., Gibbon, J., Benn, J., Nickson, A. Estimating the use of drifting Fish Aggregating Devices (FADs) around the globe. Pew Environmental Group. Discussion Paper. 8p. 2012.

Batalyants, K.Y. On the hypothesis of comfortability stipulation of tuna association with natural and artificial floating objects (SCRS/92/45). ICCAT Coll. Doc. Sci. 40(2), 447–453. 1993.

Bell, D. J., Albert, J., Andréfouët, S.,.Andrew, N., Blanc, M., Bright, P., Brogan, D., Campbell, B., Govan, H., Hampton, J., Hanich, Q., Harley, S., Jorari, A., Smith, M. L., Pontifex, S., Sharp M. K., Sokimi, W., Webb, A. Optimising the use of nearshore fish aggregating devices for food security in the Pacific Islands. MarinePolicy 56, 98–105. 2015.

Besednov, L.N. Some data on the ictiofauna of Pacific Ocean Floatsam. Academy of Sciences of the USSR, 41, 192-197. 1960.

Beverly, S., Griffiths D. & Lee, R. Anchored fish aggregating devices for artisanal fisheries in South and Southeast Asia: benefits and risks. FAO Regional Office for Asia and the Pacific, Bangkok, Thailand, RAP Publication 20,65p. 2012.

Bubić T, S., Grubišić L, Tičina V, Katavić I. Temporal and spatial variability of pelagic wild fish assemblages around Atlantic bluefin tuna *Thunnus thynnus* farms in the eastern Adriatic Sea. J Fish Biol. 78(1):78-97. 2011.

Bush, S.R., Mol, A.P.J. Governing in a placeless environment: Sustainability and fish aggregating devices. Environ. Sci. Policy , http://dx.doi.org/10.1016/j.envsci.2014.07.016. 2014.

Cabral, R.B., Alinõ, P.M., Lim, M.T. Modelling the impacts of fish aggregating devices (FADs) and fish enhancing devices (FEDs) and their implications for managing small-scale fishery. ICES Journal of Marine Science; doi:10.1093/icesjms/fst229.10p. 2014.

Capello, M.; Soria, M.; Cotel, P.; Potin, G.; Dagorn, L.; Fréon, P. The heterogeneous spatial and temporal patterns of behavior of small pelagic fish in an array of Fish Aggregating Devices (FADs). Journal of Experimental Marine Biology and Ecology, 430–431, 56 – 62. 2012

Castro JJ, Santiago JA, Santana-Ortega AT. A general theory on fish aggregation to floating objects: an alternative to the meeting point hypothesis. Rev Fish Biol Fish 11:255– 277. 2002.

Dagorn, L., Stretta, J.M. and Petit, M. Etude théorique du phénomène d'aggegation des bancs de thons sous les objects flottants à partir d'un modèle de comportement grégaire des thons (SCRS/94/144). ICCAT. Coll. Doc. Sci. 44(3), 295–307. 1995.

Dagorn, L., Holland, K.N., Restrepo, V., Moreno, G. Is it good or bad to fish with FADs? What are the real impacts of the use of drifting FADs on pelagic marine ecosystems? Fish and Fisheries, 14, 391–415. 2013.

Davies, T.K., Mees, C.C., Gulland, E.J.M. The past, present and future use of drifting fish aggregating devices (FADs) in the Indian Ocean. Marine Policy 45, 163–170. 2014.

Doray, M., Josse, E., Gervain, P., Reynal, L., Chantrel, J. Joint use of echosounding, fishing and video techniques to assess the structure of fish aggregations around moored Fish Aggregating Devices in Martinique (Lesser Antilles). Aquat. Living Resour. 20, 357–366. 2007.

Filmalter, J.D., Capello, M., Deneubourg, J., Cowley, P.D., Dagorn, L. Looking behind the curtain:quantifying massive shark mortality in fish aggregating devices. Front Ecol Environ; doi:10.1890/130045. 11p. 2013.

Freon, P.& Dagorn, L. Review of fish associative behaviour: toward a generalization of the meeting point hypothesis. Reviews in Fish Biology and Fisheries, 10, 183-207. 2000.

Forget, F. G.; Capello, M.; Filmalter, J. D.; Govinden, R.; Soria, M.; Cowley, P. D.; Dagorn. L. Behaviour and vulnerability of target and non-target species at drifting fish aggregating devices (FADs) in the tropical tuna purse seine fishery determined by acoustic telemetry. Can. J. Fish. Aquat. Sci., 2014-0458. 2015.

Gaertner, J.C., Taquet, M., Dagorn, L., Mérigot, B., Aumeeruddy, R., Sancho, G., Itano, D., Visual census around drifting fish aggregating devices (FADs): an innovative approach for assessing the diversity of fish in open-ocean waters. Mar. Ecol. Prog. Ser. 366, 175-186. 2008.

Gooding, R.M. A raft for direct subsurface observations at sea. Special scientific report-fisheries, 527, 1-5. 1965.

Gooding, R.M., Magnuson, J.J. Ecological Significance of a Drifting Object to Pelagic Fishes. Pacific Science, 21, 486-497. 1967.

GOOS-Brasil, Prediction and Research Moored Array in the Tropical Atlantic (PIRATA). Disponível em: < http://www.goosbrasil.org/pirata/>. Acesso em: 24 de agosto de 2016.

Govinden, R., Jauhary, R., Filmalter, J., Forget, F., Soria, M., Adam, S., Dagorn, L. Movement behaviour of skipjack (*Katsuwonus pelamis*) and yellowfin (*Thunnus albacares*) tuna at anchored fish aggregating devices (FADs) in the Maldives, investigated by acoustic telemetry. Aquat. Living Resour. 26, 69–77. 2013.

Guyader, o., Bellanger, M., Reynal, L., Deman`eche, S. & Berthou, P. Fishing strategies, economic performance and management of moored fishing aggregating devices in Guadeloupe. Aquat. Living Resour. 26, 97–105. 2013.

Hallier, J.P. & Fonteneau, A. Tuna aggregation and movement from tagging data: A tuna “hub” inthe Indian Ocean. Fisheries Research 163, 34–43. 2015.

Hazin, F.H.V.; Broadhurst, M.K.; Hazin, H.G. Preliminary analysis of the feasibility of transferring new longline technology to small artisanal vessels of Northeastern Brazil. Marine Fisheries Review, Seattle, 62(1): 27-34. 2000.

Holland, K., Brill, R. and Chang, R.K.C. Horizontal and vertical movements of yellowfin and bigeye tuna associated with fish aggregating devices. Fish. Bull. 88(3), 493–507. 1990.

Holland, K.N., Jaffe, A., Cortez, W. The Fish Aggregating Device (FAD) system of Hawaii. Scientific Report. Session 1. 8p. 2000.

Hunter, J.R. and Mitchell, C.T. Association of fishes with flotsam in the offshore waters of Central America. Fishery Bulletin, 66(1), 13-29. 1967.

Hunter, J.R. and Mitchell, C.T. Field experiments on the attraction of fish to floating objects. J. Cons. Perm. Int. Explor. Mer 31, 427–434. 1968.

Jupiter, S.D.; Cohen, P.J.; Weeks, R.; Tawake, A.; Govan, H. Locally-managed marine areas: multiple objectives and diverse strategies. Pac Conserv Biol 20:165–79. 2014.

Kumoru, L. Notes on the use of FADs in the PNG purse seine fishery. 16th Meeting of the Standing Committee on Tuna and Billfish. Working paper. 8p. 2003.

Lima, J.H.M.; Lin, C.F.; Menezes, A.A.S. As pescarias brasileiras de bonito listrado com vara e isca-viva, no Sudeste e Sul do Brasil, no período de 1980 a 1998. Boletim Técnico Científico do CEPENE, Tamandaré, 8(1): 7-99. 2000.

Lima, J.H.M.; Lin, C.F.; Dias Neto, J.; Menezes, A.A.S. Sobre o uso da rede de cerco na pesca de atuns no Brasil. Boletim Técnico Científico do CEPENE, Tamandaré, 11(1): 81-115. 2011.

Marinha do Brasil. Normas da Autoridade Marítima (NORMAM) 08/DPC. 2014. Disponível em: < https://www.dpc.mar.mil.br/sites/default/files/portarias/port004_14.pdf> Acesso em 19 maio 2016.

Matsumoto, W.M., Kazama, T. K., Aasted, D. C. Anchored Fish Aggregating Devices in Hawaiian Waters. South Pacific Comission. Eleventh regional technical meeting on fisheries. 37p. 1979.

Matsumoto, T., Satoh, K.,Toyonaga, M. Behavior of skipjack tuna (*Katsuwonus pelamis*) associated with adrifting FAD monitored with ultrasonic transmitters in the equatorial central Pacific Ocean. Fisheries Research 157, 78–85. 2014.

Morales-Nin, B., Cannizzaro, L., Massuti, E., Potoschi, A., Andaloro, F. An overview of the FADs fishery in the Mediterranean Sea. Scientific Report. Session 1. 24p. 2000.

Moreno, G.; Dagorn, L.; Capello, M.;Lopez, J.; Filmalter, J., Forget, F.; Sancristobal, I.; Holland, K. Fish aggregating devices (FADs) as scientific platforms. Fisheries Research, 178,122–129. 2015.

Parker, R, W. R.,Vázquez-Rowe, I., Tyedmers, P.H. Fuel performance and carbon footprint of the global purse seine tuna fleet. Journal of Cleaner Production 1-8. 2014.

Rountree, R.A. Association of fishes with Fish Aggregating Devices: effects of structure size on fish abundance. Bull. Mar. Sci. 44(2), 960–972. 1989.

Santos, J.A.T. e Andrade, H.A. A pesca da albacora-laje (*Thunnus albacares*) realizada pela frota brasileira de vara e isca-viva no sudoeste do Oceano Atlântico. Notas Técnicas da FACIMAR, Itajaí, 8: 95-105. 2004.

Scott, P.C. Fish aggregating buoys in Brazil. ICLARM Newsletter, Manilla,: 11p. 1985.

Schroeder, F.A. e Castello, J.P. "Cardume associado": nova modalidade de pesca de atuns no Sul do Brasil – descrição e comparação. Pan-American Journal of Aquatic Sciences, 2(1): 66-74. 2007.

Sempo, G., Dagorn, L., Robert, M., Deneubourg, J. Impact of increasing deployment of artificial floating objects on the spatial distribution of social fish species. Journal of Applied Ecology, 50(5), 1081-1092. 2013.

Silva, G. B. Dinâmica populacional e pesca de atuns em cardumes associados no Atlântico Oeste Equatorial. 2013. 153 p. Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Silva, G.B., Chaves, D.C.B.,Fonteles-Filho, A.A. Aspectos econômicos da pesca de atuns e afins associada a uma boia oceânica no Atlântico oeste equatorial. Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 39(1): 85 – 91. 2013.

Sinopoli, M., Badalamenti, F., D´Anna, G., Gristina, M., Andaloro, F. Size influences the spatial distribution and fish-aggregating device use of five Mediterranean fish species. Fisheries Management and Ecology, 18, 456–466. 2011.

Sinopoli, M., Castriota, L., Vivona, P., Gristina, M., Andaloro, F. Assessing the fish assemblage associated with FADs (Fish Aggregating Devices) in the southern Tyrrhenian Sea using two different professional fishing gears. Fisheries Research 123–124 , 56– 61. 2012.

Stehfest, K.M., Patterson, T.A., Dagorn, L., Holland, K.N., Itano, D. Semmens, J.M. Network analysis of acoustic tracking data reveals the structure and stability of fish aggregations in the ocean. Animal Behaviour 85, 839-848. 2013.

Sokimi W., Beverly S. Small-scale fishing techniques using light: A manual for fishermen. Noumea, New Caledonia: Secretariat of the Pacific Community. ix. 54 p. 2010.

Souza, M. J. F., Deda, M. S., Santos, J. P., Carvalho, B. L. F., Araújo, M. L. G., Filho, E. B. G., Félix D. C. F., & Santos J. C. Estatística pesqueira da costa do Estado de Sergipe e extremo norte da Bahia 2011. São Cristóvão: Editora UFS. 2013.

Taquet, M, Sancho, S, Dagorn, L, Gaertner, J.C. Characterizing fish communities associated with drifting fish aggregating devices (FADs) in the Western Indian Ocean using underwater visual surveys. Aquat Living Resour 20:331-341. 2008.

Taquet, M., Blanc, M., Dagorn, L., Filmalter, J., Fonteneau, A., Forget, F., Gaertner, J.C., Galzin, R., Gervain, P., Gougon, M., Guillotreau, P., Guyader, O., Hall, M., Holland. K., Itano, D., Monteagudo, J.P., Morales-Nin, B., Reynal, L., Sharp, M., Sokimi, W., Tanetoa, M., Yen Kai Sun, S. Artisanal and industrial FADs: A question of scale. Tahiti conference reviews current FAD use and technology. SPC Fish. Newslett. 136, 35-45. 2011.

Taquet, M. Fish aggregating devices (FADs): good or bad fishing tools? A question of scale and knowledge. Aquat. Living Resour. 26, 25–35. 2013.

3. Artigo científico I

BIOMASS AND BEHAVIOR OF PELAGIC FISH AROUND EXPERIMENTAL MOORED FISH AGGREGATING DEVICES (FADS) OFF NORTHEASTERN BRAZIL.

Artigo científico a ser encaminhado a Revista
Marine and Freshwater Research ?

Todas as normas de redação e citação, deste capítulo, atendem as estabelecidas pela referida revista (em anexo).

BIOMASS AND BEHAVIOR OF PELAGIC FISH AROUND EXPERIMENTAL MOORED FISH AGGREGATING DEVICES OFF NORTHEASTERN BRAZIL.

ABSTRACT

The present study provides the first characterization of pelagic fish communities associated to an experimental coastal FAD array located in the continental shelf-break off northeast Brazil, including the species composition, biomass and behavior of recorded fish. Additionally, whether biomass could be explained by physical, abiotic or biotic factors was investigated. A total 14 species, mainly composed by adult individuals, belonging to 9 families were recorded. Higher species richness, fish size, abundance and biomass were found at deeper FADs. Based on the observations, search for food supply was probably the most important reason for the aggregative behavior seen around the devices. The GAMs/GLM showed total fish biomass around FADs could be explained by the FAD depth of anchorage, distance from a pre-existing oceanographic buoy and sea surface temperature. The models for individual species, also presented current velocity and immersion time as significant variables. The results provide unprecedented information on pelagic species associated with DAPs in the country and may be used as a first data base for researchers and even decision makers. These data are also of particular scientific and ecological relevance due to the knowledge scarcity regarding oceanic pelagic fish species.

Key words: pelagic species, coastal FADs, visual census, generalized models.

INTRODUCTION

In different regions of the world, floating structures have been anchored at depths of 50 to 2,500 m specifically to concentrate pelagic species closer to the coast, facilitating their capture by sport and artisanal fisherman (GUYADER et al., 2013; ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015), but few information regarding the fish communities associated to these devices is still known (DORAY et al., 2007; SINOPOLI et al., 2011 and 2012). These structures, also called as fish aggregating devices (FADs), have been used by fishers since ancient times, firstly consisting of floating debris such as trunks and palm leaves naturally found in the ocean (JONES, 1772) and later being constructed primarily of bamboos and palm leaves (MORALES-NIN et al., 2000).

Modern oceanic FADs, with tunas (*Thunnus* spp, *Katswomus pelamis*, (Linnaeus, 1758), *Euthynnus affinis*, Cantor, 1849) as the main target, started to be deployed or anchored from the mid-1970s in different parts of the world, such as the Philippines (1974), Hawaii (1977), Maldives (1980), French Polynesia (1981), Martinique (1982) and Mauritius (1982) (TAQUET et al., 2011). Since then, the use of these devices has spread to all continents, with about 54% of current global tunas catches occurring at these buoys (about 425,000 tonnes in 2009) (PARKER et al., 2014). Due to the great economic and environmental importance of these fishing activities, most of the studies on FAD-associated species have focused on tunas (GOVINDEN et al., 2013; MATSUMOTO et al., 2014; HALLIER & FONTENEAU, 2015).

Many other species, such as dolphinfish (*Coryphaena hippurus*, Linnaeus, 1758), wahoos (*Acanthocybrium solandri*, (Cuvier, 1832), *Scomberomorus* spp.), rainbow runners (*Elagatis bipinnulata*, (Quoy & Gaimard, 1825)) and jacks (*Caranx* spp.), however, are found and captured around these structures (CASTRO et al., 2002). These species have been important in increasing fish production and consumption in local communities (ALBERT et al., 2014), and are commonly captured as bycatch, mainly by industrial purse seiners targeting tunas (DAGORN et al., 2013). Despite the environmental, economic and social importance of the other pelagic associated species, limited research have focused on the characterization of these fish communities (TAQUET et al., 2008; OAKES et al., 2009; SINOPOLI et al., 2011).

The studies made in coastal and oceanic FADs using visual census (ADDIS et al., 2006;GAERTNER et al., 2008; TAQUET et al., 2008) have shown, in general, both oceanic and coastal FADs present juveniles and adults of economically important species, mainly Carangidae, such as rainbow runners, amberjacks (*Seriola* spp.) and jacks. Most times it is also possible to observe dolphinfish around both FAD types. Nevertheless, only in oceanic FADs it is common to observe big fish schools, mainly from the Scombridae family, such as tunas, wahoos and billfishes (Istiophoridae). Other schools of small species may also be observed, such as triggerfish (*Balistes* spp.) and chubs (*Kyphosus* spp.), besides the occurrence of vulnerable species, such as silky sharks (*Carcharhinus falciformes,* (Müller & Henle, 1839)) and oceanic white-tip sharks (*Carcharhinus longimanus,* (Poey, 1861)). Coastal FADs, on the other hand, aggregate mostly young individuals that tend to be distributed closer to the structures. Although they are also visited, in less frequency and quantities, by top predators, such as tunas, the occurrence of sharks is much rarer.

Physical factors, such as FAD characteristics, environmental and oceanographic conditions have been demonstrated to influence the presence, abundance and biomass of fish around FADs (DEMPSTER, 2005, CAPELLO et al., 2013, LOPEZ et al., 2017). Biotic factors, such as the presence of predators, preys, or fish schools, nonetheless, continue to be considered the main drivers for such associations (GOODING e MAGNUSORN, 1967; HUNTER e MITCHELL, 1968; FRÉON e DAGORN, 2000).

In Brazil, artisanal tuna fishing around oil rigs or even anchored oceanographic buoys has grown significantly in the past decade (SOUZA et al, 2013; SILVA et al. 2013). However, up to date, no study has been yet conducted on the description of fish communities around these structures using independent fishery methods. This study provides the first characterization of pelagic fish communities associated to an experimental coastal FAD array located in the continental shelf-break off Northeaster, Brazil, including the species composition, abundance and behavior of the recorded fish. The influence of physical, abiotic and biotic factors on pelagic fishes around these FADs was also investigated.

MATERIALS AND METHODS

STUDY SITE AND FAD ARRAY CHARACTERIZATION

This study was part of a bigger project entitled “Projeto de Implantação de Atratores de Tunídeos e Afins em Meia Água na Plataforma Externa do Litoral de Pernambuco-ATUNA” which aimed at anchoring 5 fish aggregating devices in the shelf-break of Pernambuco State, in order to evaluate the aggregation of pelagic species in their vicinity. The study area was located 20 miles from the Port of Recife, where the FADs were anchored at 50 and 200m depth (Fig. 1). All FADs consisted of a single 1.2m diameter float, a monitoring buoy, a stainless still chain, a positively buoyant rope and four concrete block anchors (1300 kg total) (Fig 2). Two buoys, one at 50 m and one at 200 m depth, also had an underwater aggregative structure consisting of pvc tubes, plastic nets and pieces of ropes (Figs 2 and 3). A buoy from the “Programa Nacional de Boias” (PNBOIA), anchored by the Brazilian Navy

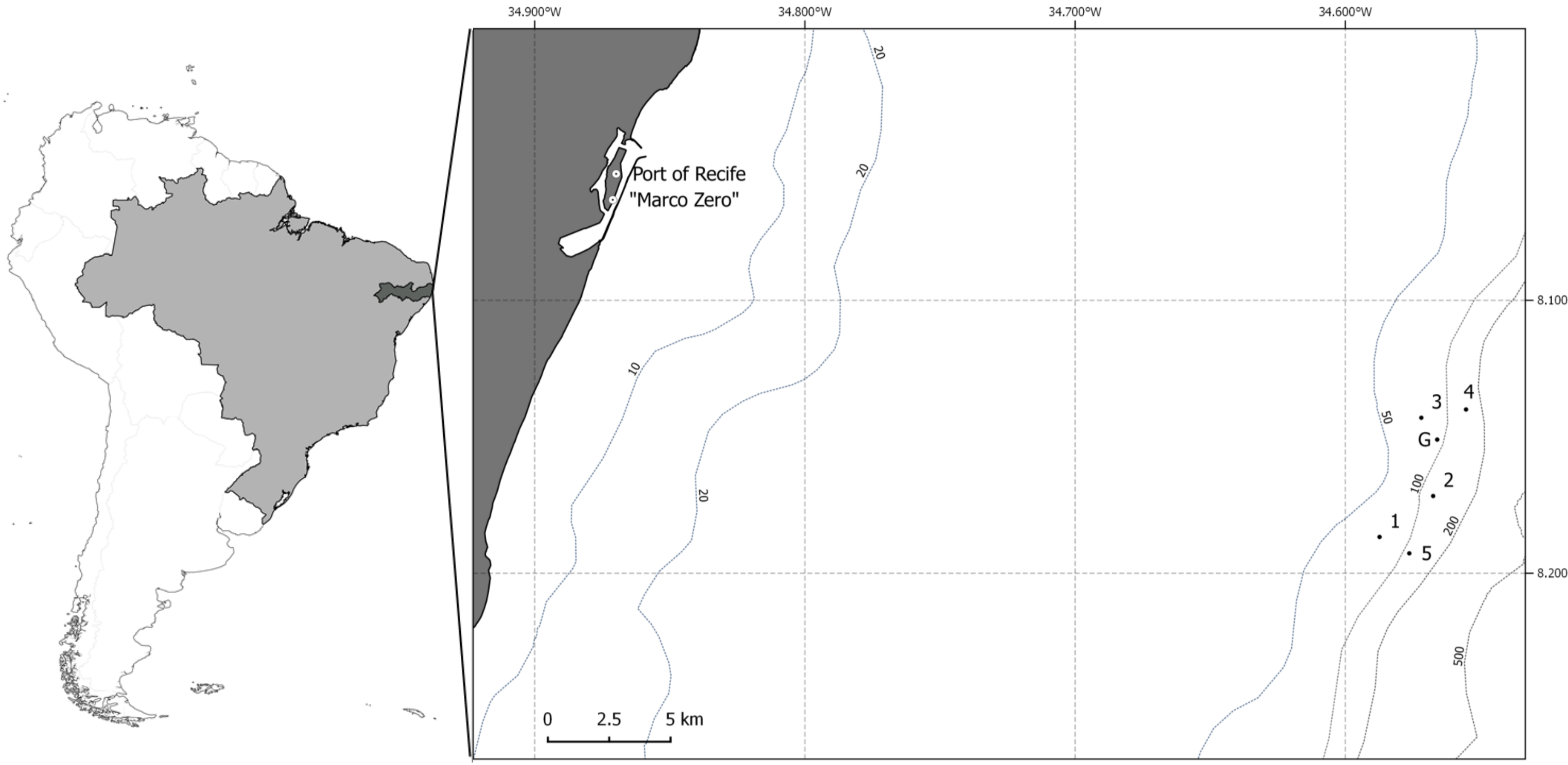


Figure 1. FAD locations. Black dots indicate FAD positions. The gray lines represent the isobaths.   .

and The Global Ocean Observing System- Brasil (GOOS-Brasil) to collect oceanographic data, was already implemented in the study area, during the time of the experiment. It also consisted of a single float (3.4 m diameter), a stainless still chain, a positively buoyant rope and four concrete block anchors (GOOS-Brasil, 2016).

VISUAL CENSUS

Dives were carried out by two divers, in all six FADs, including both equipped FADs (FADs 1 and 2) and the PNBOIA, from September 5th 2015 to September 29th 2016, in order to record the species and abundance of fish located around the buoys (~15 m radius). The data collection methodology was based on Taquet et al. (2008), in which two experienced and trained divers used the visual census technique for 30 min to observe and record the local fish community using underwater cameras for pictures and videos and PVC clipboards for notes. Besides the species and abundance, the size of the fish was also estimated. When individual estimation measurements were not possible due to the large amount of fish, such as in fish schools, the maximum and minimum sizes were estimated for each species. A biomass dive index was calculated for each species using the formula (CINCO, 1982):

$$B_i = a_i * L_i^{b_i} * N_i$$

Where B_i is the biomass index for each species, in grams, a_i and b_i are the length-weight relationship parameters, obtained from available literature (Table 4), L_i is the mean size of each species in each dive and N_i is the total abundance of each species in each dive.

Using the biomass index for each species, a total biomass index (b) was calculated for each dive (TAQUET et al., 2008), as well as the species richness (z) and the total abundance (n). Frequency of occurrence (fo), relative abundance (ra), relative biomass (rb), total abundance (n) and total biomass index (b) were calculated for each recorded species.

Table 1. Position and description of the 4 Fish Aggregating Devices implemented in Pernambuco and the PNBOIA, Brazil, including FAD number, FAD position, FAD anchor depth in meters, presence of aggregative structure:present(P), or absent(A), installation date, and date of removal or loss.

FAD #	**Position**	**Depth ~ (m)**	**Agreg. structure**	**Inst.date**	**Ps.**
1	Lat 8 11´12"S Long 34 35´14.4"W	50	A	07.07.2015	
2	Lat 8 10´18"S **Long 34 34´3''W**	200	A	11.05.2015	Lost in 02.16.16

3	Lat 8 08´34.8"S Long 34 34´18.8"W	50	P	28.11.2015	
4	Lat 8 08´23.9"S Long 34 33´19.2"W	200	P	28.11.2015	Lost in 05.16.16
5	Lat 8 11´33.6"S Long 34 34´34.8"W	200	A	21.01.2016	Lost in 05.16.16
PNBoia(G)	Lat 8 09´3.6"S Long 34 33´57.6"W	200	A	11.07.2012	Removed in 04.08.16

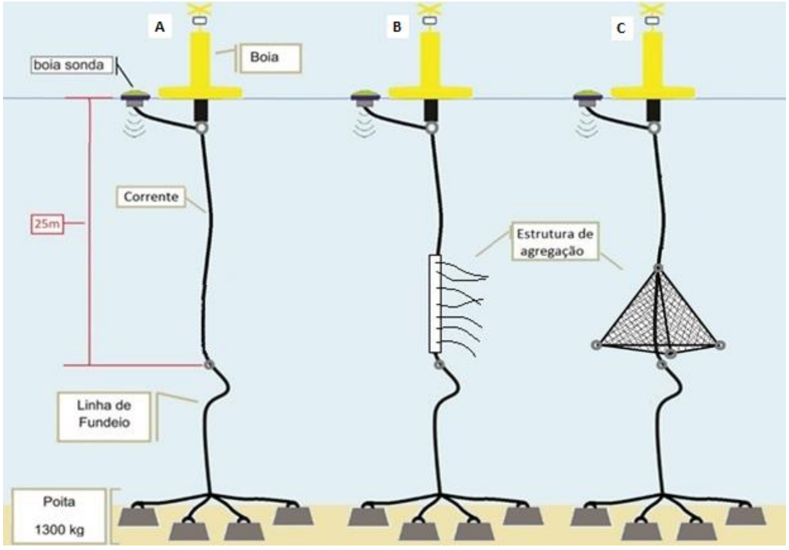


Figure 2. Schematic representation of the components of the implemented FADs, including FADs a) without an underwater aggregative structure (ASA) and, b) and c) with an underwater aggregative structure (ASP).

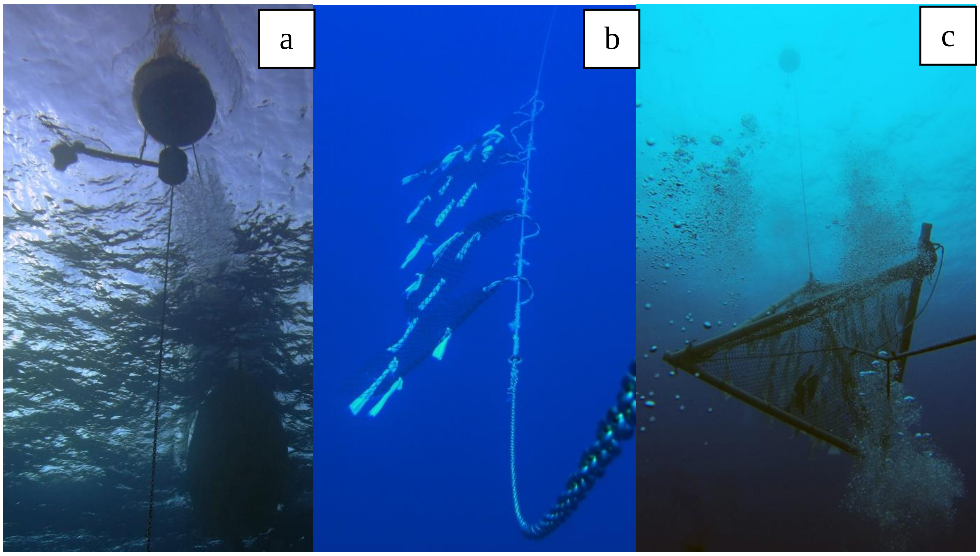


Figure 3. Underwater view from the two types of aggregative structures used: a) absent (ASA); b) and c) present (ASP).

Total fish counts and total fish biomass per species were compared between Diver 1 and Diver 2 to check for significant statistical differences using Mann-Whitney U tests. A linear regression between Diver 1 and Diver 2 counts of all dives was also done to check for correlations between them. No significant statistical differences in fish counts and/or fish biomass were found between divers (*Mann Whitney* test, $p>0.05$) and a strong correlation was found among counts for divers 1 and 2 ($F_{1,33}$, $p<0.01$, $r^2=0.98$). A rarefaction curve was also drafted to check if the sampling effort was enough to obtain a representative sample of the community in the study area (SANDERS, 1968).

A total of eleven data-collection trips were carried out, totalizing 35 dives and 70 visual censuses. Due to oceanographic conditions and logistical problems, it was not possible to perform the same amount of dives in each of the FADs, with a total of 10 dives and 20 visual censuses at FAD1, 7 dives and 14 visual censuses at FAD2, 5 dives and 10 visual censuses at FAD3, 4 dives and 8 visual censuses at FAD4, 2 dives and 4 visual censuses at FAD5, and 7 dives and 14 visual censuses at the PNBOIA (Table 2). All dives were made between 11:00 and 16:00.

Table 2. Dive characteristics, including: dive number, FAD number, FAD depth, FAD latitude, FAD longitude, dive date, dive time, and FAD immersion time in months

Dive	**FAD#**	**Depth**	**Lat.**	**Long.**	**Date**	**Time**	**Imm. Time (mths)**
D1	1	50	8 10,29´S	34 34,06´W	05.09.15	12:50	4
D2					24.10.15	14:40	5
D3					30.10.15	11:25	5
D4					07.11.15	15:01	6
D5					20.11.15	12:02	6
D6					12.12.15	12:10	7
D7					29.02.16	12:27	9
D8					19.03.16	13:10	10
D9					16.06.16	13:06	13
D10					29.09.16	11:00	16
D11	2	200	8 10,31´S	34 34,05´W	05.09.15	14:25	2
D12					24.10.15	13:18	3
D13					30.10.15	12:31	3
D14					07.11.15	15:46	4
D15					20.11.15	11:20	4
D16					05.12.15	12:58	5
D17					12.12.15	13:01	5
D18	3	50	8 09,37´S	34 34,14´W	30.10.15	14:26	0

D19					29.02.16	14:39	4
D20					19.03.16	15:12	5
D21					16.06.16	11:52	8
D22					29.09.16	12:30	11
D23	4	200	8 08,65´S	34 34,28´W	30.10.15	13:56	0
D24					05.12.15	12:03	2
D25					29.02.16	15:12	4
D26					19.03.16	14:50	5
D27	5	200	8 10,29´S	34 34,06´W	29.02.16	13:36	1
D28					19.03.16	13:46	2
D29	P	200	8 09,15´ S	34 33,48´W	24.10.15	15:31	39
D30					30.10.15	13:23	39
D31					07.11.15	16:27	40
D32					05.12.15	13:55	41
D33					12.12.15	14:33	41
D34					29.02.16	15:40	43
D35					19.03.16	15:54	44

ABIOTIC/PHYSICAL/TEMPORAL VARIABLES

In order to evaluate the influence of abiotic/physical/temporal factors on fish biomass around FADs, the following data were used; abiotic: sea surface temperature (SST), moon phase (M), current velocity (CV) and direction (CD) (from 11 to 13.5 m depth), dive visibility (V); physical: FAD location depth (D), presence of underwater aggregative structure (AS), buoy diameter size (S), distance from the PNBOIA (PN); and temporal: soaking time (ST). Sea surface temperature was obtained from NOAA website (www.class.ngdc.noaa.gov). The other oceanographic data were obtained from online available PNBOIA information (http://www.goosbrasil.org/pnboia/).

Since the implemented FADs were relatively close to the PNBOIA (1.1 to 4.77km), the current data were considered to be similar for all the FADs. FAD depths were measured by an echo-sounder. The visibility was estimated and categorized in each dive using a wrist depth gauge and the FAD anchor chain, which connects to the FAD sinking rope at 20m depth. When the divers, from the surface, could see the connection between the chain and the rope, the visibility was considered as “Good”: G (≥20m); when the connection was observed by the divers from a depth up to 10 m, the visibility was considered as “Regular”: R (20m>visib≥10m); and when the connection was only observed from a depth higher than 10m, the visibility was considered as “Bad”: B (<10m).

GENERALIZED LINEAR MODELS (GLMS)/ GENERALIZED ADDITIVE MODELS (GAMS)

The relationship among the variables and fish biomass was tested using Generalized Linear Models- GLMs (MCCULLAGH & NELDER, 1989) and Generalized Additive Models- GAMs (HASTIE & TIBSHIRANI, 1990). The total fish biomass (TB) and the biomass of the most representative species (accounting for 95% of TB) were tested. A previous exploratory analysis of the covariates and the dependent variables was done in order to decide the error distribution family to be used, if variables should be used in qualitative or quantitative form and to check for correlations among covariates. Pearson´s rank correlations were used to test for collinearity. As adopted by Lopez et al. (2017) and Hassrick et al. (2016), the covariate pairs which correlation values were > 0.7 and < −0.7, could not be tested together in the variables selection and ordering process. The selection and ordering process (MCCULLAGH & NELDER, 1989) consisted on the following steps: First, univariate GLMs were done for each of the covariates. The covariate which model residual deviance was the lowest was defined as the first variable. Each of the remaining covariates were then individually added to the model and tested similarly to the first one. Once the second variable was defined, the models with 1 and 2 variables were tested between them using an χ^2-test to check for statistical differences. If statistically different, the second variable was maintained. The third variable was then added to the model, tested and the process continued until there were no statistical differences between models with higher and lower covariate number. Based on the parsimony concept, the latter was then defined as the final model. To confirm the inclusion of the selected variables, a stepwise elimination was performed. If the AIC score increased when the term was added, the covariate was then deleted from the model. The final models were then also tested as Generalized Additive Models. The final models with higher r^2 were chosen. The model diagnosis for all final models was evaluated to ensure all statistical assumptions were met.

Based on the exploratory analysis, a Gaussian error distribution and an identity link were used to model fish biomass around FADs. Fish biomass values were discrepant among counts, therefore, in order to diminish the weight of outliers, the natural logarithm (log(fish biomass)) was used as the dependent variable. No variables presented a correlation value lower than -0.7 or higher than 0.7. M (New – N, Crescent – C, Full – F and Waning – W), D (50 and 200m), AS (FADs 1, 2, 4 and PNBOIA - Absence – A, FADs 3 and 5 - Present – P), V (< 20m – Bad or Regular - BD, ≥20m – Good - G), S (FADs 1, 2, 3, 4 and 6 – 1.2m, PNBOIA – 3.4m) and PN (0km, 0km<PN≤1.5km, <1.5km) were tested as factors. SST in Celsius, CV in mm.s^{-1}, CD and ST in months were tested as numeric variables.

RESULTS

SPECIES COMPOSITION **(FOTOS ANEXO 1)**

From September 2015 to September 2016, in all 70 visual census performed by both divers over 11 days, a total of 16,690 specimens from 14 species belonging to 9 families were recorded in the FADs immediate vicinity (maximum of 15 m from the FADs) (Table 3). The rarefaction curve stabilized towards asymptotic values close to the 50th visual census (Fig.4). This result is important to show the number of samples was sufficient to satisfactorily estimate the species richness of the studied zone. The Carangidae family was the most representative family, with five species observed, followed by the Balistidae family with two species. All other families had one species only. Although large schools were not observed in all dives, FADs always presented fish closely associated to them. Buoys at 200 m depth presented a slightly higher average number of species per count (*n*= 3.1±1.1) than buoys at 50 m depth (*n*= 2.3±1.1) (*Mann-Whitney* test, *p*<0.01) (Fig. 5a).

Fish composition was similar between FAD depths, with all species recorded at 50 m also seen at 200 m depth and only two species (*C. hyppurus* and *Aluterus monocerus*, (Linnaeus, 1758)) exclusively registered at 200 m deep FADs (Table 3). Their frequencies of occurrence, however, differed considerably between depths (Table 4). Deeper buoys had *E. bipinnulata* as the most common species (43%), followed by *Caranx crysos* (Mitchill, 1815) (31%), *Carangoides bartholomaei* (Cuvier, 1833) (17%), *Seriola rivoliana* Valenciennes, 1833 (17%) and *A. monocerus* (17%). Shallower buoys had *E. bipinnulata* (26%) and *C. bartholomaei* (26%) as the most common species, followed by *Decapterus macarellus* (Cuvier, 1833) (9%) and *Lobotes surinamensis* (Bloch, 1790) (9%). Larger predatory species were not commonly observed. *C. hippurus* was only registered at 200 m FADs, with a frequency of occurrence (fo) of 11%. *A. solandri* was observed at both depths with 4% fo at 50 m and 6% fo at 200 m depth. Small juvenile individuals from the Carangidae family (*C. bartholomaei*, *E. bipinnulata*, *C.crysos*, *D. macarelus*) (<10 cm) were observed in almost 46% of the census (29% fo in deeper FADs and 17% in shallower ones).

Most of the registered taxa were mainly represented by adults (~86%), with 4 species presenting both adult and juvenile life phases (*E. bipinnulata*, *C. crysos*, *D. macarelus* and *Psenes cyanophrys* Valenciennes, 1833). All *C. bartholomaei* and *Canthidermis maculata* (Bloch, 1786) were juvenile. Larger individuals of the same species were observed at deeper buoys (*Mann-Whitney* test, *p*=0.02) (Table 3).

Table 3. Fish species recorded around moored Fish Aggregating Devices in the outer continental shelf of Pernambuco Brazil, from visual census performed from September 2015 to September 2016, including the maximum and minimum fish sizes observed in all dives and FADs, the life stage of each species (J-Juvenile, A-Adult) in each FAD depth, the mean fish size for each FAD depth, a and b length parameters per species, and the literature consulted to obtain fish information. (-) indicates the species absence in all dives at the specific depth (50 or 200 m).

Family	**Species**	**Size(cm)**		**Mean size (cm)**		**Life stage**				**Length x Weight parameters**		**Consulted literature**
						50 m		**200 m**				
		Min	**Max**	**50 m**	**200 m**	**J**	**A**	**J**	**A**	**A**	**b**	
Exocoetidae	*Cheilopogon* sp.	30	35	32.5	30.0		X		X	0.012	3.01	Oxenford et al., 1993
Coryphaenidae	*Coryphaena hippurus*	80	100	-	90.7	-	-		X	0.020	2.80	Frota et al., 2004
Echeneidae	*Echeneis naucrates*	40	60	48.3	55.0		X		X	0.001	3.36	Kulbicki et al., 2005
Carangidae	*Elagatis bipinnulata*	5	80	38.4	62.8	X		X	X	0.013	2.92	Schroeder, 1982
	Carangoides bartholomaei	1.5	15	7.2	8.7	X		X		0.072	2.66	Ferreira et al., 1998
	Caranx crysos	10	45	33.2	36.5	X	X		X	0.032	2.95	Ferreira et al., 1998
	Seriola rivoliana	30	50	37.5	37.3		X		X	0.012	2.96	Frota et al., 2004
	Decapterus macarellus	2	15	5.0	5.3	X	X	X	X	0.008	3.14	Magnúson & Magnúson,1987
Lobotidae	*Lobotes surinamensis*	30	60	40.0	55.0		X		X	0.054	2.87	Gumanao et al., 2016
Scombridae	*Acanthocybium solandri*	100	150	106.0	128.3		X		X	0.002	3.27	Frota et al., 2004
Nomeidae	*Psenes cyanophrys*	4	12	9.7	7.0	X	X	X		0.012	2.95	Madeireira & Rossi-Wongtschowski, 2005
Balistidae	*Canthidermis maculata*	10	17	12.5	12.9	X		X		0.018	3.05	Bohnsack & Harper, 1988
	Canthidermis sufflamen	25	50	37.5	45	X	X		X	0.018	3.05	Bohnsack & Harper, 1988
Monacanthidae	*Aluterus monóceros*	35	55	-	42.9	-	-		X	0.019	2.96	Garcia et al., 1998

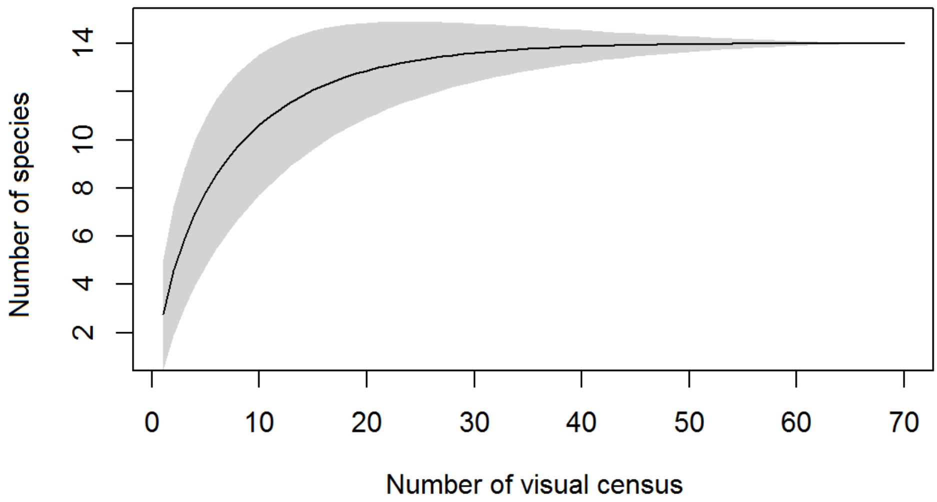


Figure 4. Species rarefaction curve for the 70 visual censuses performed in the experimental FAD array implemented on the continental shelf brake of Pernambuco - Brazil.

FISH ABUNDANCE AND BIOMASS

Fish abundance was highly variable among counts (min.:2, max.:1,300), but at 50m deep FADs the variability in abundance was considerably lower (min.: 5, max.: 131) (Table 5). In general, the four most abundant taxa were *E. bippinulata* (~50%), *C. crysos* (~37%), *D. macarelus* (~5%) and *A. monocerus* (~3%), accounting for approximately 94% of all recorded fish (Table 4). All the other observed species represented less than 1% of all fish counted. The average number of aggregated fish per count was much higher at 200 m deep buoys (388.1 ± 453.3), than at 50 m deep buoys (36.1 ± 34.4) (Fig. 5b). Buoys at 200 m depth presented similar abundances when compared to total abundance values, with *E. bippinulata* (~51%), *C. crysos* (~39%), *D. macarelus* (~5%) and *A. monocerus* (~3%) as the most abundant species, differently from 50 m deep FADs, which presented *C. bartholomaei* (~45%), *E. bippinulata* (~36%) and *D. macarelus* (~11%) as the most representative families, accounting for approximately 92% of all fish.

In terms of biomass, the variability among counts was even higher (min.:0.1 kg, max.:1,560.7 kg), specially at deeper FADs .The average estimated biomass per count differed between FAD depths (50m: 7.4 ± 9.5, and 200m: 379.0 ± 519.6) with deeper FADs accounting for approximately 98% of the total estimated biomass (Fig. 5c) (Table 4). *E. bippinulata* accounted for more than half of the total biomass estimated (~61%), followed by *C. crysos* (~33%) and *A. monocerus* (~4%), similarly to the estimated biomass at 200 m deep FADs. *E. bipinnulata* was also the biggest contributor to the biomass estimated at 50 m buoys (~54%), followed by *A. solandri* (~19%) and *C. crysos* (~9%), summing about 72% of the total biomass calculated at these buoys.

Table 4. Fish species recorded around moored Fish Aggregating Devices in the continental shelf-brake of Pernambuco, Brazil, from visual census performed from September 2015 to September 2016, including: the total number of counts in which the species was recorded (a), approximate frequency of occurrence at 50 and 200 m depth (~fo), the total abundance (n), the biomass index (b) in kilograms, the approximate relative abundance (~ra) at 50, 200 m depth and in total, and relative biomass at 50, 200 m depth and in total.

Family	**Species**	***a***	***~fo* (%)**		***n***	***b* (Kg)**	***~ra*(%)**			***~rb* (%)**		
			50	**200**			**50**	**200**	**Tot**	**50**	**200**	**Tot**
Exocoetidae	*Cheilopogon* sp.	3	3	1	13	5.2	2	0	0	4	0	0
Coryphaenidae	*Coryphaena hippurus*	8	-	11	7	42.7	-	0	0	-	0	1
Echeneidae	*Echeneis naucrates*	8	6	6	5	2.3	1	0	0	1	0	0
Carangidae	*Elagatis bipinnulata*	48	26	43	4164	4667.6	36	51	50	54	61	61
	Carangoides bartholomaei	30	26	17	395	8.4	45	2	5	4	0	0
	Caranx crysos	26	6	31	3077.5	2581.6	2	39	37	9	34	33
	Seriola rivoliana	14	3	17	12	9.6	0	0	0	1	0	0
	Decapterus macarellus	12	9	9	405.5	0.7	11	5	5	0	0	0
Lobotidae	*Lobotus surinamensis*	8	9	3	4	8.4	1	0	0	4	0	0
Scombridae	*Acanthocybium solandri*	7	4	6	5.5	68.9	0	0	0	19	1	1
Nomeidae	*Psenes cyanophrys*	5	4	3	3.5	0.0	0	0	0	0	0	0
Balistidae	*Canthidermis maculata*	8	3	9	11	0.6	1	0	0	0	0	0
	Canthidermis sufflamen	4	3	3	4	6.3	1	0	0	4	0	0
Monacanthidae	*Aluterus monóceros*	12	-	17	212.5	290.0	-	3	3	-	4	4

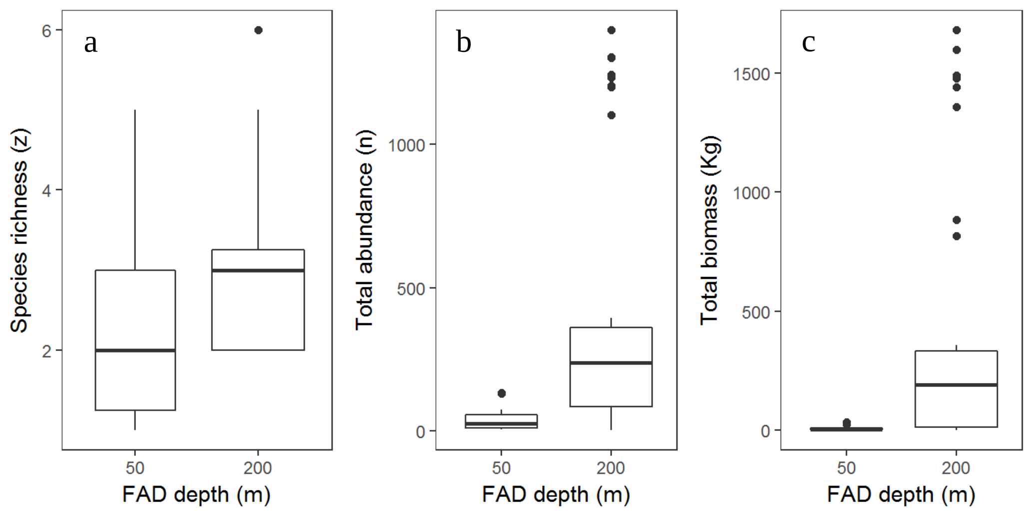


Figure 5. a)Specie richness, b)abundance, and c)estimated biomass per count at both FAD depths (50 and 200 m).

Table 5. Species richness (z), total abundance recorded by Diver 1 (*n*D1), total abundance recorded by Diver 2 (*n*D2), mean total abundance, biomass index for Diver 1 (*b*D1) in kilograms, biomass index for Diver 2 (*b*D2) in kilograms and mean biomass index, for each of the 35 dives performed.

Dive	FAD#	Depth	*z*	*n*D1	*n*D2	Mean *n* + s.d.	*b*D1 (kg)	*b*D2(kg)	Mean *b* (kg) + s.d.
D1	1	50	2	59	60	59.5 + 0.7	1.4	1.2	1.3 + 0.2
D2			1	18	18	18 + 0.0	4.2	4.2	4.2 + 0.0
D3			4	26	26	26 + 0.0	23.8	23.8	23.8 + 0.0
D4			3	28	28	28 + 0.0	4.5	4.5	4.5 + 0.0
D5			1	40	50	45 + 7.1	9.2	11.5	10.4 + 1.6
D6			2	9	9	9 + 0.0	2.2	2.2	2.2 + 0.0
D7			3	5	5	5 + 0.0	5.6	5.6	5.6 + 0.0
D8			4	10	11	10.5 + 0.7	3.7	13.1	8.4 + 6.7
D9			2	14	14	14 + 0.0	2.3	2.3	2.3 + 0.0
D10			1	130	132	131 + 1.4	1.1	1.1	1.1 + 0.0
D11	2	200	3	197	197	197 + 0.0	4.0	4.0	4.0 + 0.0
D12			4	322	312	317 + 7.1	280.7	270.8	275.8 + 7.0
D13			3	358	358	358 + 0.0	316.4	316.4	316.4 + 0.0
D14			3	370	395	382.5 + 17.7	334.1	356.7	345.4 + 16.0
D15			4	1306	1206	1256 + 70.7	883.0	815.7	849.4 + 47.6
D16			3	35	35	35 + 0.0	54.7	54.7	54.7 + 0.0
D17			2	6	6	6 + 0.0	1.7	1.7	1.7 + 0.0
D18	3	50	2	9	9	9+ 0.0	0.0	0.0	0.0 + 0.0
D19			5	35	34	34.5 + 0.7	8.8	8.8	8.8 + 0.0
D20			4	73	75	74 + 1.4	2.4	2.4	2.4 + 0.0
D21			3	73	67	70 + 4.2	35.4	33.8	34.6 + 1.1
D22			1	8	8	8 + 0.0	1.8	1.8	1.8 + 0.0
D23	4	200	3	309	259	284 + 35.4	0.2	0.2	0.2 + 0.0
D24			2	2	2	2 + 0.0	16.9	16.9	16.9 + 0.0
D25			2	5	5	5 + 0.0	1.0	1.0	1.0 + 0.0
D26			3	9	9	9 + 0.0	0.1	0.1	0.1 + 0.0
D27	5	200	5	213	245	229 + 22.6	98.8	127.2	113.0 + 20.1
D28			5	277	232	254.5 + 31.8	291.1	256.7	273.9 + 24.3
D29	P	200	3	1102	1302	1202 + 141.4	1357.5	1597.6	1477.6 + 169.8
D30			2	1200	1400	1300 + 141.4	1440.7	1680.8	1560.7 + 169.8
D31			6	1233	1243	1238 + 7.1	1479.2	1489.9	1484.5 + 7.6
D32			2	101	101	101 + 0.0	154.8	154.8	154.8 + 0.0
D33			3	210	160	185 + 35.4	330.3	248.4	289.4 + 57.8
D34			2	290	260	275 + 21.2	213.0	191.5	202.2 + 15.2
D35			3	102	152	127 + 35.4	128.9	189.9	159.4 + 43.1

FISH BEHAVIOR

All juvenile fish (≤20 cm) (*C. bartholomaei, D. macarelus, E. bipinnulata, C. crysos, P. cyanophrys* and *C. maculata*) and *L. surinamensis* were closely associated to the surface float or to the underwater aggregative structures, hiding behind them when a diver approached or at any sign of danger. Even though the small individuals of *E. bipinnulata* (8 cm maximum) would also protect themselves when divers came near the FADs, they were more often seen attacking the smaller *C. bartholomaei* around them, showing strong predation behavior even at early life stages. Small juvenile fish, especially from the Carangidae family were pretty much only observed when bigger predator fish (*E. bipinnulata, C. hippurus, A. solandri, S. rivoliana, C. crysos*) were not present or were in low numbers (Fig 6).

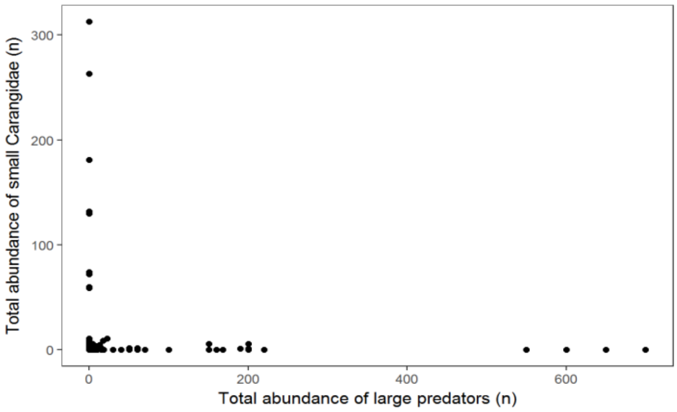


Figure 6. Total abundance per census of juvenile individuals (*C. bartholomaei, D. macarelus, E. bipinnulata, C. crysos, P. cyanophrys*), and total abundance per census of large predator individuals (*E.bipinnulata, C. hippurus, A. solandri, S. rivoliana, C. crysos*).

Adult *E. bipinnulata, C. crysos* and *A. monocerus* were always observed as fish schools. When divers entered the water *E. bipinnulata* and *C. crysos* would usually come to the surface close to the divers, and then return to the vicinity of the FADs. They usually remained from 5 to 25 m depth, but would sometimes swim to deeper waters, out of the visual range of the divers (>35 m deep). In days when currents were stronger, these species would remain at deeper waters, coming, sometimes, closer to the divers at lower depths.

Some individuals of *E. bipinulata* were also seen chafing their sides on the underwater aggregative structures. *C. crysos* were only observed associated to *E. bipinnulata* fish schools, but always presenting similar or lower abundance. Both species were usually seen going up and down the water column, feeding near the surface. They did not demonstrate any clear protective behavior, even when large *A. solandri* were seen near the fish schools.

A. monocerus schools were always seen at higher depths (~25 m). This species never remained at the vicinity of the FAD for the whole duration of a census. It would already be close to the buoy when the divers started the count, or would get close to the FAD when the divers were already there, but always left the FAD before the census was finished. Such behavior might indicate they associate to the FADs but with higher association distances, or are behaving as visitors, remaining associated to the structures for some minutes and then leaving.

S. rivoliana was also only recorded when *E.bipinnulata* schools were present. This species was usually seen in pairs or alone and remained mostly in the surface layer (10-15 m), close to the divers, but would sometimes swim to higher depths following the mooring rope and disappear from the divers' view. *E. naucrates* would appear during the census, in pairs or alone, and follow the divers in whatever depth they were at, until the end of the dive. *Cheilopogon* sp. was seen in small groups, swimming closer to the support boat than to the FAD.

L. surinamensis was always observed alone, hiding under the surface float. *C. suflamen* was also seen alone, hiding under the floating device or in small groups swimming farther from the FAD and quickly disappearing from the diver's visual range. *C. maculata* was only recorded in one diving day in four out of the five FADs visited. Current intensity in that day was pretty intense and the individuals were observed actively swimming in order to remain under the surface float.

A. solandri and *C. hippurus* presented distinct behavior from the other species. When divers entered the water, those fish would come closer to the divers but remaining at a safe distance from them and from the FADs (around 20 m), not allowing any approximation. They would remain in the diver´s visual range for some minutes, frequently disappearing and returning, indicating they were in the FAD area but at further distances. *C. hippurus* was only seen in days when current intensity was markedly strong.

GENERALIZED LINEAR/ADDITIVE MODELS

Since biomass of *E. bippinulata, C. crysos* and *A. monocerus* accounted for approximately 98% of the total biomass, in addition to the model for total fish biomass, biomass models were carried out for only these 3 species, as well. With the exception of the model for *A. monocerus* biomass, the GAMs presented better r^2 than the corresponding GLMs, being thus chosen as the final models (Table 6). Similarly, the GAMs usually presented better AIC scores than equivalent GLMs.

The GAM for the total fish biomass explained 69.6% of the deviance with an r^2 of 0.661. Three covariates were selected following the criteria explained in the Methods section, presented in order of significance: depth of FAD location, distance of the PNBOIA and sea surface temperature (Fig 7a). Higher fish biomass was associated with deeper FADs (200 m), and at the PNBoia. The biomass decreased at a higher rate at the FADs closer to the PNBOIA

(0 km<PN≤1.5 km) than in the ones farther from it (>1.5 km). Fish biomass, on the other hand, decreased at higher (<28.75ºC) and intermediate values (27ºC<SST<27.8ºC) of SST. The GAM for *E. bipinnulata* biomass explained 73.1% of the deviance, with an r^2 of 0.698. The influence of the covariates found at this model were almost identical to the one explained above (Fig. 7b), probably because this species accounted for more than half of the total estimated fish biomass.

The GAM for *C. crysos* biomass had a deviance explained by 66.7%, with an r^2 of 0.628. Three covariates were also selected for this model: FAD depth, Current velocity and Soaking Time (Fig. 7c). Higher *C. crysos* biomass was also associated to deeper FADs. An increase in biomass was also recorded for decreasing current velocities, and for soaking times from 9 to 43 months. Nonetheless, almost no observations with soaking times among these values were obtained, and thus, the results should be interpreted with caution.

Finally, the GLM for *A. monocerus* biomass presented the lowest r^2 value, of 0.256. Two covariates were representative for this model: FAD depth and Current velocity. As in the previous 3 models, higher biomass values were associated with deeper FADs. For this species, specifically, such association was evident since *A. monocerus* were only observed at 200 m deep FADs. An increase in biomass was also recorded with decreasing current intensities.

Table 6. Selected GLM or GAM models for the total fish biomass and the biomass for the 3 most abundant species recorded. Bold r^2 values represent the selected final models. [SST: sea surface temperature; MN:new moon; MC: crescent moon, MF: full moon; MW: waning moon; CV: current velocity; CD: current direction; D50: 50 m FAD depth; D200: 200 m FAD depth; ASA: aggregative structure absent; ASP: aggregative structure present; S1.2: 1.2 m buoy diameter; S3.4: 3.4 m buoy diameter; VBR: bad or regular dive visibility; VG: good dive visibility; PN0: 0 km distance from the PNBOIA; 0<PN≤1.5: distances from the PNBOIA higher to 0km or lower or equal to 1.5 km; PN>1.5: distances higher than 1.5 km from the PNBOIA; ST: Soaking Time; - not selected].

Parameter	**Total Fish Biomass**		***E.bip.* Biomass**		***C.cry.* Biomass**		***A.mon.* Biomass**	
	GLM	**GAM**	**GLM**	**GAM**	**GLM**	**GAM**	**GLM**	**GAM**
r^2	0.648	**0.661**	0.672	**0.698**	0.530	**0.628**	**0.256**	0.227
Dev.explain.(%)	-	69.6	-	73.1	-	66.7	--	-
AIC score	-	225.49	-	225.97	-	232.41	180.88	-
Covariates	**Cov.#**	***P***	**Cov.#**	***P***	**Cov.#**	***p***	**Cov.#**	***P***
SST	3	<0.01	3	<0.01	-	-	-	-
M N	-	-	-	-	-	-	-	-
C	-	-	-	-	-	-	-	-
F	-	-	-	-	-	-	-	-
W	-	-	-	-	-	-	-	-
CV	-	-	-	-	2	<0.01	2	<0.01
CD	-	-	-	-	-	-	-	-
D 50	1	<0.01	1	<0.01	1	<0.01	1	<0.01

	200		<0.01		<0.01		<0.01		<0.01
AS	A	-	-	-	-	-	-	-	-
	P	-	-	-	-	-	-	-	-
S	1.2	-	-	-	-	-	-	-	-
	3.4	-	-	-	-	-	-	-	-
V	BR	-	-	-	-	-	-	-	-
	G	-	-	-	-	-	-	-	-
PN	0		<0.01		<0.01	-	-	-	-
	0<PN≤1.5	2	<0.01	2	<0.01	-	-	-	-
	>1.5		<0.01		<0.01	-	-	-	-
ST		-	-	-	-	3	<0.01	-	-

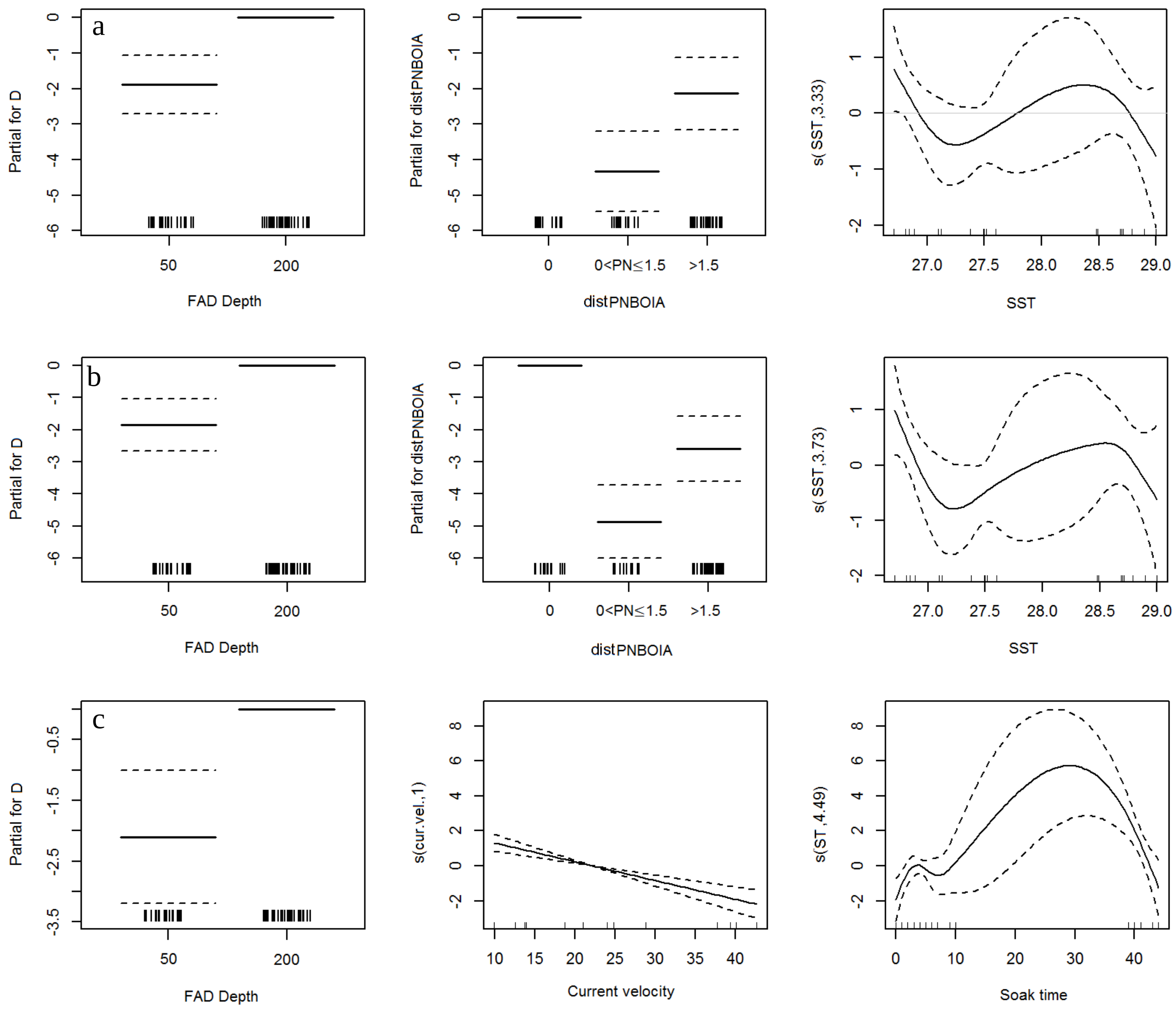


Figure 7. Covariate fits and smoothed fits for: a) total estimated fish biomass (kg), b) *E. bippinulata* estimated biomass (kg), and c) *C.cysos* estimated biomass (kg). The small "tick" lines on the bottom of the graphics shows the distribution of the registered values for each variable. The y-axis represents the centered smooth term contribution to the model on the scale of the linear predictor. Dashed lines represent the approximate 95% confidence interval.

DISCUSSION

Even though visual census around FADs have already been carried out in many parts of the world (DORAY et al; 2007; GAERTNER et al., 2008; SINOPOLI et al., 2012), the present study was the first to assess pelagic fauna around Fish Aggregating Devices in Brazil using fisheries independent methods. Up to date, the only work done in the characterization of FAD associated fish in the country was Silva (2013), who, in one chapter of his thesis, identified and weighed fish caught around an oceanic moored FAD (an oceanographic buoy) in the northeast region of the country.

OBSERVATIONS ON THE SAMPLING EFFORT (VISUAL CENSUS)

It is important to mention the FAD array was not designed especially for this study, precluding a more adequate sampling design to better fit the statistic tests. The sampling design was also affected by environmental and oceanographic conditions, such as big waves and strong currents and winds, causing the premature release of some buoys and also preventing dives at certain places and/or periods. Fishery-independent data in open ocean environments are always harder to obtain than in fishery-dependent/coastal environments, due to the cost and logistic difficulties to access the areas of interest (GAERTNER et al., 2008, MORENO et al., 2015). Such effort, especially at Fish Aggregating Devices, however, is extremely important to obtain information on the ecology of less common species as well as to determine species and life phases of fish hardly sampled by more conventional methods (DEMPSTER & TAQUET, 2004).

Other constraint from the use of visual census was the maximum area covered by them (15 m horizontal radius from the FADs, approximate depth of 40 m), precluding the divers from sampling not only species further from the FADs, but also at greater depths than the ones reached in the dives. The visual censuses were also limited to morning hours, with the possibility of different abundance patterns or new species showing up at night due to diel movement patterns (HELFMAN, 1986). Gooding and Magnuson (1967), in one of the first papers about icthyofauna around FADs, made diurnal and nocturnal census from an observation chamber and estimated population changes in resident species between day and night. Resident fish abundance was always higher during the day than during nighttime.

Besides the restrictions of this census technique, the observation of species not captured by fisherman, especially juvenile individuals, besides the fish behavior and distribution information provided by the visual census, would not be possible with any fishing method, neither with acoustic techniques, emphasizing the need of multiple census methods, including both fishing-independent and dependent methods, for a more complete assessment of FAD communities and impacts (DEMPSTER & TAQUET, 2004; MORENO et al. 2015).

The total amount of samples (35 dives and 70 visual censuses) was much lower than other studies with visual census around FADs at more accessible locations and with simpler designs (ADDIS, 2006; OAKES et al., 2009; SINOPOLI et al.; 2011). The asymptotic values reached at the rarefaction curve, yet, showed the sample effort was adequate to estimate the species richness of the study area (15 m horizontal radius from the FADs, approximate depth of 40 m). Since the oceanic environment is a dynamic place, with extremely mobile species, the asymptotic curve does not suggest the ictiofauna was exhaustively sampled and no new species are expected to occur. An increasing number of samples would eventually result in the appearance of new species, but at low numbers.

According to Taquet et al. (2008), 30 min was recommended as the minimum duration of a visual census around drifting devices to exhaustively identify and count fish around FADs. Each dive in the present study did last for about 30 min, but, in general, a maximum of 20 min was sufficient to determine and count the fish present. Oceanic FADs usually attract a greater number of species than coastal ones with much higher biomass (TAQUET et al. 2013). For shallower coastal moored FADs, as the ones explored in the present study, we considered 20 min an adequate period of survey, with some dives possibly lasting longer due to a higher number of species or individuals.

SPECIES COMPOSITION

In this work, in the 35 dives performed in a 12 months period, 14 species belonging to 9 families were recorded. Other studies using visual censuses in moored FADs in other parts of the world (NELSON, 2003; DEMPSTER, 2005, ADDIS et al., 2006) obtained, in general, close results to the ones found here, especially the number of families recorded. Addis et al. (2006) found 14 species from 9 families in 18 sampling months. Dempster (2005) found 18 species distributed in 9 families over a period of 36 months. In Nelson (2003), from the 26 species observed belonging to 16 families, only 9 species, belonging to 4 families, were pelagic, recorded in 9 sampling days. Even with the high variability in the sampling periods, the differences among species richness registered in the present study and in the other studies mentioned are not discrepant, with a small increase of species with an increasing sampling period, also corroborating with the rarefaction curve.

The species observed around the buoys are known to associate with floating structures (CASTRO et al., 2002) and some of them, such as *A. solandri*, *E. bippinulata*, *C. hippurus*, are commonly found associated to other coastal and oceanic FADs around the world (SILVA et al., 2013; DAGORN et al., 2013; FORGET et al., 2015). In the present study, the Carangidae family was the most observed family. The same result is seen in the vast majority of studies around FADs (CASTRO et al., 2002; ADDIS et al., 2006; TAQUET et al., 2008). Nonetheless, differently from what is usually recorded for coastal moored FADs (CASTRO et al., 1999; NELSON, 2003; DEMPSTER, 2005), most of the observed individuals in the present study were adults, maybe due to the proximity of the FADs to the continental shelf-break, a region known to aggregate pelagic fish (INNISS et al., 2016), including a higher number of adults.

Even though tuna and tuna like species, such as *K. pelamis*, *T. albacares*, and *T. atlanticus*, were usually caught by artisanal and sport fishing in the area[1], they were not observed in any of the dives. Complementary fishing census techniques or the use of echo sounder data would be necessary to estimate the abundance of circumnatant species around the FADs.

FISH BEHAVIOR AND BIOLOGICAL INFLUENCES OF FAD-SPECIES

Based on the observations made, search for food supply (GOODING e MAGNUSORN, 1967) was probably the most important reason for the aggregative behavior seen around the FADs.

Even though juvenile individuals were regularly observed hiding behind the surface float or the underwater aggregative structures as a way to avoid danger (GOODING e MAGNUSORN, 1967; HUNTER e MITCHELL, 1968; ROUNTREE,1989), most of the times they were not recorded when larger fish were present. Whether they were preyed or left the area it is not possible to state, but in either case the FADs were not acting as a good protection site for the fish, probably because there were not enough areas were they could find shelter. Dempster (2005) also only observed *Trachurus* sp. schools when *Seriola lalandi* Valenciennes, 1833 or *C. hippurus* were not present, also demonstrating the presence of predators probably affected the presence of prey. Castro et al. (1999) found much higher zooplankton biomass under anchored FADs than in the surrounding area. Most likely, the juvenile fish associated to the FADs mainly due to greater available food concentrations, also using them as a protection, when possible. *E. bipinnulata* and *C. crysos* when adults were only seen as fish schools presenting similar behavior and distribution around the FADs, often observed going up and down the water column, feeding near the surface. In contrast, single

[1] Travassos, P. E. (Universidade Federal Rural de Pernambuco. Personal communication, 2016)

juvenile individuals of both species were observed mixed to *C. bartholomaei* schools. These species are known to feed on small teleost, crustaceans and mollusks mainly found as micronekton and larger zooplankton (RANDALL, 1996; SLEY et al., 2009; JUNIOR et al., 2017), and are naturally found inhabiting areas near oceanographic features or floating objects due to higher food availability around these places (HOLLAND et al., 1999; CASTRO, 2002).

Junior et al. (2017) found *E. bippinulata* from São Pedro e São Paulo Archipelago (SPSPA) to be mainly micronekton predators, eating specially Euphausiaceae, Brachyura megalopae and *Cavolinia* sp. pteropods, but also opportunistic predating on periodically available abundant prey, such as the case of flying fish at night. The diet of *C. crysos* has been investigated around petroleum platforms in the Gulf of Mexico and similar patterns to *E. bippinulata* were found. The diet consisted mainly of zooplankton during the day but shifted to more visible micronekton and zooplankton during the night (KEENAN et al., 2003), probably due to reduced light intensities (BROWN et al., 2010).

Local sport spear fisherman who captured *E. bippinulata* in the vicinity of the studied FADs informed the research divers that when treating the fish, many small juveniles from the Carangidae family were removed from their stomachs[2]. Even the only recorded juvenile individual of *E. bipinnulata* was seen actively attacking the smaller Carangidae fish present.

It is possible that *E. bippinulata* and *C. crysos* schools remain associated to the FADs strategically feeding on the micronekton and zooplankton present in the area and predating on small juvenile fish when they were available, especially at night.

A. monocerus schools were only observed at higher depths of FADs moored at 200 m and even though they were never seen for the whole duration of a census, they were probably not only quickly passing near the FADs. This species is known to associate under floating objects and to present benthopelagic behavior (KUITER & TONOZUKA, 2001; MUNDY, 2005). They were also commonly and easily captured near the bottom of the FAD vicinities by local artisanal fishers[3]. The fish schools observed in many of the dives probably remained in the FAD area, at higher depths, even thought they were not in the visual range of the divers. *Cheilopogon* sp. and *E. naucrates,* on the other hand, seemed to behave as visitors. Both species are known to live free-swimming and shortly associate to floating objects, especially when younger (OXENFORD et al., 1993; O´TOOLE , 2002). *E. naucrates* is known to rely on hitch-hiking behavior and follow and attach to a wide variety of hosts

[2] Drausio Pinheiro Véras, Yuri de Oliveira Marins(Universidade Federal Rural de Pernambuco., Personal communication. 2016)

[3] Gleidson Tavares(Associação de Pescadores de Brasília Teimosa. Personal Communication. 2016)

(BRUNNSCHWEILER & SAZIMA, 2008), including divers (ANDRADE, 2007). They were probably quickly passing near the FADs and stopped there due to the presence of the divers (*E. naucrates*) or the floating structures (*Cheilopogon* sp.).

L. surinamensis and *C. suflamen* were only seen a few times during the census and were mostly hiding beneath the surface float. For these species, the main driving factors for the observed aggregative behavior were possibly the use of FADs as resting areas (BATALYANTS, 1993) and as refugee sites (ROUNTREE, 1989)

ABIOTIC/PHYSICAL/TEMPORAL INFLUENCES ON FAD-SPECIES

Among all variables evaluated in the present study, the depth in which FADs were anchored was by far the most important physical variable to influence FAD associated fish. It was possible to observe species that were exclusively seen at 200 m deep FADs (*A. monocerus* and *C. hippurus*), as well as higher species richness, bigger fish size of same taxa and higher abundances. Looking at the variables tested in the GAMs/ GLMs, FAD depth was also chosen as the variable of more significance in all 4 biomass models.

Castro et al. (1999) also tested the influence of anchorage depth (50-100, 120-160, and >300 m) in the fish community structure around moored FADs in the Canary Islands. They also found higher species richness and total biomass at deeper FADs. Agenbag et al. (2003), studying environmental preferences of South African pelagic species, found captures of a herring species to strongly increase with water depth, reaching its maximum near the shelf edge. Lopez et al. (2017) using GAMMs to evaluate environmental preferences of fish associated to drifting FADs (dFADs) in the Atlantic Ocean, encountered opposite biomass trends, with lower biomass values at higher depths Probably because drifting FADs are generally located in much higher depths than moored ones (BUSH & MOL, 2014).

Smith and Brown (2002) studied the diversity patterns of pelagic species along a gradient of depth and found a general pattern of steep decrease in fish diversity with increasing depth, but with a diversity peak observed between 100 to 200m, with species richness in this area slightly greater than the shallowest interval (0 to 100 m). The authors discuss this peak could be a result from adequate environmental conditions in the area, but it may also be due to sampling error. Our results support the hypothesis of favorable conditions to pelagic species around 100-200 m depth. Most likely, such pattern could be explained by the fact the shelf-break is usually located within this depth interval, and, as explained before, these areas aggregate a greater number of pelagic species (HOLLAND & GRUBBS, 2007; DUBROCA et al., 2013; INNISS et al., 2016). Some other possible explaining factors could be difficulties in adapting to higher temperatures in shallower waters (MATSUMOTO et al., 2013) and a better visibility at 100-200m than in waters less than 100 m deep, due to the lower amount of sediments from continent,probablyresulting in a more intense feeding activity in these regions.

Current velocity has also influenced the distribution and biomass (which implies abundance) of some species. This variable was the second in significance for *C. crysos* and *A. monocerus* biomass models, with biomass decreasing with increasing current strengths. *C. hippurus* were also only observed around the FADs when current intensities were stronger.

Kakuma (2000) registered higher catches of yellowfin tuna around moored FADs when currents were weak, suggesting tuna abundance to be possibly lower in stronger currents. Our results also corroborate with Dempster (2005), who found the abundance of *A. monocerus* to decrease at higher current intensities, while the abundance of dolphinfish increased with increasing current strength. Capello et al. (2013) found not the abundances but the position of a bigeye scad aggregation (*Selar crumenophthalmus* (Block, 1793)) to be shifted upstream and at increasing distances from a moored FAD with increasing currents.

As observed in the present study as in the other studies mentioned above, the abundance and distribution of smaller species such as *C. crysos*, and *A. monocerus* were affected by stronger currents, possibly due to lower swimming capabilities and higher energy costs in order to remain associated to the FADs (DEMPSTER, 2005).As observed for *E. bippinulata* and *C. crysos*, the species may also have moved to deeper waters where currents were lower, staying out of the diver´s visual range. *C. hippurus*, possibly in order to save energy and using the buoys as a reference point (HUNTER & MITCHELL, 1967; HOLLAND et al, 1990), may have preferred to stay closer associated to the FADs when currents were stronger.

Distance from the PNBOIA was also significant for the total and *E. bippinulata* biomass, being chosen in the GAMs as the second variable of the model. A steep decrease in biomass was observed at FADs closer to the Navy buoy (biomass around 5 times lower than at the PNBOIA), and a significant biomass increase at buoys further from the PNBOIA (biomass approximately double when compared to closer buoys). A possible explanation is the pre-existing Navy buoy was probably holding the fish in its vicinity instead of being a fish source to other areas. Biomass at the PNBOIA was mainly composed by *E. bippinulata* and *C. crysos.* If these fish were already associated to the PNBOIA before the FADs were implemented, they might have preferred to remain there or to go back to a previously chosen location than switch to a new FAD. New fish could also prefer the PNBOIA than the newest FADs because a pre-existing ecosystem could be more attractive to them.

Sea Surface Temperature was the third selected variable for Total and *E. bippinulata* abundance models. In both models fish biomass generally decreased from lower to higher values of SST. Sea surface temperatures in the study area present a general annual variation from 26.1 to 29.7ºC with temperatures above the average (27.8ºC) from December to June (GOOS-Brasil). In the study area, temperatures above the average coincide with dry months, of lower wind and sea currents values (GOOS-Brasil, 2016). These periods are marked as the fishing season, when larger pelagic fish such as tunas, billfishes and other larger pelagic predators are more abundant[4]. Negative correlations of SST and non-tuna species abundance and positive correlations for tuna species were also found by Lopez et al. (2017) around drifting FADs in the Atlantic Ocean. Higher numbers of possible predators is a possible explanation for lower abundances of smaller species around FADs.

Whereas soaking time was chosen as the third variable of the *A. monocerus* biomass model, with an increase in biomass approximately from 10 to 40 months of soaking time, observations during this period were almost inexistent and thus the results should be taken with caution. Castro et al. (1999) found an increased number of species with soaking time, but a stable fish biomass. Looking at the other areas of the graph for this covariate fit, it is possible to see there´s no clear positive correlation from *A. monocerus* biomass and soaking time, which could indicate a complex colonization process (LOPEZ et al., 2017).

The results presented in this study provide unprecedented information on the composition, abundance and behavior of pelagic species associated with DAPs in the country and may be used as a first data base for researchers and even decision makers. These data are also of particular scientific and ecological relevance due to the great knowledge scarcity regarding oceanic pelagic fish species, mainly due to the nektonic behavior of these animals and the difficulty in accessing oceanic environments for regular data collections (GAERTNER et al., 2008).

AKNOWLEDGMENT

We thank Carlos Hudson for his advices regarding models construction, Mariana Coxey for her input in statistical calculations, Victor Fernandes for helping with the maps and Diogo Nunes and Paulo Oliveira for the criticism and advices in the manuscript. We are also grateful to all the staff responsible for dive logistics, José Carlos Pacheco, Rafael Muniz,

[4] Gleidson Tavares(Associação de Pescadores de Brasília Teimosa. Personal Communication. 2016)

Bruno César, Gleidson Tavares and Carlinhos. This study was financed by "Projeto de Implantação de Atratores de Tunídeos e Afins em Meia Água na Plataforma Externa do Litoral de Pernambuco – ATUNA", approved by the public agency FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos).

COMPETING INTERESTS

The authors declare no conflicts of interest.

REFERENCES

Addis, P., Cau, A., Massutí, E., Merella, P., Sinopoli, M., Andaloro, F. Spatial and temporal changes in the assemblage structure of fishes associated to Fish Aggregating Devices in the Western Mediterranean. Aquat. Living Resour. 19, 149–160. 2006.

Agenbag, J. J.; Richardson, A. J.; Demarcq, H.; Fréon, P.; Weeks, S.; Shillington, F. A. Estimating environmental preferences of South African pelagic fish species using catch size- and remote sensing data. Progress in Oceanography 59:275–300. 2003.

Albert, J. A., Beare, D., Schwarz., A, Albert, S., Warren, R., Teri, J., Siota, F., Andrew, N. L.The Contribution of Nearshore Fish Aggregating Devices (FADs) to Food Security and Livelihoods in Solomon Islands. Plos One. DOI:10.1371/journal.pone.0115386. 19p. 2014.

Andrade, A.B.. Echeneis naucrates (Linnaeus) (Perciformes, Echeneidae), unusual interaction with a diver. Pan-American J. Aquat. Sci. 2(1):1. 2007.

Batalyants, K.Y. On the hypothesis of comfortability stipulation of tuna association with natural and artificial floating objects (SCRS/92/45). ICCAT Coll. Doc. Sci. 40(2), 447–453. 1993.

Bell, D. J., Albert, J., Andréfouët, S.,.Andrew, N., Blanc, M., Bright, P., Brogan, D., Campbell, B., Govan, H., Hampton, J., Hanich, Q., Harley, S., Jorari, A., Smith, M. L., Pontifex, S., Sharp M. K., Sokimi, W., Webb, A. Optimising the use of nearshore fish aggregating devices for food security in the Pacific Islands. MarinePolicy 56, 98–105. 2015.

Bohnsack, J.A. & Harper, D.E.. Length-weight relationships of selected marine reef fishes from the southeastern United States and the Caribbean. NOAA Tech. Mem. NMFS-SEFC-215:31 p. 1988.

Brown, H.; Benfield, M. C.; Keenan, S. F.; Powers, S. P. Movement patterns and home ranges of a pelagic carangid fish, Caranx crysos, around a petroleum platform complex. Marine Ecology Progress Series. 403:205-218. 2010.

Brunnschweiler, J., & Sazima, I. A new and unexpected host for the sharksucker (Echeneis naucrates) with a brief review of the echeneid–host interactions. Marine Biodiversity Records, Published Online. 1:1-3. 2008.

Bush, S.R., Mol, A.P.J. 2014. Governing in a placeless environment: Sustainability and fish aggregating devices. Environ. Sci. Policy. Available: <http://dx.doi.org/10.1016/j.envsci.2014.07.016> Access in: 30th June 2017.

Capello, M.; Soria, M.; Potin, G.; Cotel, P.; Dagorn, L. Effect of current and daylight variations on smallpelagic fish aggregations (*Selar crumenophthalmus*) around a coastal fish aggregating device studied by fine-scale acoustic tracking. Aquat Liv Resour. 26:63–68. 2013.

Castro J.J., Santiago J.A. and Hernandez-Garcia V. Fish associated with fish aggregation devices off the Canary Islands (Central-East Atlantic) Sci. Mar. 63(3-4), 191-198. 1999.

Castro JJ, Santiago JA, Santana-Ortega AT. A general theory on fish aggregation to floating objects: an alternative to the meeting point hypothesis. Rev Fish Biol Fish 11:255– 277. 2002.

Cinco, E.. Length-weight relationships of fishes, p. 34-37. In Pauly,D.& Mines, A.N. Small-scale fisheries of San Miguel Bay: biology and stock assessment. ICLARM Tech. Rep. 7, 124 p. 1982.

Dagorn L., Bach P., Josse E. Movement patterns of large bigeye tuna (*Thunnus obesus*) in the open ocean, determined using ultrasonic telemetry. Mar. Biol. 136, 361–371. 2000.

Dagorn, L., Holland, K.N., Restrepo, V., Moreno, G. Is it good or bad to fish with FADs? What are the real impacts of the use of drifting FADs on pelagic marine ecosystems? Fish and Fisheries, 14, 391–415. 2013.

Dempster, T., Taquet, M. Fish aggregation device (FAD) research: gaps in current knowledge and future directions for ecological studies. Reviews in Fish Biology and Fisheries. 14(1):21-42. 2004.

Dempster, T. Temporal variability of pelagic fish assemblages around fish aggregating devices: biological and physical influences. Journal of fish biology. 66, 1237-1260. 2005.

Doray, M., Josse, E., Gervain, P., Reynal, L., Chantrel, J. Joint use of echosounding, fishing and video techniques to assess the structure of fish aggregations around moored Fish Aggregating Devices in Martinique (Lesser Antilles). Aquat. Living Resour. 20, 357–366. 2007.

Dubroca, L.; Chassot, E.; Floch, L.; Demarcq, H.; Assan, C.; Molina, A.D. Seamounts and tuna fisheries: tuna hotspots or fishermen habits? Collect. Vol. Sci. Pap. ICCAT, 69(5): 2087-2102. 2013.

Ferreira, B.P.; Corrêa, F.C.; Ferraz, A.N. Relações morfométricas em peixes recifais da zona econômica exclusiva brasileira, região nordeste. Bol. Téc. Cient. CEPENE 6(1):61-76. 1998.

Forget, F. G.; Capello, M.; Filmalter, J. D.; Govinden, R.; Soria, M.; Cowley, P. D.; Dagorn. L. Behaviour and vulnerability of target and non-target species at drifting fish aggregating devices (FADs) in the tropical tuna purse seine fishery determined by acoustic telemetry. Can. J. Fish. Aquat. Sci., 2014-0458. 2015.

Freon, P.& Dagorn, L. Review of fish associative behaviour: toward a generalization of the meeting point hypothesis. Reviews in Fish Biology and Fisheries, 10, 183-207. 2000.

Frota, L.O., Costa, P.A.S.; Braga, A.C. Length-weight relationships of marine fishes from the central Brazilian coast. NAGA WorldFish Center Q. 27(1&2):20-26. 2004.

Gaertner, J.C., Taquet, M., Dagorn, L., Mérigot, B., Aumeeruddy, R., Sancho, G., Itano, D., Visual census around drifting fish aggregating devices (FADs): an innovative approach for assessing the diversity of fish in open-ocean waters. Mar. Ecol. Prog. Ser. 366, 175-186. 2008.

García, C.B.; Duarte, L.O.; Sandoval, N.; Von Schiller, D.; Melo, G.; Navajas, P. Length-weight relationships of demersal fishes form the Gulf of Salamanca, Colombia. Naga ICLARM Q. 1998.

Gooding, R.M., Magnuson, J.J. Ecological Significance of a Drifting Object to Pelagic Fishes. Pacific Science, 21, 486-497. 1967.

GOOS-Brasil, Programa Nacional de Boias. (PNBOIA). Disponível em: < http://www.goosbrasil.org/pnboia/>. Acesso em: 24 de agosto de 2016.

Govinden, R., Jauhary, R., Filmalter, J., Forget, F., Soria, M., Adam, S., Dagorn, L. Movement behaviour of skipjack (*Katsuwonus pelamis*) and yellowfin (*Thunnus albacares*) tuna at anchored fish aggregating devices (FADs) in the Maldives, investigated by acoustic telemetry. Aquat. Living Resour. 26, 69–77. 2013.

Gumanao, G.S.; Saceda-Cardoza, M.M.; Mueller, B.; Bos, A.R. Length-weight and length-length relationships of 139 Indo-Pacific fish species (Teleostei) from the Davao Gulf, Philippines. J. App. Ichthyol. 332:377-385. 2016.

Guyader, O.;Bellanger, M.; Reynal, L.; Demanèche, S.; Berthou, P. Fishing strategies, economic performance and management of moored fishing aggregating devices in Guadeloupe. Aquat. Living Resour. 26, 97–105. 2013.

Hallier, J.P. & Fonteneau, A. Tuna aggregation and movement from tagging data: A tuna "hub" inthe Indian Ocean. Fisheries Research 163, 34–43. 2015.

Hassrick, J.L., Henderson, M.J., Huff, D.D., Sydeman, W.J., Sabal, M.C., Harding, J.A., Ammann, A.J., Crandall, E.D., Bjorkstedt, E.P., Garza, J.C., Hayes, S.A. Early ocean distribution of juvenile Chinook salmon in an upwelling ecosystem. Fish. Oceanogr. 25, 133–146. 2016.

Hastie, T.J., Tibshirani, R.J. Generalized Additive Models. Monographs on Statistics and Applied Probability 43. Chapman & Hall/CRC, London. 1990.

Helfman, G. S. Fish behavior by day, night and twilight. In The Behaviour of Teleost Fishes (Pitcher, T. J., ed.). Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press. pp. 366–387. 1986.

Holland, K., Brill, R. and Chang, R.K.C. Horizontal and vertical movements of yellowfin and bigeye tuna associated with fish aggregating devices. Fish. Bull. 88(3), 493–507. 1990.

Holland, K.N.; Kleiber, P.; Kajiura, S.M. Different residence times of yellowfin tuna, Thunnus albacares, and bigeye tuna, T. obsesus, found in mixed aggregations over a seamount. Fish Bull 97:392–395,. 1999.

Holland, K.N.; Grubbs, R.D. Fish visitors to seamounts: tunas and billfish at seamounts. In:Pitcher TJ, Morato T, Hart PJB, Clark MR and others (eds) Seamounts:ecology fisheries and conservation. Blackwell Publishing, Oxford, p 189−206. 2007.

Hunter, J.R. and Mitchell, C.T. Association of fishes with flotsam in the offshore waters of Central America. Fishery Bulletin, 66(1), 13-29. 1967.

Hunter, J.R. and Mitchell, C.T. Field experiments on the attraction of fish to floating objects. J. Cons. Perm. Int. Explor. Mer 31, 427–434. 1968.

Inniss, L.; Simcock, A.; Ajawin, A. Y.; Alcala, A.C.; Bernal, P.; Calupong, H. P. et al. The first global integrated marine assessment. United Nations. 2016. Available in: <http://www.un.org/Depts/los/global_reporting/WOA_RegProcess.htm> Access in: 5th June 2017.

Jones, J. Oppian's Halieuticks of the Nature of Fishes and Fishing of the Ancients in V. Books. Translated from the Greek by J. Jones, with an Account of Oppian's Life & Writings, and a Catalogue of His Fishes, Oxford. 221 p. 1772

Junior, T. V.; Hazin, F. H. V.; Lessa, R. P. Pesca e hábitos alimentares do peixe-rei, Elagatis bipinnulata (Quoy & Gaimard, 1825) (Pisces: Carangidae) no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Brasil. Arquivos de Ciências do Mar. 39:61-65. 2017.

Kakuma, S. Current, catch and weight composition of yellowfin tuna with FADs off Okinawa Island, Japan. Peche thoniere et dispositifs de concentration de poisons (Le Gall, J.-Y., Cayre, P. & Taquet, M., eds), pp. 492–501. 2000.

Keenan, S. F.; Benfield, M. C.; Shaw, R. F. Zooplanktivory by blue runner Caranx crysos: a potential energetic subsidy to Gulf of Mexico fish populations at petroleum platforms. Fisheries, Reefs, and Offshore Development. 36:167-180. 2003.

Kuiter, R. H. and Tonozuka, T. Pictorial guide to Indonesian reef fishes, Part 3. Jawfishes - Sunfishes, Opistognathidae - Molidae. Zoonetics, Australia, p. 623-893. 2001.

Kulbicki, M.,Guillemot, N.; Amand, M. A general approach to length-weight relationships for New Caledonian lagoon fishes. Cybium 29(3):235-252. 2005.

Lopez, J.; Moreno, G.; Lennert-Cody, C.; Maunder, M.; Sancristobal, I.; Caballero, A.; Dagorn, L. Environmental preferences of tuna and non-tuna species associated with drifting fish aggregating devices (DFADs) in the Atlantic Ocean, ascertained through fishers' echo-sounder buoys. Deep-Sea Research II. In Press. 2017.

Madureira, L.S.P. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. Prospecção de recursos pesqueiros pelágicos na Zona Econômica Exclusiva da Região Sudeste-Sul do Brasil: hidroacústica e biomassas. Série documentos Revizee: Score Sul, Instituto Oceanográfico, USP, São Paulo, Brazil. 144 p. 2005.

Magnússon, J. & Magnússon, J.V.V. ICEIDA/Cape Verde Islands Fisheries Project. Survey of demersal fish resources in the waters off Cape Verde Islands. IV. Report: summary of information on species. Icelandic International Development Agency/Marine Research Institute. 114 p. 1987.

Matsumoto, T., Kitagawa, T., and Kimura, S. Considerations on diving patterns of bigeye tuna Thunnus obesus based on archival tag data. Fish. Sci. 79(1): 39–46. 2013.

Matsumoto, T., Satoh, K.,Toyonaga, M. Behavior of skipjack tuna (*Katsuwonus pelamis*) associated with adrifting FAD monitored with ultrasonic transmitters in the equatorial central Pacific Ocean. Fisheries Research 157, 78–85. 2014.

McCullagh, P. & Nelder, J. A. Generalized Linear Models. London. New York: Chapman and Hall. 1989. 526pp.

Morales-Nin, B., Cannizzaro, L., Massuti, E., Potoschi, A., Andaloro, F. An overview of the FADs fishery in the Mediterranean Sea. Scientific Report. Session 1. 24p. 2000.

Moreno, G.; Dagorn, L.; Capello, M.;Lopez, J.; Filmalter, J., Forget, F.; Sancristobal, I.; Holland, K. Fish aggregating devices (FADs) as scientific platforms. Fisheries Research, 178,122–129. 2015.

Mundy, B.C. Checklist of the fishes of the Hawaiian Archipelago.. Bishop Mus. Bull. Zool. (6):1-704. 2005.

Nelson, P. A. Marine fish assemblages associated with fish aggregating devices (FADs): effects of fish removal, FAD size, fouling communities, and prior recruits. Fishery Bulletin. 101(4): 835:850. 2003

Oakes, C.T. & Pondella, D. J. The value of a net-cage as a fish aggregating device in southern California. J World Aquacult Soc 40:1−21. 2009.

O'Toole, B. Phylogeny of the species of the superfamily Echeneoidea (Perciformes: Carangoidei: Echeneidae, Rachycentridae, and Coryphaenidae), with an interpretation of echeneid hitchhiking behavior. Can. J. Zoology. 80:596-623. 2002.

Oxenford, H.A.; Mahon, R.; Hunte, W. The eastern Caribbean flyingfish project. OECS Fish. Rep. No. 9. 171 p. 1993.

Parker, R, W. R.,Vázquez-Rowe, I., Tyedmers, P.H. Fuel performance and carbon footprint of the global purse seine tuna fleet. Journal of Cleaner Production 1-8. 2014.

Randall, J.E. Caribbean reef fishes. Third Edition - revised and enlarged. T.F.H. Publications, Inc. Ltd., Hong Kong. 3nd ed. 368 p. 1996.

Rountree, R.A. Association of fishes with Fish Aggregating Devices: effects of structure size on fish abundance. Bull. Mar. Sci. 44(2), 960–972. 1989.

Sanders, H. L. Marine Benthic Diversity: A Comparative Study, The American Naturalist. 102(925): 243-282.1968.

Schroeder, R.E.. Length-weight relationships of fishes from Honda Bay, Palawan, Philippines. Fish. Res. J. Philipp. 7(2):50-53. 1982.

Silva, G.B., Chaves, D.C.B.,Fonteles-Filho, A.A. Aspectos econômicos da pesca de atuns e afins associada a uma boia oceânica no Atlântico oeste equatorial. Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 39(1): 85 – 91. 2013.

Sinopoli, M., Badalamenti, F., D´Anna, G., Gristina, M., Andaloro, F. Size influences the spatial distribution and fish-aggregating device use of five Mediterranean fish species. Fisheries Management and Ecology, 18, 456–466. 2011.

Sinopoli, M., Castriota, L., Vivona, P., Gristina, M., Andaloro, F. Assessing the fish assemblage associated with FADs (Fish Aggregating Devices) in the southern Tyrrhenian Sea using two different professional fishing gears. Fisheries Research 123–124 , 56– 61. 2012.

Sley, A.; Jarboui, O.; Ghorbel, M.; Bouaian, A. Food and feeding habits of Caranx crysos from the Gulf of Gabes (Tunisia). Journal of the Marine Biological Association of the Untited Kingdom. 89:1377-1382. 2009.

Smith, K. F.; Brown, J. H. Patterns of diversity, depth range and body size among pelagic fishes along a gradient of depth. Global Ecology & Biogeography. 11: 313–322. 2002.

Souza, M. J. F., Deda, M. S., Santos, J. P., Carvalho, B. L. F., Araújo, M. L. G., Filho, E. B. G., Félix D. C. F., & Santos J. C. Estatística pesqueira da costa do Estado de Sergipe e extremo norte da Bahia 2011. São Cristóvão: Editora UFS. 2013.

Taquet, M, Sancho, S, Dagorn, L, Gaertner, J.C. Characterizing fish communities associated with drifting fish aggregating devices (FADs) in the Western Indian Ocean using underwater visual surveys. Aquat Living Resour 20:331-341. 2008.

Taquet, M., Blanc, M., Dagorn, L., Filmalter, J., Fonteneau, A., Forget, F., Gaertner, J.C., Galzin, R., Gervain, P., Gougon, M., Guillotreau, P., Guyader, O., Hall, M., Holland. K., Itano, D., Monteagudo, J.P., Morales-Nin, B., Reynal, L., Sharp, M., Sokimi, W., Tanetoa, M., Yen Kai Sun, S. Artisanal and industrial FADs: A question of scale. Tahiti conference reviews current FAD use and technology. SPC Fish. Newslett. 136, 35-45. 2011.

Taquet, M. Fish aggregating devices (FADs): good or bad fishing tools? A question of scale and knowledge. Aquat. Living Resour. 26, 25–35. 2013.

NORMAS DA REVISTA –
MARINE AND FRESHWATER RESEARCH

Author Instructions

All manuscripts should be submitted via ScholarOne Manuscripts.

Publishing Policies

Marine and Freshwater Research insists on high standards of ethical behaviour throughout the publication process. Our journal editors work within the guidelines of the Committee on Publication Ethics (COPE) and International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE). Further information on our policies can be found at http://www.publish.csiro.au/mf/PublishingPolicies.

Peer review

Marine and Freshwater Research is a peer-reviewed journal that uses a single-blind peer-review. The Editor-in-Chief is responsible to maintain high-quality peer-review of papers submitted to the journal and work together with the Associate Editors to ensure a thorough and fair peer-review and the highest scientific publishing standards. All submissions undergo preliminary assessment by the Editor-in-Chief, who may reject a paper before peer review when it is outside the journal's scope or is of insufficient quality. Associate Editors select reviewers and after at least two review reports are received, they make the decision whether to accept/reject or send a manuscript for revision. The final decision is made by the Associate Editor.

Authorship

The conditions around authorship for **Marine and Freshwater Research** should follow the recommendations of the International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), for more information see http://www.publish.csiro.au/mf/PublishingPolicies.

Licence to publish

For details regarding copyright, please see Copyright/Licence to Publish.

Open access

Authors may choose to publish their paper Open Access on payment of a publication fee. See Open Access for more details.

General

To reduce the burden on the editorial team, **Marine and Freshwater Research** does not require pre-submission enquiries to the Editor. Authors should determine if their manuscripts fit the journal's scope before submitting their manuscripts through ScholarOne Manuscripts. Editorial advice and decisions will not be provided on manuscripts submitted to the journal through other means.

Papers will be considered for publication if they make an original and significant contribution to research in the aquatic sciences, and fit the journal's scope. Descriptive papers may be accepted if they are placed in an appropriate conceptual setting and have global relevance. However, papers that are purely taxonomic or parochial, describe preliminary or incremental results, or simply present data with minimal or no context will not be considered. Manuscripts that are focussed on the biology of single taxa and do not provide a sufficient discussion on the ecological implications of their results may not be accepted. The Editor reserves the right to reject poorly prepared or inappropriate manuscripts without sending them for review. Manuscripts may be returned for revision before sending out for peer review if the English expression is poor, the data analysis is inappropriate, or the style deviates considerably from that advocated in this set of instructions.

Marine and Freshwater Research assumes that all authors of a multi-authored paper agree to its submission, and that the results have not been published nor are being considered for publication elsewhere. The journal endeavours to ensure that the work published is that of the named authors except where acknowledged and, through its reviewing procedures, that all published results and conclusions are consistent with the primary data. However, it can take no responsibility for fraud or inaccuracy on the part of the contributors.

Paper categories
Full Papers are complete reports of original research not previously published. *Review* articles should critically summarise relevant work in a specific field and indicate fruitful lines of further research. *Comments* on published papers should be submitted **within one year** of publication of the paper on which comment is being made and will be refereed. Authors of the original paper will be given the right of reply. *Short Communications* should have an abstract and may present results from a brief but well-designed study or deal with important observations not needing lengthy treatment. The Results and Discussion sections may be merged in a *Short Communication*. Isolated factual notes will not be considered.

Presentation
The work should be presented in clear and concise English. All text should be in Times New Roman, 12 point font, with double or 1.5-line spacing throughout, and with a margin of at least 3 cm on the left-hand side. **Every line of each page must be consecutively numbered in the left-hand margin, starting from 1 to the highest numbers needed as this greatly assists the referees.** All pages of the manuscript must be numbered consecutively, including those carrying references, tables and captions to illustrations, all of which are to be placed after the text. Follow the form of headings, tables and illustrations exemplified in recent issues of the Journal.

Supplementary material which is not essential in the printed paper (e.g. large raw data files) but that may be useful to other workers can be lodged with the Editor if submitted with the manuscript for inspection by the referees. Such material will be published online as Supplementary Material in association with the published paper and made available free to all users.

Format
Papers should usually be in the form Title, Abstract, Additional keywords, Introduction, Materials and methods, Results, Discussion, Acknowledgements, Conflicts of Interest and References. If authors choose to combine the Results and Discussion sections, they must also include a Conclusion to summarise their key findings. Consider using subheadings to organize material.

The title should be concise and appropriately informative and should contain all keywords necessary to facilitate retrieval by online search engines. The abstract (< 200 words) should **open with a clear statement of the broad relevance of the work**, briefly summarise the aims and research approach, give the principal findings, and conclude by specifying the main implications of the results to aquatic science. Additional keywords not already in the title or abstract should be listed beneath the abstract. A running head (< 50 letter spaces) should be supplied for use at the top of the printed page.

The Introduction should set the global relevance of the work in the opening sentences. Text should only cover essential background literature and clearly indicate the reason for the work. This section should close with a paragraph specifying aims and, where appropriate, testable hypotheses. In the Materials and methods, sufficient detail should be given to enable the work to be repeated. If a commercial product such as an analytical instrument is mentioned, supply its full model name and location of the manufacturer. Give complete citations and version numbers for computer software. Data analysis must be explained clearly, especially when complex models or novel statistical procedures are used (see Guidelines for data analysis and presentation). Results should be stated concisely and without interpretation (although in complex studies, modest interpretation of some data may provide context helpful for understanding subsequent sections). Data presented should address aims and testable hypotheses raised in the Introduction. Use tables and figures to illustrate the key points but do not repeat their contents in detail. The Discussion should explain the scientific significance of the results in context with the literature, clearly distinguishing factual results from speculation and interpretation. Avoid excessive use of references - more than three to support a claim is usually unnecessary. Limitations of methods should also be addressed where appropriate. Conclude the Discussion with a section on the implications of the findings. Footnotes should be used only when essential. Acknowledgments, including funding information, should appear in a brief statement at the end of the body of the text.

Conflicts of Interest

A ´Conflicts of Interest´ section should be included at the end of the manuscript. It should identify any financial or non-financial (political, personal, professional) interests/relationships that may be interpreted to have influenced the manuscript. If there is no conflict of interest, please include the statement "The authors declare no conflicts of interest".

References

Please strive to make the References section accurate and consistent with the journal´s style. We use the Harvard system. Cite references chronologically in the text by the author and date. Multiple references from the same year should be cited alphabetically. In the text, the names of two coauthors are linked by ´and´; for three or more, the first author´s name is followed by ´*et al.*´.

Avoid excessive citation of references. All references cited in the text must be listed at the end of the paper, with the names of authors arranged alphabetically, then chronologically. No editorial responsibility can be taken for the accuracy of the references so authors are requested to check these with special care.

In the reference list, include the full author list, article title and journal name (i.e. no abbreviations). Papers that have not been accepted for publication must not be included in the list of references. If necessary, they may be cited either as ´unpublished data´ or as ´personal communication´ but the use of such citations is discouraged. Authors must ensure that they have permission to cite material as a personal communication and can provide unpublished data if required by a reviewer.

Pay special attention to punctuation, spelling of author and species names, and titles of articles, books and journals. EndNote provides output styles for **Marine and Freshwater Research**.

- *Journal article*
  Prince, J. D., Sellers, T. L., Ford, W. B., and Talbot, S. R. (1988). Confirmation of a relationship between localised abundance of breeding stock and recruitment for *Haliotis rubra* Leach (Mollusca: Gastropoda). *Journal of Experimental Marine Biology and Ecology* **122**, 91-104.
  Raymond, M., and Rousset, F. (1995). GENEPOP (Version 1.2): population genetics software for exact tests and ecumenicism. *Journal of Heredity* **86**, 248-249.

- *Book chapter*
  Tegner, M. J. (1992). Brood-stock transplants as an approach to abalone stock enhancement. In ´Abalone of the World: Biology, Fisheries and Culture´. (Eds S. A. Shepherd, M. J. Tegner and S. A. Guzmán del Próo.) pp. 461-463. (Blackwell Scientific: Oxford, UK.)
  Wolanski, E., Mazda, Y., and Ridd, P. (1992). Mangrove hydrodynamics. In ´Tropical Mangrove Ecosystems´. (Eds A. I. Robertson and D. M. Alongi.) pp. 43-62. (American Geophysical Union: Washington, DC.)

- *Book*
  Sokal, R. R., and Rohlf, F. J. (1981). ´Biometry. The Principles and Practice of Statistics in Biological Research.´ 2nd Edn. (W. H. Freeman: New York.)
  Attiwill, P. M., and Adams, M. A. (Eds) (1996). ´Nutrition of Eucalypts.´ (CSIRO Publishing: Melbourne.)

- *Thesis*
  Silver, M. W. (1970). An experimental approach to the taxonomy of the genus *Enteromorpha* (L.). PhD Thesis, University of Liverpool.
  Harrison, A. J. (1961). Annual reproductive cycles in the Tasmanian scallop *Notovola meridionalis*. BSc (Hons) Thesis, University of Tasmania, Hobart.

- *Report or Bulletin*
  Chippendale, G. M., and Wolf, L. (1981). The natural distribution of *Eucalyptus* in Australia. Australian National Parks and Wildlife Service, Special Publication No. 6, Canberra.

- *Conference Proceedings*
  Hayman, P. T., and Collett, I. J. (1996). Estimating soil water: to kick, to stick, to core or computer? In ´Proceedings of the 8th Australian Agronomy Conference, Toowoomba, 1 January 1996´. (Ed. M. Asghar.) p. 664. (Australian Society of Agronomy: Toowoomba).
  Kawasu, T., Doi, K., Ohta, T., Shinohara, Y., and Ito, K. (1990). Transformation of eucalypts (*Eucalyptus saligna*) using electroporation. In ´Proceedings of the VIIth International Congress on Plant Tissue and Cell Culture, Florence, 12-17 June 1994´. pp. 64-68. (Amsterdam IAPTC: Amsterdam.)

- *Web-based material*
  Goudet, J. (2001). ´FSTAT, a Program to Estimate and Test Gene Diversities and Fixation Indices (Version 2.9.3).´ Available at http://www2.unil.ch/popgen/softwares/fstat.htm [accessed 15 November 2007].

Tables and Figures

Tables must be numbered with Arabic numerals and have a self-explanatory title. A headnote containing material relevant to the whole table should start on a new line, as it will be set in a different font. Tables should be arranged with regard to the dimensions of the printed page (17.5 by 23 cm) and the number of columns kept to a minimum. Excessive subdivision of column headings is undesirable; use abbreviations that can then be expanded upon in the headnote. The first letter only of headings to rows and columns should be capitalised. The symbol for the unit of measurement should be placed in parentheses beneath the column heading. Footnotes should be kept to a minimum and be reserved for specific items in columns. Horizontal rules should be inserted only above and below column headings and at the foot of the table. Vertical rules must not be used.

All figures must be referred to in the text (e.g., Fig. 1, Fig. 2a-d, Figs 1 and 2), and should be numbered consecutively in the order that they are cited within the paper. Electronic submission of figures is required. Photographs and line drawings should be of the highest quality and, if not created digitally, should be scanned at high-resolution: photographs at 300 dpi at final size, saved as .jpg files; hand-drawn line drawings at least 600 dpi at final size, saved as .tif files. Black-and-white photographs should be saved in greyscale format as .tif or Photoshop files. Labels must be applied electronically to the scanned images in Photoshop, rather than scanning manually labelled figures. Colour figures and photographs must be submitted in CMYK format for printing purposes, not in RGB. Photographs and images must be of the highest quality, and trimmed squarely to exclude irrelevant features. When in a group, adjacent photographs must be separated by uniform spaces that will be 2 mm wide after reduction. A scale bar is desirable on micrographs and photographs lacking reference points. Important features to which attention has been drawn in the text should be indicated.

Line illustrations prepared using either a draw or chart/graph program should be saved in the following formats: encapsulated postscript (.eps) (preferred format); Adobe Illustrator (.ai); or Excel (.xls). Illustrations created using Powerpoint should be saved in PowerPoint or as Windows metafiles (.wmf); CorelDraw files should be saved as .eps or .ai files; charts created on a Macintosh computer should be saved as .eps, .ps or PICT files; SigmaPlot files should be saved in .eps format (postscript printer driver required). **In all cases, they should be editable vector graphic files.** Minimise use of 3D graphs. Remove colours from all charts and graphs that are to be reproduced in black, grey and white.

The lettering of figures must be in sans-serif type (Helvetica is ideal) with only the first letter of the first word of any proper names capitalised, and should not be in bold type. For letter size, the height of a lower-case ´x´ after reduction should be approximately 1.2 mm. Do not use the symbols ´+´ or ´×´ for data points. Grid marks should point inwards and legends to axes should state the quantity being measured and be followed by the appropriate units in parentheses. Thickness of lines on line diagrams at final size must be no less than 0.5 pt. Grouped figures should not exceed 17.5 cm by 23 cm. Colour graphics will be accepted, but the cost of production is borne by the author.

Colour is free of charge in the online versions of your paper. Colour charges are incurred only if you want colour in the print version of the journal, and are ~ AU$300 per page. The exact cost will depend on the number of images and their placement, and can be discussed with the journal’s Production Editor after your manuscript has been accepted for publication. Note that colour may be necessary in the print version of the journal (and will therefore incur colour charges) if the images do not make sense in monochrome.

Please contact the Production Editor for further information.

Supplementary material

In an effort to make best use of printed journal space, **Marine and Freshwater Research** strongly encourages authors to place supporting files such as additional tables, figures and raw data in ´Supplementary Material´, which is linked online to the paper when it is published electronically. Such material is not crucial to the paper's interpretation but would bolster claims, illustrate specific aspects of interest, or expand on a point in the text. There is no special format for Supplementary Material and it should be cited in the main text as ´..available as Supplementary Material...´ or ´(see Supplementary Material)´.

Guidelines for data analysis and presentation

Effective data analysis seeks to summarise and clarify results, enhancing the objectivity with which they are presented and interpreted. If an analysis fails to achieve this, it is probably unsuitable. No matter what analysis is used, the reader must be provided with enough information to independently assess whether the method is appropriate. Therefore, assumptions and models underlying unusual statistical analyses must be clearly stated, usually with supporting references. Even when conventional parametric statistics are used, the reader must be assured that the data satisfied assumptions of normality as well as other specific requirements (e.g. homogeneity of variances). Bayesian and other non-frequentist approaches are welcomed but their application and assumptions must be explained and justified in sufficient detail.

Describing data. Full details of sampling, survey and experimental designs, protocols for collecting data (with references where appropriate), precision of measurements, sampling or experimental units, and sample sizes must be given. Typically, reported values should include the sample size and some measure of precision (e.g. standard errors or specified confidence intervals) of estimates. Presenting data as graphs is invaluable, helping demonstrate trends and illustrate where data might violate statistical assumptions. Tables are useful when specific values are to be presented or the data do not lend themselves readily to graphical presentation. See recent issues of the Journal for examples of effective figures and tables.

Describing statistical analyses. The specific statistical procedure must be stated. If it is an unusual one, it should be explained in sufficient detail, including references where appropriate. All statistics packages used should be cited fully with their version number. Sometimes, it will be necessary to indicate which procedure, method or module within a package was used. If conclusions are based on an analysis of variance or regression, there must be sufficient information to enable the construction of the full analysis of variance table (at least both degrees of freedom, the structure of F-ratios, and *P* values). Indicate which effects were considered fixed or random and explain why. If data are to be pooled or omitted, this should be fully justified.

Actual *P* values are far more informative than ´$P < 0.05$´ or symbols such as ´*´. However, statistical significance should not be confused with effect size and biological importance. Power analyses (i.e. determination of Type II error rates) may be useful, especially if used in conjunction with descriptive procedures like confidence intervals.

Units, nomenclature and formulae

Use SI units for all measurements unless there are valid reasons for not doing so - these will need full explanation. Avoid ambiguous forms of expression such as $mL/m^2/day$. Note that the journal style is to express units with exponential notation (e.g. mg/mL is expressed as mg mL^{-1}).

Measurements of the radiation environment. Measurements of the radiation environment should be presented in terms of irradiance or photon irradiance or both, with the waveband of the radiation specified. Photon irradiance units are particularly advantageous in papers concerned with the quantum efficiency of plant photo-processes. Measurements in terms of luminous flux density should be avoided in papers reporting results in photobiology, including photosynthesis.

Units and nomenclature in physical oceanography. For sea water and the normal range of saline waters in estuaries, use the Practical Salinity Scale of 1978 (see UNESCO Technical Papers in Marine Science numbers 36 and 391, 1981). Within the range of 2-43 ´parts per thousand´ on the old scale (the approximate range within which the Knudsen relationship applies), salinities should be reported as dimensionless values. Scales on figures should be labelled ´Salinity´ without any unit or index. As the quotation of salinities as dimensionless values may puzzle some readers, it is recommended that the Methods section state that salinity values are based on the Practical Salinity Scale of 1978 (PSS 78). Alternatively, salinity can be expressed as weight of solute per thousand parts of solution expressed in units of weight (g kg^{-1}). For uniformity, the same unit should be used in reporting salinities based on historical data. Where salinities are calculated from conductivity ratios measured with a salinometer, the basis of the conversion should be stated. Density of sea water can be calculated from the International Equation of State of Seawater 1980 (IESS 80) and expressed in kilograms per cubic metre.

For other symbols, units and nomenclature in physical oceanography papers, authors should adopt the recommendations of the IAPSO Working Group (SUN Report 1979, Publication Scientifique number 31, International Union of Geodosy and Geophysics, Paris).

Units of current velocity and discharge. Express current velocity as metres per second. Discharge (volume over time) can be expressed as either cubic metres per second or megalitres per day but authors must be consistent in their use of units throughout the paper.

Mathematical formulae. Mathematical formulae should be presented with symbols in correct alignment and adequately spaced. Equations should not be embedded images; use equation editors that result in an editable format. Each formula should be displayed on a single line if possible. During the final proof stage, the author(s) must check formulae very carefully.

Animal and human research ethics

Researchers must have proper regard for the ethical implications of all research involving animals or humans*. Possible adverse consequences of the research for individuals or populations – of any species – must be weighed against the potential gains in knowledge and practical applications. Papers reporting work with animals or humans must include a reference to the code(s) of practice adopted for the research. Permits for ethics clearance for human or animal research, for sampling and for animal handling must be specified clearly in the Acknowledgements. Authors are required to confirm that their research meets the ethical guidelines, including adherence to the legal requirements of the study country, when they submit their manuscript via ScholarOne Manuscripts. Editors should ensure that peer reviewers consider ethical and welfare issues raised by the research they are reviewing, and to request additional information from authors where needed. In situations where there is doubt as to the adherence to appropriate procedures or approval by the relevant ethics committee, editors are required to reject these papers.

*Human research is research conducted with or about people, and may include the involvement of humans through taking part in surveys, interviews or focus groups; being observed by researchers; researchers having access to their personal documents of other information; or access to their information as part of an existing published or unpublished source or database (for more information, see the National Statement on Ethical Conduct in Human Research, 2007). Authors are required to document that a formally constituted review board (Institutional Review Board or Ethics committee) has granted approval for the research to be done, or that the principles outlined in the Declaration of Helsinki regarding human experimentation have been met. Investigators who do not have access to an institutional review board are required to provide a statement to the editor outlining why it was not possible to gain formal ethics approval. If the study is judged exempt from review, a statement from the committee is required. Authors should make an ethics statement within the manuscript to this effect. Authors should also state that the research was undertaken with appropriate informed consent of participants or guardians.

CSIRO Publishing also follows CSIRO's own guidelines on animal welfare and on ethical human research.

4. Artigo científico II

FIRST TELEMETRY EXPERIMENT ON PELAGIC FISH BEHAVIOR AROUND MOORED FADS OFF NORTHEASTERN BRAZIL

Artigo científico a ser encaminhado a Revista
Journal of Applied Ichtyology

Todas as normas de redação e citação, deste capítulo, atendem as estabelecidas pela referida revista (em anexo).

FIRST TELEMETRY EXPERIMENT ON PELAGIC FISH BEHAVIOR AROUND MOORED FADS OFF NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT

In Brazil, FAD fishing has been carried out at least since the mid-1980, but, up to date, no study was conducted on the behavior of pelagic fish species around these structures in order to assess their site fidelity. This study investigated the associative behavior of acoustically-tagged fish within a coastal FAD array off Northeastern Brazil using passive acoustic telemetry. From the 13 tagged fish belonging to 4 species (*Thunnus atlanticus, Coryphaena hyppurus, Acanthocybium solandri* and *Caranx crysos*), 2 *T. atlanticus* and 6 *C. crysos* were detected. Both species presented a preference for a specific FAD but distinct associative patterns were observed; strong site fidelity was recorded for *C. crysos*, different from what was registered for *T. atlanticus.* Faster excursions far from the FADs during the day and smaller number of longer excursions during the night were recorded for *C. crysos*. Higher numbers of detections during nighttime were also observed for this species. The observed general pattern of independent *C. crysos* departures, plus the observation of a certain synchronicity in departure events of some individuals, suggests the existence of small fish schools rather than just a bigger one. We discussed the correlations between biological (food availability, presence of predators, natural behavior, and stress) and physical factors (FAD depth of anchorage, visibility, current speed and direction, and proximity to the continental shelf-break) and the associative behavior patterns recorded.

Key words: acoustic tagging, pelagic fish, coastal FADs, associative behavior.

INTRODUCTION

Fish Aggregating Devices (FADs) have been used by fishermen since ancient times in order to enhance their fisheries due to the natural behavior of many pelagic fish species to aggregate around floating objects (MORALES-NIN et al., 2000). At first, FADs consisted of floating debris such as trunks and palm leaves, naturally found in the ocean (JONES, 1772). More recently, besides the use of these naturally found FADs, fishermen also started to construct them, primarily of bamboos and palm leaves (MORALES-NIN et al., 2000). Since the 1960s, modern FADs, produced with manmade materials, have been released or anchored in oceanic and coastal regions (TAQUET et al., 2013), reaching, nowadays, tens of thousands of FADs disseminated across all five oceans (BASKE et al., 2012).

Coastal and oceanic anchored FADs are mainly used by artisanal and sport fisherman, targeting tuna and other pelagic species (TAQUET et al., 2013), being also used by semi industrial tuna fishers in the Maldives (ADAM et al., 2015). Oceanic drifting FADs are primarily used by industrial purse seiners, having tunas as their target species (TAQUET et al., 2013). Purse seine fishing around FADs has been currently responsible for more than 50% of the tuna catches worldwide (PARKER et al., 2014). Due to the great economic and environmental importance of these activities, most of the studies dedicated to the behavior of FAD-associated species, and the relationship between the fish and the devices have focused on tuna (GOVINDEN et al., 2013; MATSUMOTO et al., 2014; HALLIER & FONTENEAU, 2015).

The other species found and captured around FADs, including fish of economic importance, especially to artisanal fisheries (ALBERT et al., 2014), such as dolphinfish (*Coryphaena hippurus*, Linnaeus, 1758), wahoos (*Acanthocybrium* *solandri*, (Cuvier, 1832), *Scomberomorus* spp.), rainbow runners (*Elagatis bipinnulata*, (Quoy & Gaimard, 1825)) and jacks (*Caranx* spp.), are most of times captured as bycatch (DAGORN et al., 2013), further increasing the concern about the impact of this type of fishing on these pelagic environments (MORENO et al., 2015). From 17.4 to 89.3 tons of bycatch are captured by 1000 tons of tunas landed, varying from ocean to ocean (DAGORN et al., 2013). These numbers are 2.8 to 6.7 times higher than bycatch on free swimming tuna schools (DAGORN et al., 2013). The Atlantic Ocean presents the highest catches of unwanted species, representing 3 times more bycatch than on free swimming tuna schools (DAGORN et al., 2013). Catches of pelagic species associated to FADs, others than tunas, have also been discussed regarding their value to sport fishing and food security in coastal communities (HOLLAND et al., 2000; ALBERT et al., 2014; BELL et al., 2015).

Despite the environmental, economic and social importance of these species, and the development of the ecosystem-based approach to fisheries management (PIKITCH, 2004), limited research have focused on the associative behavior of these species (CAPELLO et al., 2012; FORGET et al., 2015), leaving, still, a great lack of information on the ecology and health status of their populations (TAQUET et al., 2008; MORENO et al., 2015).

In Brazil, tuna fishing associated with oil rigs or even anchored oceanographic buoys have already demonstrated their use in artisanal fisheries (SOUZA et al, 2013; SILVA et al. 2013). However, no study was conducted on the behavior of pelagic fish species around these anchored structures in order to assess their site fidelity. In this study, we investigated the associative behavior of acoustically-tagged fish within a coastal FAD array located offshore the city of Recife, Pernambuco (Brazil). These are the first data ever collected about the behavior of pelagic species associated with FADs in Brazil.

MATERIALS AND METHODS

Study site and FAD array instrumentation (FOTOS ANEXO 2)

The study area is located 20 miles from the Port of Recife, Pernambuco, Brazil, where 4 FADs were anchored, two at 50 m and two at 200 m depth (Fig. 1). All FADs consisted of a single float, all of same size, a monitoring buoy, a stainless still chain, a positively buoyant rope and four concrete block anchors. A buoy from the “Programa Nacional de Boias” (PNBOIA), anchored by the Brazilian Navy and The Global Ocean Observing System – Brasil (GOOS-Brasil) to collect oceanographic data, was already implemented in the study area during the time of the experiment.

When the tagging operations were carried out, only 2 FADs were already deployed (FADs 1 and 2 in Fig. 1). at 50 and 200m depth, respectively (Table 1). Each FAD was equipped with a Vemco VR2 acoustic receiver (VEMCO, a division of Amarix Ltd., Canada). The receivers were attached.at 15m depth, from 3rd of November 2015 until 29th of February 2016, and continuously recorded the presence of tagged fish Due to financial and logistical difficulties, it was not possible to conduct a detection range test with the transmitters, but using the range calculator from Vemco´s website (www.vemco.com), it was possible to estimate the ranges for the V13 tags from 406 m to 551 m(for winds 11 to 16 knots) and for the V9 tags from 363 m to 501 m (for winds 11 to 16 knots).

Table 1. Position and description of the 4 Fish Aggregating Devices implemented in Pernambuco and the PNBOIA, Brazil. FADs 1 and 2 were instrumented with acoustic receivers.

FAD #	Position	Depth ~ (m)	Inst.date
1	Lat 8 11´12''S Long 34 35´14.4''W	50	07.07.2015
2	Lat 8 10´18''S Long 34 34´3''W	200	11.05.2015

3	Lat 8 08´34.8"S Long 34 34´18.8"W	50	28.11.2015
4	Lat 8 08´23.9"S Long 34 33´19.2"W	200	28.11.2015
PNBOIA(G)	Lat 8 09´3.6"S Long 34 33´57.6"W	200	11.07.2012

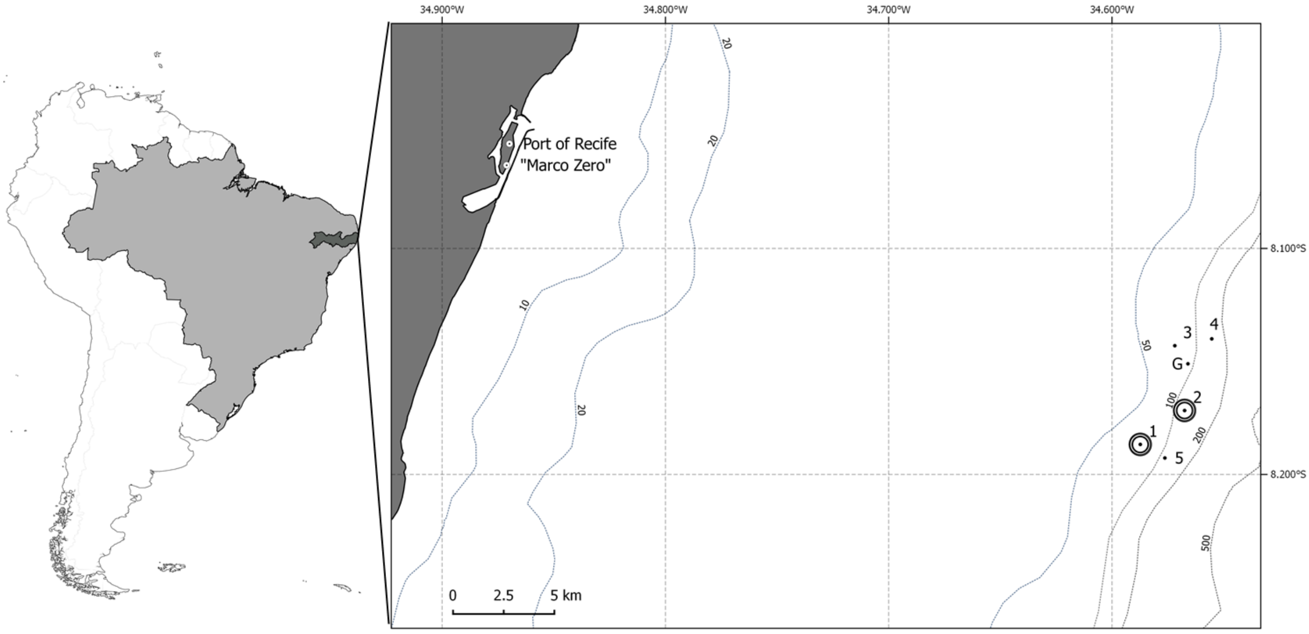


Figure 1. Map of FAD locations. Black dots indicate FAD positions. Black dots surrounded by open circles indicate FADs instrumented with VR2 receivers. Open circles represent the detection range of the receivers. The gray lines represent the isobaths.

Tagging procedures (FOTOS ANEXO 3)

Two acoustic tagging cruises were held around the instrumented FADs, one in November 3rd and the other one in November 6th 2015. The fish were captured using different techniques, trolling, rod and reels or hand lines, with the use of hooks without barbs to diminish fish injuries. In order to capture large pelagic predator fish associated to the FADs, trolling was carried out with the boat navigating from one FAD to the other; for smaller fish which are usually closely associated to the devices, the boat was positioned right next the buoy and trolling was switched to pole and line fishing.

When hooked, fish were carefully transferred to a V format table, where its eyes were covered with a wet towel to calm them, and a rose was allocated towards the mouth of the fish in order to supply oxygen to the gills. Only apparently healthy fish were measured (Fork Length – FL) and then tagged with coded Vemco V9 and V13 - 69kHz acoustic transmitters. The transmitters were surgically implanted according to insertion techniques previously adopted (MEYER et al., 2000; SORIA et al., 2009, GOVINDEN et al., 2013). After the tagging, the fish were immediately released back to the water and the GPS position was registered. Aiming the fast recovery of the fish, the total duration of the tagging procedure did not exceed 2 minutes, which also implies that the capture position was very similar to the release position.

A total of 13 fish of 4 different species, 4 *Thunnus atlanticus* (Lesson, 1831), *2 Acanthocybium solandri*, *1 Coryphaena hippurus* and 6 *Caranx crysos* (Mitchill, 1815), were tagged in both cruises (Table 2). The size of the *T. atlanticus* ranged from 39 to 43 cm fork length, *A. solandri* from 95 to 100 cm, *C. hyppurus* had a 70 cm fork length and the *C. crysos* ranged from 28 to 33cm fork length (Table 2). All tagged fish were captured and released closer to FAD2 than FAD1 (Fig 2).

Table 2. Acoustically tagged fish summary: date of capture, fish species, fish size (Fork Length), type of tag, release position, distance of release position to FAD1 and distance of release position to FAD 2.

Species	ID	Date	FL (cm)	Tag type	Release position	Distance to FAD 1 (km) -	Distance to FAD2 (km) -
T. atlanticus	TATL1	03.11.15	43	V13	8 10,48'7 S 34 34,39'1 W	1.894	0.855
	TATL2	03.11.15	42	V13	8 10,58'7 S 34 34,53'1 W	1.577	1.171
	TATL3	03.11.15	39	V13	8 10,49'5 S 34 34,53'1 W	1.722	1.042
.	TATL4	06.11.15	40	V13	8 10,51'2 S 34 34, 41'4 W	1.855	0.903
A. solandri	ASOL1	03.11.15	95	V13	8 10,32'8 S 34 34,27'8 W	2.066	0.708
	ASOL2	06.11.15	100	V13	8 10,29'6 S 34 34,28'6 W	2.178	0.628
C. hippurus	CHIP1	06.11.15	70	V13	8 10,16'6 S 43 43,00 W	2.865	0.118
C. crysos	CCRY1	06.11.15	29	V9	8 10,17'4 S 34 34,05'8 W	2.635	0.271

CCRY2	06.11.15	30	V13	8 10,19'4 S 34 34,02'4 W	2.744	0.105
CCRY3	06.11.15	28	V13	8 10,18'9 S 34 34,03'4 W	2.645	0.102
CCRY4	06.11.15	32	V13	8 10,17'6 S 34 34,03'4 W	2.715	0.102
CCRY5	06.11.15	33	V13	8 10,17'7 S 34 34,02'0 W	2.806	0.060
CCRY6	06.11.15	31	V13	8 10,18'9 S 34 34,04'5 W	2.607	0.145

Data Analysis

In order to investigate the site fidelity and behavior of the tagged fish, the amount of visits and time spent by the fish around the FADs was obtained using Total Residence Times (TRTs), defined as the total time detected by the acoustic receivers, spent by the fish in the FAD array (ROBERT et al., 2012), and Continuous Residence Times (CRTs), defined as the total detection time of a tagged fish by an acoustic receiver without absences of predetermined time intervals, known as Maximum Blanking Periods (MBP) (CAPELLO et al., 2015). In this study, due to the difference in the behavior of the 4 species investigated, two distinct MBPs were utilized; for a smaller and a larger timescales. For the larger timescale, the MBP used was a 24h interval, also called as “day-scale absence”, usually used in studies which focus tuna and other large pelagic fish (DAGORN et al., 2007; TAQUET et al., 2007; GOVINDEN et al., 2013), especially because of their long excursions far from the FADs, mainly for feeding purposes (HOLLAND et al., 1990; GIRARD et al., 2007). The second MBP, for the smaller timescale, was used to analyze the fine-scale behavior of the tagged fish (SORIA et al., 2009; CAPELLO et al., 2012 and 2013), mainly *C.crysos*, known to stay closer associated to the FADs than the other 3 species. The smaller MBP was calculated based on Capello et al. (2015) who developed a methodological framework to estimate the optimal Maximum Blanking Period to be used in passive acoustic data analysis, which are free of bias from external noise, ideal to study fine-scale behavior data. The method is based on survival curve analysis of CRTs with incremental values of MBPs. In the present study, the optimal MBP found was 20 min.

The total number of detections per hour, also known as presence rate, was analyzed for all the *C. crysos* which stayed associated to the FAD for more than a day, using a Mann Whitney U test (FORGET et al., 2015), in order to investigate day-night differences in the presence rate of the species. Sunrise and sunset in Recife during summer time, season when the fish were tagged, is around 5am and 5pm, respectively (CPTEC, 2016). Thus, day was considered from 5am to 4:59pm and night from 5pm to 4:59am. The departure times of the *C.crysos* at the fine-scale CRTs were also analyzed to investigate day-night departure differences and to determine if some fish could have left the FAD simultaneously. For this purpose, the time interval at which the last fish detections were considered to be simultaneous departures was identified choosing the largest value between the time period obtained through the collision calculator from Vemco website (www.vemco.com), and the lowest MBP calculated through Capello et al. (2015) method. The time period calculated at Vemco website is based on the transmission interval of the acoustic tags and possible collisions of acoustic signals emitted at the same time. The lowest MBP from Capello et al. (2015) is the minimum time period obtained free from noise uncertainties. The largest value chosen between both time periods was, then, free from noise and collision bias. The transmission interval, also known as “delay”, for V9 and V13 tags is 90s, and the minimum time period to detect all 13 tagged fish if they were all in the detection range of the receiver at the same time was 5 min, however the lowest MBP found through Capello et al. (2015) method was also 20 min. Thus, fish leaving the FADs within 20 min interval were considered to leave simultaneously.

Finally, the total time of an excursion far from the FAD, also called as Continuous Absence Time (CAT) was obtained and then the maximum distance of an excursion (MED) from a fish which departed and returned to the same FAD less than 24 hr later was calculated considering a linear movement at a mean speed (1 body length per second, CAPELLO et al., 2012). The maximum excursion distance *D(t)* was defined as:

$$D(t) = FLt_i \frac{1}{2}$$

where FL is the fork length of the fish in meters, and t is the total absence time of the fish at the FAD in seconds.

Current velocity and direction data were plotted against associated and non-associated periods in order to check for current influence. Current direction data were categorized into 8 direction classes: North-N (0o-22.4o and 337.5o -360.0o), Northeast-NE (22.5o -67.4o), East-E (67.5o -112.4o), Southeast-SE (112.5o -157.4o), South-S (157.5o -202.4o), Southwest-SW (202.5o -247.4o), West-W (247.5o -292.4o), and Northwest-NW (292.5o -337.4o). Current intensities were tested for significant statistic differences (Kruskal-Wallis Test) among the 8 direction categories.

RESULTS

Acoustic tagging procedures

From the 13 tagged fish, 2 *T. atlaticus* (TALT3, TATL4), 2 *A. solandri* (ASOL1, ASOL2) and the *C. hippururs* (CHIP1) were never detected while 1 *C.crysos* (CCRY6) was detected only twice, being excluded from the analysis. A total of 7 detected fish were then analyzed, 2 *T.atlanticus* and 5 *C.crysos*. Except by one of the *C.crysos* (CCRY3), which visited both FADs, the other six fish were just detected at the FAD closer to their release position, FAD 2 (Table 2).

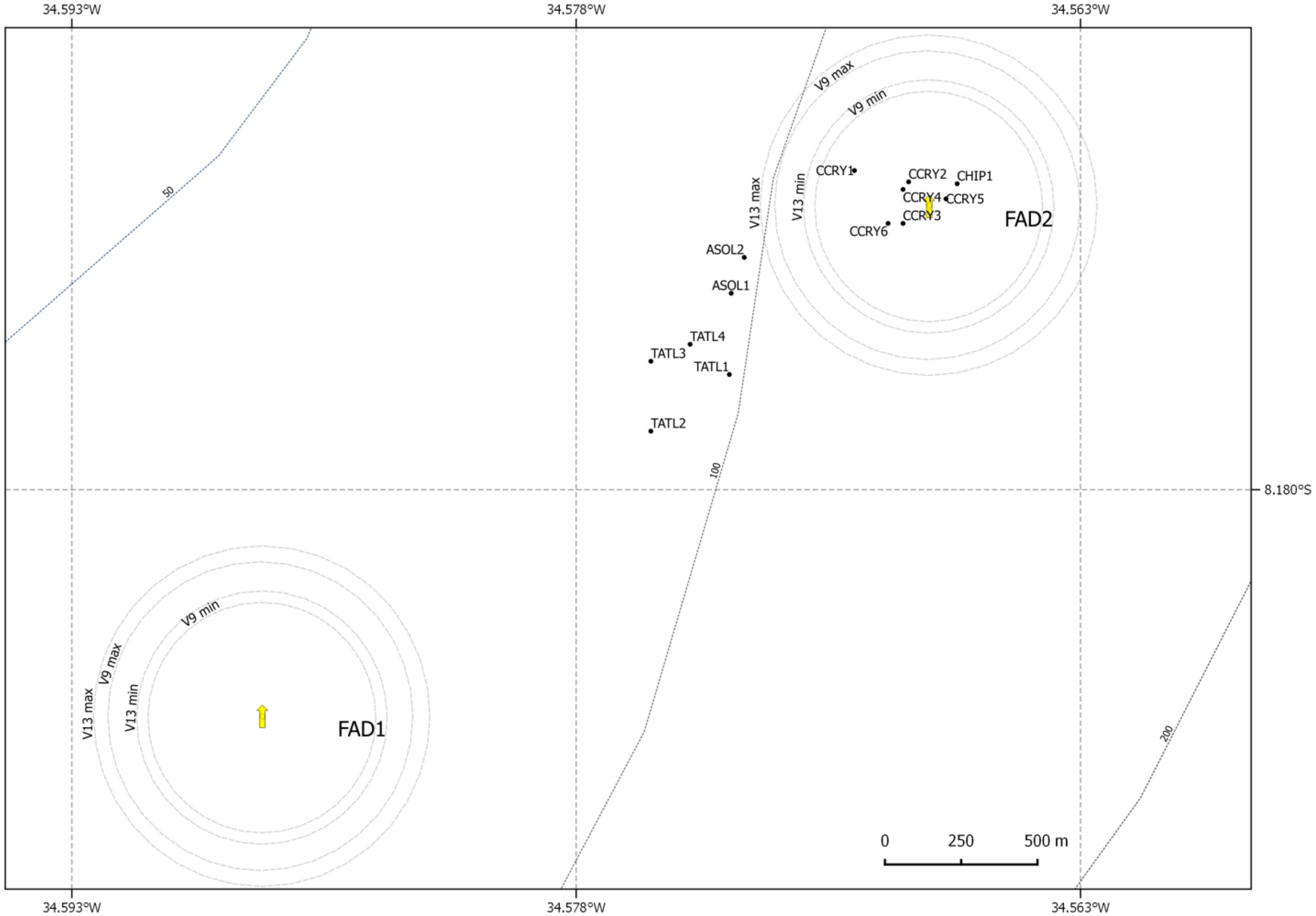


Figure 2. Release position of the 13 acoustically tagged fish. Arrows represent FAD positions. Black dots indicate the release position of the fish. Open circles represent the maximum and minimum detection range of the receivers for V9 and V13 tags. Gray lines represent the isobaths.

Continuous residence times

Total residence time (TRT)

Clear differences in the Total Residence Time were observed between both detected species (Table 3). The *T. atlanticus* were just detected during the first two days after the tagging, with an average TRT of 0.71 d (±0.53 S.D.). The *C. crysos* presented, in general, longer TRTs, most of them close to or higher than 15 days, with a mean of 16.83 d (±11.70 S.D.). The interval between the release and detection time was also different between both species, mainly because the 2 *T. atlanticus* were released out of the detection range of the receiver, while all *C. crysos* were released inside the detection range. The mean interval detection time for *T. atlanticus* was 9.44 hr (±11.87 S.D.) and for *C. crysos* was 0.17 hr (±0.03 S.D.).

Table 3. Total Residence Time description: Fish ID, FAD number, total number of detections, start date and time, end date and time, total TRT duration in days and interval between release and detection time in hours.

	Fish ID	**FAD#**	**Release time**	**Total # of detections**	**Start**	**End**	**Total TRT (days)**	**Interval Release/ detection time (hr)**
1	TATL1	FAD2	13:25	8	03/11/2015 14:28	04/11/2015 16:32	1.09	1.05
2	TATL2	FAD2	13:50	38	04/11/2015 07:40	04/11/2015 15:35	0.33	17.83
3	CCRY1	FAD2	08:20	167	06/11/2015 08:31	06/11/2015 16:19	0.32	0.18
4	CCRY2	FAD2	09:00	10358	06/11/2015 09:08	21/11/2015 02:30	14.72	0.13
5	CCRY3	FAD1&2	14:23	9706	06/11/2015 14:32	07/12/2015 16:22	32.08	0.15
6	CCRY4	FAD2	14:50	10423	06/11/2015 15:01	21/11/2015 02:26	14.48	0.18
7	CCRY5	FAD2	15:00	9916	06/11/2015 15:12	29/11/2015 04:38	22.56	0.2

Day-scale absence (24hr-MBP)

A total of 10 CRTs was obtained using a MBP of 24 hr, with a maximum of 2 CRTs per fish (Table 4). All seven detected specimens revealed a preference for FAD2, with 92% of visits (total number of CRTs) (Fig 3a). The *T. atlanticus* presented residence times of less than one day*.* TATL1 presented *2* CRTs, both at FAD2, one in the same day of the tagging and the second one on the next day. Both CRTs were of short duration with a maximum of 16.32 min. TATL2 presented 1 CRT, also at FAD2, with a total duration of 7.93 hr.

The 5 *C. crysos* in general were detected for much longer periods than the *T. atlanticus*. CCRY1 was only detected on the first day after the tagging, at FAD2, with a residence time of 7.8 hr. CCRY2 and CCRY4 from the time of their release stayed associated to FAD2 for 15 consecutive days, leaving the FAD both in the same day and within 20min interval, which means they were considered to leave the FAD simultaneously. CCRY3 and CCRY5 were also associated to FAD2 since the time of their release, but they left the FAD, also both in the same day, but not simultaneously, after 16 days of association. CCRY5*,* however, returned to FAD2 almost 7 days later and remained associated to the FAD for 7.09 hr. CCRY3 was the only fish to make an excursion between both FADs, being detected at FAD1 15 days after its last detection at FAD2, with a residence time of 10.17 hr.

Table 4. 24hr interval CRTs description: Fish ID, FAD number, CRT number, total number of detections, start date and time, end date and time, total CRT duration in days, CAT duration in hours.

	Fish ID	FAD#	CRT#	Total # of detections	Start	End	Total CRT (days)	CAT (days)
1	TATL1	FAD2	1	5	03/11/2015 14:28	03/11/2015 14:35	0.005	
2	TATL2	FAD2	1	38	04/11/2015 07:40	04/11/2015 15:35	0.33	
3	TATL1	FAD2	2	3	04/11/2015	04/11/2015	0.01	1.07

					16:16	16:32		
4	CCRY1	FAD2	1	167	06/11/2015 08:31	06/11/2015 16:19	0.32	
5	CCRY2	FAD2	1	10358	06/11/2015 09:08	21/11/2015 02:30	14.72	
6	CCRY3	FAD2	1	9700	06/11/2015 14:32	22/11/2015 01:05	15.44	
7	CCRY4	FAD2	1	10423	06/11/2015 15:01	21/11/2015 02:26	14.48	
8	CCRY5	FAD2	1	9911	06/11/2015 15:12	22/11/2015 02:15	15.46	
9	CCRY5	FAD2	2	5	28/11/2015 21:33	29/11/2015 04:38	0.29	6.80
10	CCRY3	FAD1	2	6	07/12/2015 12:20	07/12/2015 16:22	0.17	15.47

20 min absence (20min-MBP)

Using a MBP of 20 min, 18 CRTs were obtained, with a maximum of 5 CRTs for Fish ID CCRY3 and a mean of 2.6 ± 1.8 S.D. (Table 5). Besides the differences in the number of CRTs, the trends observed at both MBPs were similar, with almost all visits (94%) and longer periods of retainment of the fish occurring at FAD2, and *C. crysos* presenting the CRTs of longer duration (Fig 3b). With the utilization of a 20 min MBP, however, it was possible to observe finer scale movements of the fish.

The *T. atlanticus* presented only diurnal CRTs of short duration (29.2 min ± 17.7 S.D.). CATs also only occurred during the day, with a mean duration of 10.5hr ± 13.1 S.D., and maximum excursion distances of 2.225.8 ± 459.1 S.D. Besides CCRY1 and CCRY4, the other 3 *C. crysos* presented higher numbers of CRTs when compared to the 24hr MBP. Differently from the 24hr-interval CCRY3 and CCRY5 also left FAD2 simultaneously with CCRY2 and CCRY4, both returning on the next day for a short period, of 10.8 min maximum. As observed in the 24 hr MBP, CCRY5 returned to FAD2 after 6 days, but in the 20 min MBP the fish showed 2 short excursions around FAD2, of 12.5 min maximum.

All *C. crysos* showed similar behavior of excursions of less than an hour far from the FAD (CATs) (0.5 hr ±0.1 S.D.) during the day, and longer nocturnal CATs, varying from 6.8 to 372.0 hr, which were more frequent than diurnal excursions (63%). The total number of detections per hour, for the 4 *C. crysos* with a Total Residence Time of more than a day, was higher during the night than during the day (Mann-Whitney *U*; P<0.01), indicating the fish were more closely associated to the FAD during nighttime. The maximum distances which could have been travelled during the dayscale diurnal excursions had a mean of 267.2 m ± 68.3 S.D., while the dayscale nocturnal excursions had a mean of 10.3 km ± 5.5 S.D..

Table 5. 20min absence CRTs description: Fish ID, FAD number, CRT number, total number of detections, start date and time, end date and time, total CRT duration in days, and CAT in days.

	Fish ID	**FAD#**	**CRT#**	**Total # of Detections**	**Start**	**End**	**Total CRT (d)**	**Total CAT (d)**	**Maximum excursion distante (m)**
1	TATL1	FAD2	1	5	03/11/2015 14:28	03/11/2015 14:35	0.01	-	-
2	TATL2	FAD2	1	5	04/11/2015 07:40	04/11/2015 08:09	0.02	-	-
3	TATL2	FAD2	2	19	04/11/2015 10:40	04/11/2015 11:28	0.03	0.10	1901.13
4	TATL2	FAD2	3	13	04/11/2015 14:50	04/11/2015 15:35	0.03	0.14	2550.45
5	TATL1	FAD2	2	3	04/11/2015 16:16	04/11/2015 16:32	0.01	1.07	-
6	CCRY1	FAD2	1	167	06/11/2015 08:31	06/11/2015 16:19	0.33	-	-
7	CCRY2	FAD2	1	717	06/11/2015 09:08	07/11/2015 08:42	0.98	-	-
8	CCRY3	FAD2	1	4440	06/11/2015 14:32	13/11/2015 08:11	6.74	-	-
9	CCRY4	FAD2	1	10423	06/11/2015 15:01	21/11/2015 02:26	14.48	-	-
10	CCRY5	FAD2	1	9905	06/11/2015 15:12	21/11/2015 02:04	14.45	-	-
11	CCRY2	FAD2	2	9641	07/11/2015 09:05	21/11/2015 02:30	13.73	0.02	207.9
12	CCRY3	FAD2	2	4851	13/11/2015 08:38	20/11/2015 10:55	7.10	0.02	251.875
13	CCRY3	FAD2	3	406	20/11/2015 11:32	21/11/2015 02:20	0.62	0.03	341.93
14	CCRY3	FAD2	4	3	22/11/2015 01:01	22/11/2015 01:05	0.00	0.95	12656.84
15	CCRY5	FAD2	2	5	22/11/2015 02:04	22/11/2015 02:15	0.01	1.00	14255.67
16	CCRY5	FAD2	3	2	28/11/2015 21:33	28/11/2015 21:35	0.00	6.80	-
17	CCRY5	FAD2	4	3	29/11/2015 04:25	29/11/2015 04:38	0.01	0.29	4063.95
18	CCRY3	FAD1	5	4	07/12/2015 13:06	07/12/2015 13:11	0.00	15.50	-

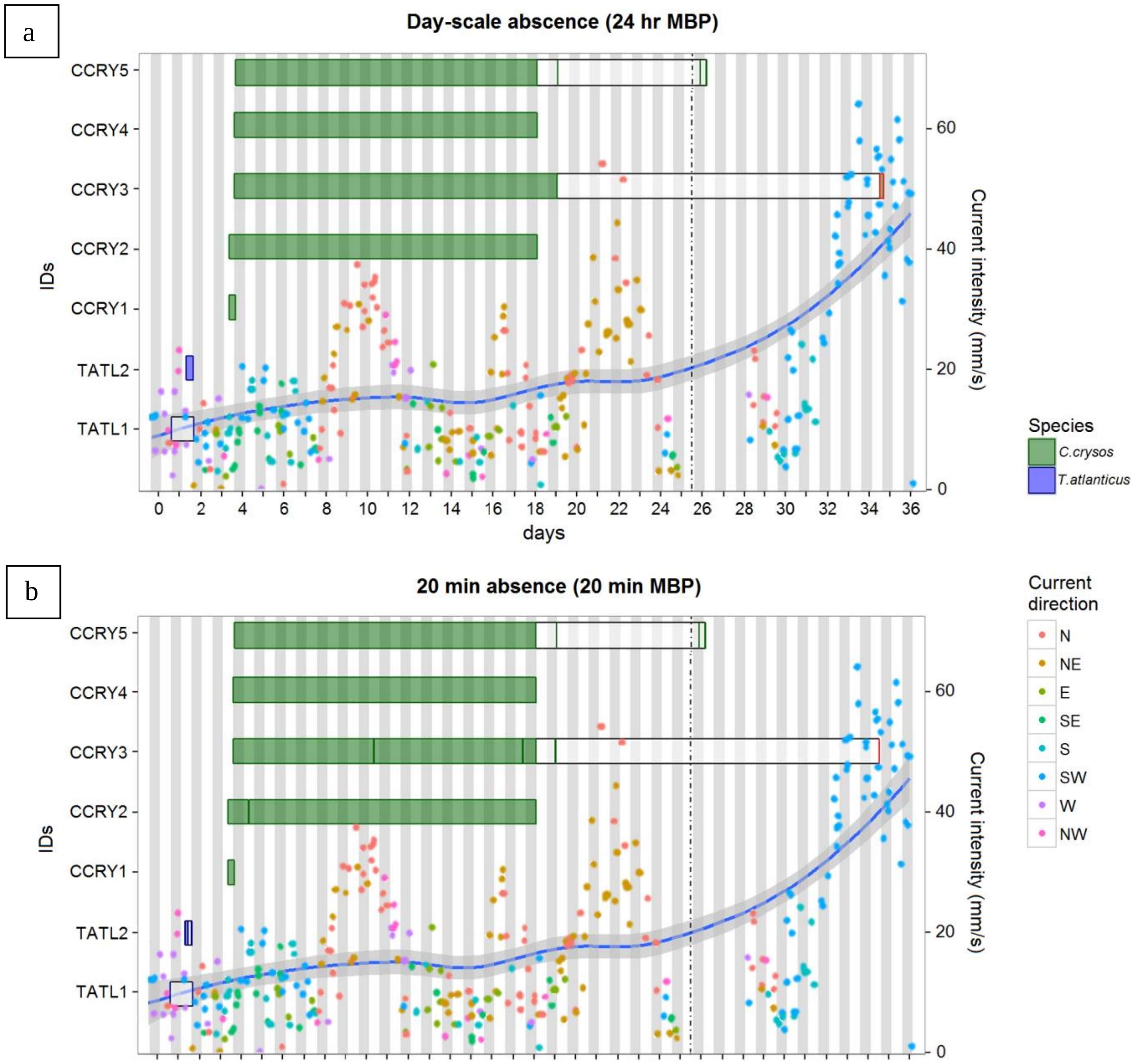


Figure 3. Continuous Residence Times (CRTs) by species, for “24hr MBP” and, “20 min MBP”, and current intensity ($mm.s^{-1}$) and direction (North-N, Northeast-NE, East-E, Southeast-SE, South-S, Southwest-SW, West-W and Northwest-NW. The white bars represent the Continuous Absence Times (CATs). The light grey areas indicate nighttime. Red lines indicate detections at FAD1. The vertical dashed lines represent the moment in which the FAD array increased from 2 to 4 FADs. Colored points represent current intensities. The blue line is the current velocity smooth conditional mean and the gray shaded area around it, the standard error bounds.

Current measurements

Current intensities ranged from 0.003 to 0.068 $m.s^{-1}$ during the study period, with a mean of 0.018 $m.s^{-1}$ ± 0.015 SD. It was possible to observe three major current intensity peaks in the 35 days measured, but, in general, the mean current strength increased with time (Fig. 3). It was also possible to observe there was not a predominant current direction when current speeds were below 0.02 $m.s^{-1}$. Currents intensities higher than 0.02 $m.s^{-1}$, however, were exclusively from North and Northeast direction until the 30^{th} day of the experiment, and from Southeast direction from day 32 until the end of the experiment.

Current strengths were significantly different among current directions (Kruskal-Wallis Test, p= 2.2e-16), with the segregation of three different groups: (1) N, NE and NW; (2) E, SW, S and W, and (3) SW (Fig.4). There seems to be no clear correlation between arrival/departure of the fish and current direction and intensity. However, it was possible to observe a stronger current speed (0.035$m.s^{-1}$) 20 min before CCRY3 left FAD2 for more than 20 min (20 min MBP). Also, all *C. crysos* left FAD2 right before the mean current intensity started to increase at a higher rate, with some fish being detected later, but for a couple of minutes only (Fig. 4b). CCRY3 showed up at FAD1, on the 34^{th} experiment day, during a predominant Southwest current which was present since day 30 and which strength had been increasing with time, reaching the highest values recorded for the study period (Fig. 4).

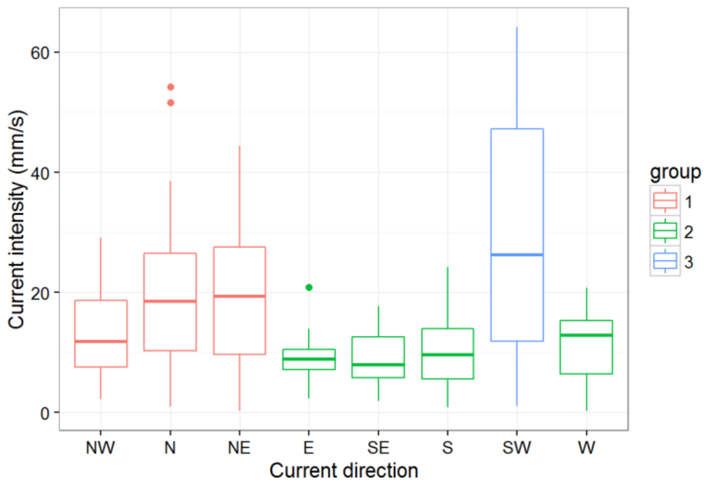


Figure 4. Current intensities in $mm.s^{-1}$, from 11 to 13.5 m depth, at each of the eight current direction categories: North (N), Northeast (NE), East (E), Southeast (SE), South (S), Southwest (SW), West (W) and Northwest (NW).

DISCUSSION

Passive acoustic tagging has been used to investigate fidelity, movements and residence times of FAD associated species in different oceans for many years (KLIMLEY & HOLLOWAY, 1996; VOEGELI et al., 2001). Nonetheless, this is the first time acoustic tagging is used to investigate the behavior of pelagic species associated with FADs in Brazil. The species tagged around the buoys are commonly found associated to other coastal and oceanic FADs around the world (FORGET et al., 2015, MUIR et al., 2012; DAGORN et al., 2013). These species have also been captured by artisanal and recreational fishing nearby the continental shelf-break of Recife and could be aggregating around the buoys implemented there. Based in the acoustic tagging data, however, it was only possible to observe site fidelity behavior for *C.crysos.*

From the 13 tagged fish, 2 blackfin tunas (*T. atlanticus*), the wahoo (*A. solandri*) and the dolphinfish (*C. hippurus*) were never detected. Up to date there is no available information on the behavior of *T. atlanticus* around FADs, but studies related to other tropical tuna species, specially yellowfin (*Thunnus albacares* (Bonnaterre, 1788)) and bigeye (*Thunnus obesus* (Lowe, 1839)), have found the estimated detection distance of a FAD by these fish to be around 7 to 13 km (HOLLAND ET AL., 1990; MARSAC & CAYRE, 1998). The radius of association, however, has been estimated to be much narrower than that (1.6 km, WENG et al., 2013; 1.8 km, MARSAC & CAYRÉ, 1998; 2 km, GIRARD et al., 2004). The non-detected fish, thus, could still be attracted by the FADs, but swimming at distances higher than the detection range of the receivers (0.5 km max.).

Studies with ultrasonic transmitters in moored and drifting FADs, however, have shown that even if fish were associated to the FADs at longer distances or for short periods, at some point they would swim to the vicinity of the FAD (HOLLAND, 1990; WENG et al.,2013; MATSUMOTO et al., 2014), where they could be detected by the receiver, if present. The likelihood of distant associations for both non-detected *T. atlanticus*, then, remains low, suggesting they probably left the area right after the release due to natural migrating behavior (MAGUIRE et al., 2006), or to tagging stress (TAQUET et al., 2007).

Information on the associative behavior of *A. solandri* is also scarce (SEPULVEDA et al., 2011). Wahoos are regularly captured as bycatch in the purse-seine tuna fisheries around drifting aggregating devices in many parts of the world (DAGORN et al., 2013). In Brazil, they have been recorded as valuable bycatch in the tuna fisheries in “associated school”, around a moored oceanic PIRATA buoy 323 nm distant from Areia Branca (RN) (SILVA et al., 2013). There is no existing information, however, on their association distance from FADs. Visual censuses carried out in the study area, before, during and after the acoustic tagging experiment period, have detected the presence of *A. solandri* at short distances from the FADs (<20 m) (VÉRAS et al., *in prep.)*. Since they were not detected by any of the VR2s, even though they were released at a close distance (only 77 and 159 m) from the detection range of FAD2 receiver, both non-detected individuals have likely also left the area after the release (TAQUET et al., 2007), probably due to tagging stress (TAQUET et al., 2007).

The dolphinfish on the other hand, was not detected even though it was released inside of the VR2 detection range. This species is known to aggregate around FADs and is regularly seen by divers in the vicinity of anchored devices (<20 m) (DEMPSTER, 2004, 2005; ADDIS et al., 2006). In the visual census observations made at the study area, different from what is usually observed in the other studies mentioned, *C. hippurus* was only recorded a few times, more specifically when currents were stronger and visibility was regular (VÉRAS et al., *in prep)*. Since the tagged specimen was not detected, it might have been injured or negatively stressed (TAQUET et al., 2007), especially because of its aggressive behavior when captured, swimming far from the detection range of FAD2 before it could be detected. Technical problems with the tag are also possible (CHATEAU & WANTIEZ., 2007).

Looking at the 24hr MBP it was possible to observe all detected fish had a preference for FAD2 (200 m deep). This result was already expected since the fish were released closer to FAD2 than FAD1, but even the catch distribution (all fish were captured closer to FAD2 than FAD1) already suggested fish were more concentrated in deeper areas. The considered detectable distance of a FAD by tunas (7 to 13 km, HOLLAND ET AL., 1990; MARSAC & CAYRE, 1998) is much higher than the distance between both FADs (less than 3 km), but all *T. atlanticus* were still captured closer to the 200m deep FAD and no visits were recorded at the shallower one, suggesting other factors were related to the preference for deeper areas.

Véras et al. (*in prep)* also found higher fish abundance, biomass and size at deeper FADs in the study area. Smith and Brown (2002) found a peak in pelagic fish diversity from 100 to 200 m depth. The tagging data from the present study support their results. The continental shelf-break break is known to aggregate greater abundance and biomass of pelagic species (DUBROCA et al., 2013; INNISS et al., 2016) being usually located within this depth interval. In the present study the buoys were purposely anchored near this region which may explain the fish preference for FAD2. They may also prefer higher depths due to difficulties in adapting to higher temperatures in shallower waters (MATSUMOTO et al., 2013) and/or due to a better visibility at 200 m, where the amount of sediments from the continent is lower.

The residence times obtained for *C. crysos,* with TRTs of more than a month and 20min-MBPs of more than 14 consecutive days demonstrated a strong site fidelity to the FADs. Brown et al. (2010) studied the movement patterns and home range of *C. crysos* around an array of oil platforms in the Gulf of Mexico. Their results also demonstrated a strong site fidelity behavior, with a mean core daily home range (circular area where the blue runner spent 50% of the day) from 373 to 2,202 m^2 and a 95% daily range from 3,082 to 14,333 m^2. Faster excursions far from the FADs during the day and smaller number of longer excursions during the night were recorded for *C. crysos* using the 20min-MPB. Higher numbers of detections during nighttime were also observed for this species. The daily excursions may be used to explore and feed with the FAD acting as a reference point (GOODING AND MAGNUSON, 1967).

Looking at the maximum diurnal excursion distances found for *C. crysos* (267.2 m ± 68.3 S.D.), it was possible to observe they did not move very far from the FAD area, and could not have visited other FADs during CAT periods. At night, the excursions were less common, with fish staying closer to the FADs possibly because the reference point could not be used with the same efficacy during the night. It may also be due to a shift in feeding strategy because of lower visibility (KEENAN et al., 2003), or even to use the FADs for protection (HUNTER & MITCHEL, 1968). Nonetheless, when there were excursions at night, the maximum calculated nocturnal excursion distances were much higher during this period (10.3 km ± 5.5 S.D), in which fish could have swam to much further areas, including the other FADs, and returned. Most likely, the low visibility may have hampered the fish return to the FAD (CASTRO et al., 2000).

Forget et al. (2015) also observed a higher number of detections during nighttime for rainbow-runner and oceanic triggerfish around drifting FADs in the Indian Ocean, while tunas and silky sharks (*Carcharhinus falciformes*, (Müller & Henle, 1839)) exhibited opposite behavior. The behavior of possible predators, such as sharks and bigger fish as tunas, away from the FAD at night, maybe for feeding purposes, emphasizing the use of FADs by smaller species, such as the blue runner (*C. crysos*), as protection (HUNTER & MITCHEL, 1968; CASTRO et al., 2000). Brown et al. (2010), in contrast, recorded more detections during the day for *C. crysos* around oil platforms in the Gulf of Mexico. The authors, nevertheless, suggested the differences may rise from movements of the fish at night to areas bellow the thermocline, which could make detections by the receivers more challenging.

The observed general pattern of independent *C. crysos* departures, plus the observation of a certain synchronicity in departure events of some individuals, suggests the existence of small fish schools rather than just a bigger one, with small groups leaving the buoy within short time intervals and others remaining associated to the FAD (DAGORN et al., 2007). The only simultaneous departure event, however, does not guarantee individuals have exited the FAD physically together. Similar patterns of small fish schools around FADs have also been observed for yellowfin tuna (*T. albacares*), bigeye tuna (*T.obesus*) and skypkack tuna (*Katsuwonus pelamis* (Linnaeus, 1758)) (DAGORN et al., 2007, GOVINDEN et al., 2013).

The results may also suggest a possible link between arrival/departure of *C. crysos* at FAD2 and current intensity, with the detected fish leaving the FAD area when the mean current strength started to increase at a higher rate. CCRY3 was also observed to move from FAD2 during a strong Southwest current, showing up at FAD1 (located southwest of FAD2) a couple days later. This fish could have swum with the current towards FAD1. Véras et al. (*in prep*), also found current strength to influence fish biomass and distribution in the study area, which was possibly explained by lower swimming capabilities of smaller fish such as *C. crysos* and higher energy expenditures in order to remain associated to the FADs (DEMPSTER, 2005). Véras et al. (*in prep)* also proposed fish may not have left the FAD but have moved to deeper areas, out of the diver´s visual range. Even dough Brown et al. (2010) proposed lower *C.crysos* detections to be due to fish moving to deeper areas, the detections absence observed at the present study suggests the tagged fish may have left the area.

Both *T. atlanticus* detected did not present site fidelity. The 20 min MBP showed they stayed around the FADs for short time intervals (maximum of 48 min), and for a maximum Total Resident Time of only 2 days. Even though studies have not been carried out with this species, residence times of tunas around FADs have been extensively studied and varying significantly among study sites, tuna species, size classes and even intra-individually (GOVINDEN et al., 2013; CAPELLO et al., 2016; RODRIGUEZ-TRESS et al., 2017).

Robert et al. (2013) categorized tuna behavior around FADs in three groups, briefly passing near a FAD, short association or long association. Briefly passing near a FAD is generally an association of a couple of minutes, as observed in the present study. This species is a small epipelagic tuna known to feed on fish, crustaceans and cephalopods, mainly on crustaceans when juveniles and on fish when adults (HEADLEY et al., 2009). The calculated length at 50% maturity for *T. atlanticus* in the Northeast Brazil was 49.8 cm FL for females and 52.1 cm FL for males (FREIRE et al., 2005). All tagged blackfin tunas were then juvenile individuals with the diet probably mainly based on crustaceans. No information is currently available on the abundance and distribution of this type of prey around FADs in the area, but it is possible that those coastal and shallower devices were not attractive enough in terms of prey availability or even in terms of location and FAD characteristics in order to keep the fish associated for longer periods (DEMPSTER, 2005). It is important to note that only two individuals were detected and, therefore, the short association pattern may also be due to the low number of tagged fish.

The non-detection of the tagged *A. solandri* and *C. hippurus* added to the non-site-fidelity of the *T. atlanticus*, diverge from results found in other studies around the world (TAQUET et al., 2007; MUIT et al., 2013; FORGET et al., 2015). All five Fish Aggregating Devices installed in Pernambuco were anchored near the Continental Shelf Break. Such habitats are known to present increased diversity due to enhanced productivity and consequently food availability (INNISS et al., 2016). Large pelagic fish then take advantage of these rich feeding areas, besides reproductive benefits and navigational use (HOLLAND & GRUBBS, 2007; DUBROCA et al., 2013, INNISS et al., 2013). The Continental Shelf-break of Pernambuco may be acting, therefore, as a “distraction” for the fish that would normally aggregate around FADs, if they were located in more oceanic areas.

ACKNOWLEDGEMENT

We would like to thank all the staff responsible for the tagging logistics, Rafael Muniz, Bruno César, Gleidson Tavares and Carlinhos. This study was financed by “Projeto de Implantação de Atratores de Tunídeos e Afins em Meia Água na Plataforma Externa do Litoral de Pernambuco – ATUNA”, approved by the public agency FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos).

COMPETING INTERESTS

The authors declare no conflicts of interest.

REFERENCES

Adam, M.S., A.R. Jauharee and K. Miller. Review of Yellowfin Tuna Fisheries in the Maldives, Paper submitted to IOTC Working Party on Tropical Tunas (IOTC-2015-WPTT-17-17), Montpellier, France, 15p. 2015

Addis, P., Cau, A., Massutí, E., Merella, P., Sinopoli, M., Andaloro, F. Spatial and temporal changes in the assemblage structure of fishes associated to Fish Aggregating Devices in the Western Mediterranean. Aquat. Living Resour. 19, 149–160. 2006.

Albert, J. A., Beare, D., Schwarz., A, Albert, S., Warren, R., Teri, J., Siota, F., Andrew, N. L.The Contribution of Nearshore Fish Aggregating Devices (FADs) to Food Security and Livelihoods in Solomon Islands. Plos One. DOI:10.1371/journal.pone.0115386. 19p. 2014.

Baske, A., Gibbon, J., Benn, J., Nickson, A. Estimating the use of drifting Fish Aggregating Devices (FADs) around the globe. Pew Environmental Group. Discussion Paper. 8p. 2012.

Bell, D. J., Albert, J., Andréfouët, S.,.Andrew, N., Blanc, M., Bright, P., Brogan, D., Campbell, B., Govan, H., Hampton, J., Hanich, Q., Harley, S., Jorari, A., Smith, M. L., Pontifex, S., Sharp M. K., Sokimi, W., Webb, A. Optimising the use of nearshore fish aggregating devices for food security in the Pacific Islands. MarinePolicy 56, 98–105. 2015.

Brown, H.; Benfield, M. C.; Keenan, S. F.; Powers, S. P. Movement patterns and home ranges of a pelagic carangid fish, Caranx crysos, around a petroleum platform complex. Marine Ecology Progress Series. 403:205-218. 2010.

Capello, M.; Soria, M.; Cotel, P.; Potin, G.; Dagorn, L.; Fréon, P. The heterogeneous spatial and temporal patterns of behavior of small pelagic fish in an array of Fish Aggregating Devices (FADs). Journal of Experimental Marine Biology and Ecology, 430–431, 56 – 62. 2012

Capello, M.; Soria, M.; Potin, G.; Cotel, P.; Dagorn, L. Effect of current and daylight variations on smallpelagic fish aggregations (*Selar crumenophthalmus*) around a coastal fish aggregating device studied by fine-scale acoustic tracking. Aquat Liv Resour. 26:63–68. 2013.

Capello M, Robert M, Soria M, Potin G, Itano D, Holland K, et al. A Methodological Framework to Estimate the Site Fidelity of Tagged Animals Using Passive Acoustic Telemetry. PLoS ONE 10(8): e0134002. 2015.

Capello, M.; Deneubourg, J. L.; Robert, M.; Holland, K. N.; Schaefer, K. M., & Dagorn, L. Population assessment of tropical tuna based on their associative behavior around floating objects. Scientific Reports, 6, 36415. 2016.

Castro J.J., Santiago J.A. and Hernandez-Garcia V. Fish associated with fish aggregation devices off the Canary Islands (Central-East Atlantic) Sci. Mar. 63(3-4), 191-198. 1999.

Cayré P. Behaviour of yellowfin tuna (*Thunnus albacares*) and skipjack tuna (*Katsuwonus pelamis*) around fish aggregating devices (FADs) in the Comoros Islands as determined by ultrasonic tagging. Aquat. Living Resour. 4, 1–12. 1991.

Chateau, O.; Wantiez, L. Site fidelity and activity patterns of a humphead wrasse, Cheilinus undulatus (Labridae), as determined by acoustic telemetry. Environ Biol Fish. 80:503–508. 2007.

CPTEC. Clima Recife. Disponivel em: <http://www.cptec.inpe.br/cidades/tempo/239> . Acesso em: 19 maio 2016.

Dagorn L., Bach P., Josse E. Movement patterns of large bigeye tuna (*Thunnus obesus*) in the open ocean, determined using ultrasonic telemetry. Mar. Biol. 136, 361–371. 2000.

Dagorn, L., Holland, K.N. & Itano, D.G. Behavior of yellowfin (Thunnus albacares) and bigeye (T. obesus) tuna in a network of fish aggregating devices (FADs). Mar Biol. 151: 595. 2007.

Dagorn, L., Holland, K.N., Restrepo, V., Moreno, G. Is it good or bad to fish with FADs? What are the real impacts of the use of drifting FADs on pelagic marine ecosystems? Fish and Fisheries, 14, 391–415. 2013.

Dempster, T., Taquet, M. Fish aggregation device (FAD) research: gaps in current knowledge and future directions for ecological studies. Reviews in Fish Biology and Fisheries. 14(1):21-42. 2004.

Dempster, T. Temporal variability of pelagic fish assemblages around fish aggregating devices: biological and physical influences. Journal of fish biology. 66, 1237-1260. 2005.

Dubroca, L.; Chassot, E.; Floch, L.; Demarcq, H.; Assan, C.; Molina, A.D. Seamounts and tuna fisheries: tuna hotspots or fishermen habits? Collect. Vol. Sci. Pap. ICCAT, 69(5): 2087-2102. 2013.

Forget, F. G.; Capello, M.; Filmalter, J. D.; Govinden, R.; Soria, M.; Cowley, P. D.; Dagorn. L. Behaviour and vulnerability of target and non-target species at drifting fish aggregating devices (FADs) in the tropical tuna purse seine fishery determined by acoustic telemetry. Can. J. Fish. Aquat. Sci., 2014-0458. 2015.

Freire , K.. Thunnus atlanticus . In: R. Lessa , MF Nobrega and JL Bezerra Jr. (eds) , Population dynamics and assessment of fish stocks in the Northeast, Publisher Martin & Lamb. Pp 275-286. 2009

Girard, C.; Benhamou, S.; Dagorn, L. FAD: fish aggregating devices or fish attracting devices? A new analysis of yellowfin tuna movement around floating objects. Anim. Behav. 67, 319–326. 2004.

Girard C., Dagorn L., Taquet M., Aumeeruddy R., Peignon C., Benhamou S. Homing abilities of dolphinfish (*Coryphaena hippurus*) displaced from fish aggregating devices (FADs) determined using acoustic telemetry. Aquat. Living Resour. 20, 313–321. 2007.

Gooding, R.M., Magnuson, J.J. Ecological Significance of a Drifting Object to Pelagic Fishes. Pacific Science, 21, 486-497. 1967.

Govinden, R., Jauhary, R., Filmalter, J., Forget, F., Soria, M., Adam, S., Dagorn, L. Movement behaviour of skipjack (*Katsuwonus pelamis*) and yellowfin (*Thunnus albacares*) tuna at anchored fish aggregating devices (FADs) in the Maldives, investigated by acoustic telemetry. Aquat. Living Resour. 26, 69–77. 2013.

Hallier, J.P. & Fonteneau, A. Tuna aggregation and movement from tagging data: A tuna “hub” inthe Indian Ocean. Fisheries Research 163, 34–43. 2015.

Headley, M.; Oxenford, H.; Peterson, M. & Fanning, P. Size related variability in the summer diet of the blackfin tuna (Thunnus atlanticus Lesson, 1831) from Tobago, the Lesser Antilles. J. Appl. Ichthyol. 25: 669-675. 2009.

Holland, K., Brill, R. and Chang, R.K.C. Horizontal and vertical movements of yellowfin and bigeye tuna associated with fish aggregating devices. Fish. Bull. 88(3), 493–507. 1990.

Holland, K.N., Jaffe, A., Cortez, W. The Fish Aggregating Device (FAD) system of Hawaii. Scientific Report. Session 1. 8p. 2000.

Holland, K.N.; Grubbs, R.D. Fish visitors to seamounts: tunas and billfish at seamounts. In:Pitcher TJ, Morato T, Hart PJB, Clark MR and others (eds) Seamounts:ecology fisheries and conservation. Blackwell Publishing, Oxford, p 189−206. 2007.

Hunter, J.R. and Mitchell, C.T. Field experiments on the attraction of fish to floating objects. J. Cons. Perm. Int. Explor. Mer 31, 427–434. 1968.

Inniss, L.; Simcock, A.; Ajawin, A. Y.; Alcala, A.C.; Bernal, P.; Calupong, H. P. et al. The first global integrated marine assessment. United Nations. 2016. Available in: <http://www.un.org/Depts/los/global_reporting/WOA_RegProcess.htm> Access in: 5th June 2017.

Jones, J. Oppian’s Halieuticks of the Nature of Fishes and Fishing of the Ancients in V. Books. Translated from the Greek by J. Jones, with an Account of Oppian’s Life & Writings, and a Catalogue of His Fishes, Oxford. 221 p.1772

Keenan, S. F.; Benfield, M. C.; Shaw, R. F. Zooplanktivory by blue runner Caranx crysos: a potential energetic subsidy to Gulf of Mexico fish populations at petroleum platforms. Fisheries, Reefs, and Offshore Development. 36:167-180. 2003.

Klimley, A.P. & Holloway, C. Automated monitoring of yellowfin tuna at Hawaiian FADs. Proceedings of the 47th Annual Tuna Conference. 1996.

Maguire, J. J., Sissenwine, M., Csirke, J., Grainger, R. & Garcia, S. The state of world highly migratory, straddling and other high seas fishery resources and associated species. FAO Fisheries Technical Paper 495, 84p. 2006.

Marsac, F. & P. Cayre. Telemetry applied to behaviour of yellowfin tuna (*Thunnus albacares*, Bonnaterre, 1788) movements in a network of fish aggregating devices. Hydrobiologia. 371/372: 155-171. 1998.

Matsumoto, T., Kitagawa, T., and Kimura, S. Considerations on diving patterns of bigeye tuna Thunnus obesus based on archival tag data. Fish. Sci. 79(1): 39–46. 2013.

Matsumoto, T., Satoh, K.,Toyonaga, M. Behavior of skipjack tuna (*Katsuwonus pelamis*) associated with adrifting FAD monitored with ultrasonic transmitters in the equatorial central Pacific Ocean. Fisheries Research 157, 78–85. 2014.

Meyer, C.G.; Holland, K. N.; Wetherbee, B.M.; Lowe, C.G. Movement patterns, habitat utilization, home range size and site fidelity of whitesaddle goatfish, Parupeneus porphyreus, in a marine reserve. Environ Biol Fish. 59:235-242. 2000.

Moreno, G.; Dagorn, L.; Capello, M.;Lopez, J.; Filmalter, J., Forget, F.; Sancristobal, I.; Holland, K. Fish aggregating devices (FADs) as scientific platforms. Fisheries Research, 178,122–129. 2015.

Morales-Nin, B., Cannizzaro, L., Massuti, E., Potoschi, A., Andaloro, F. An overview of the FADs fishery in the Mediterranean Sea. Scientific Report. Session 1. 24p. 2000.

Muir, J.; Itano, D.; Hutchinson, M.; Leroy, B.; Holland, K. Behavior of target and non-target species on drifting FADs and when encircled by purse seine gear. Scientific Committee Eighth Regular Session. WCPFC-SC8-2012/EB-WP-13. Republic of Korea, 2012.

Parker, R, W. R.,Vázquez-Rowe, I., Tyedmers, P.H. Fuel performance and carbon footprint of the global purse seine tuna fleet. Journal of Cleaner Production 1-8. 2014.

Pikitch, E.K., Santora, C., Babcock, E.A., Bakun, A., Bonfil, R., Conover, D.O., Dayton, P., Doukakis, P., Fluharty, D., Heneman, B., Houde, E.D., Link, J., Livingston, P.A., Mangel, M., McAllister, M.K., Pope, J., and Sainsbury, K.J. Ecosystem-based fishery management. Science, 305(5682): 346–347. 2004.

Robert, M.; Dagorn, L.; Deneubourg, J. L.; Itano, D.; Holland, K. Size dependent behavior of tuna in an array of fish aggregating devices (FADs). Marine Biology. 159:907-914. 2012.

Robert, M.; Dagorn, L.; Filmalter, J. D.; Holland, K. Intra-individual behavioral variability displayed by tuna at fish aggregating devices (FADs). Marine Ecology Progress Series. 484:239-247. 2013.

Rodriguez-Tress, P.; Capello, M.; Forget, F.; Soria, M.; Beeharry, S.P.. Dussooa, N.;Dagorn, L. Associative behavior of yellowfin Thunnus albacares, skipjack Katsuwonus pelamis, and bigeye tuna T. obesus at anchored fish aggregating devices (FADs) off the coast of Mauritius. Marine Ecology Progress Series. 570:213-222. 2017.

Sepulveda CA, Aalbers SA, Ortega-Garcia S, Wegner NC, Bernal D Depth distribution and temperature preferences of wahoo (*Acanthocybium solandri*) off Baja California Sur, Mexico. Mar Biol 158:917–926. 2011.

Silva, G.B., Chaves, D.C.B.,Fonteles-Filho, A.A. Aspectos econômicos da pesca de atuns e afins associada a uma boia oceânica no Atlântico oeste equatorial. Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 39(1): 85 – 91. 2013.

Smith, K. F.; Brown, J. H. Patterns of diversity, depth range and body size among pelagic fishes along a gradient of depth. Global Ecology & Biogeography. 11: 313–322. 2002.

Soria, M., Dagorn, L., Potin, G. & Freon, P. First field-based experiment supporting the meeting point hypothesis for schooling in pelagic fish. Animal Behaviour, 78, 1441-1446. 2009.

Souza, M. J. F., Deda, M. S., Santos, J. P., Carvalho, B. L. F., Araújo, M. L. G., Filho, E. B. G., Félix D. C. F., & Santos J. C. Estatística pesqueira da costa do Estado de Sergipe e extremo norte da Bahia 2011. São Cristóvão: Editora UFS. 2013.

Taquet, M.; Dagorn, L.; Gaertner, J.C.; Girard, C.; Aumerruddy, R.; Sancho, G.; Itano, D. Behavior of dolphinfish (Coryphaena hippurus) around drifting FADs as observed from automated acoustic receivers. Aquat Living Resour 20:323–330. 2007.

Taquet, M, Sancho, S, Dagorn, L, Gaertner, J.C. Characterizing fish communities associated with drifting fish aggregating devices (FADs) in the Western Indian Ocean using underwater visual surveys. Aquat Living Resour 20:331-341. 2008.

Taquet, M. Fish aggregating devices (FADs): good or bad fishing tools? A question of scale and knowledge. Aquat. Living Resour. 26, 25–35. 2013.

Voegeli, F.A.; Smale, M.J.; Webber, D.M.; Andrade, Y.; O’Dor, R.K. Ultrasonic telemetry, tracking and automated monitoring technology for sharks. Environ Biol Fishes 60: 267–282. 2001.

Weng, J. S.; Hung, M. K.; Lai, C. C.; Wu, L. J.; Lee, M. A.; Liu, K. M. Fine-scale vertical and horizontal movements of juvenile yellowfin tuna (Thunnus albacares) associated with a subsurface fish aggregating device (FAD) off southwestern Taiwan. J. Appl. Ichthyol. 29 (2013), 990–1000. 2013

NORMAS DA REVISTA – JOURNAL OF APPLIED ICTHYOLOGY

Author Guidelines

Journal of Applied Ichthyology has now adopted ScholarOne Manuscripts, for online manuscript submission and peer review. The new system brings with it a whole host of benefits including:

- Quick and easy submission
- Administration centralised and reduced
- Significant decrease in peer review times

From now on **all** submissions to the journal must be submitted online at http://mc.manuscriptcentral.com/jai. Full instructions and support are available on the site and a user ID and password can be obtained on the first visit. If you require assistance then click the **Help**link which appears at the top right of every ScholarOne Manuscripts page. If you have any queries, please contact the Editorial Office: JAI.journal@wiley.com.

This journal is published in an online-only format.

Sections

1. SUBMISSION

Thank you for your interest in the *Journal of Applied Ichthyology*. Authors should kindly note that submission implies that the content has not been published or submitted for publication elsewhere except as a brief abstract in the proceedings of a scientific meeting or symposium.

Once the submission materials have been prepared in accordance with the Author Guidelines, manuscripts should be submitted online at http://mc.manuscriptcentral.com/jai.

The submission system will prompt authors to use an ORCID iD (a unique author identifier) to help distinguish their work from that of other researchers. Click here to find out more.

Click here for more details on how to use ScholarOne.

For help with submissions, please contact the Editorial Office: JAI.journal@wiley.com.

We look forward to your submission.

2. AIMS AND SCOPE

The *Journal of Applied Ichthyology* publishes articles of international repute on ichthyology, aquaculture, and marine fisheries; ichthyopathology and ichthyoimmunology; environmental toxicology using fishes as test organisms; basic research on fishery management; and aspects of integrated coastal zone management in relation to fisheries and aquaculture. Emphasis is placed on the application of scientific research findings, while special consideration is given to ichthyological problems occurring in developing countries.

3. MANUSCRIPT CATEGORIES AND REQUIREMENTS

All submissions should have continuous line numbers. All tables, figures, supporting information and bibliographic entries must have a reference in the text. Tables should be included in the main document after the reference list, each on an individual page alongside their legend. Figures should not be included in the main document and should instead be uploaded as individual files. Character limit includes tables, figure/table legends and references, and excludes spaces.

i. Original Articles

Manuscript structure: Summary (400 words max); Introduction; Materials and Methods; Results; Discussion; Acknowledgements; References; Tables; List of figure captions; List of supporting information legends. Character limit: 30,000 characters (20 pages).

ii. Review Articles

Manuscript structure: Summary (400 words max); Introduction; Suitable headings; Acknowledgements; References; Tables; List of figure captions; List of supporting information legends. Character limit: 37,000 characters (25 pages).

iii. Short Communication

Manuscript structure: Introduction; Materials and Methods; Results; Discussion; Acknowledgements; References; Tables; List of figure captions; List of supporting information legends. Character limit: 9000 characters (6 pages).

iv. Technical Contribution

Manuscript structure: Summary (250 words max); Introduction; Materials and Methods; Results; Discussion; Acknowledgements; References; Tables; List of figure captions; List of supporting information legends. Character limit: 15,000 characters (10 pages).

v. Sturgeon Paper

Manuscript structure: Summary (400 words max); Introduction; Materials and Methods; Results; Discussion; Acknowledgements; References; Tables; List of figure captions; List of supporting information legends. Character limit: 30,000 characters (20 pages).

vi. Supplement Article

Manuscript structure: No specific word limit or structure. However papers should include tables and a list of figure captions after the reference list.

4. PREPARING YOUR SUBMISSION

Cover Letters

Cover letters are not mandatory however may be supplied at the author's discretion.

Parts of the Manuscript

The manuscript should be submitted in separate files: main text file including title page and tables; figures; supplementary/supporting files.

Main Text File

The text file should be presented in the following order:

i. Title
ii. A short running title of less than 50 characters
iii. The full names of the authors
iv. The author's institutional affiliations where the work was carried out, with a footnote for the author's present address if different from where the work was carried out. The corresponding author should be identified here also.
v. Acknowledgements
vi. Main text (structured according to Section 3)
vii. References
viii. Tables (each on an separate page with title and footnotes if necessary)
ix. Figure legends
x. Appendices (if relevant). Figures and supporting information should be supplied as separate files.

Title: The title should be a short informative title that contains the major key words related to the content. The title should not contain abbreviations (see Wiley's best practice SEO tips).
Authorship: For details on eligibility for author listing, please refer to the journal's Authorship policy outlined in the Editorial Policies and Ethical Considerations section.
Acknowledgments: Contributions from individuals who do not meet the criteria for authorship should be listed, with permission from the contributor, in an Acknowledgments section. Financial and material support should also be mentioned. Thanks to anonymous reviewers are not appropriate.
Conflict of Interest Statement: Authors will be asked to provide a conflict of interest statement during the submission process. See 'Conflict of Interest' section in Editorial Policies and Ethical Considerations for details on what to include in this section. Authors should ensure they liaise with all co-authors to confirm agreement with the final statement.

Main text

See Section 3: Manuscript categories and requirements for information on manuscript types, structure, word limit and other requirements. Footnotes to the text are not allowed and any such material should be incorporated into the text as parenthetical matter.

References

References should be prepared according to the *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th edition). This means in text citations should follow the author-date method whereby the author's last name and the year of publication for the source should appear in the text, for example, (Jones, 1998). The complete reference list should appear alphabetically by name at the end of the paper. All citations mentioned in the text, tables or figures must be listed in the reference list. A sample of the most common entries in reference lists appears below. Please note that a DOI should be provided for all references where available. For more information about APA referencing style, please refer to the APA FAQ. Please note that for journal articles, issue numbers are not included unless each issue in the volume begins with page one.

Journal article

Beers, S. R. , & De Bellis, M. D. (2002). Neuropsychological function in children with maltreatment-related posttraumatic stress disorder. *The American Journal of Psychiatry, 159*, 483–486.*doi*:10.1176/appi.ajp.159.3.483

Book

Bradley-Johnson, S. (1994). *Psychoeducational assessment of students who are visually impaired or blind: Infancy through high school* (2nd ed.). Austin, TX: Pro-ed.

Internet Document

Norton, R. (2006, November 4). How to train a cat to operate a light switch [Video file]. Retrieved from http://www.youtube.com/watch?v=Vja83KLQXZs

While authors are responsible for the accuracy of the references, submissions are not required to reflect the precise reference formatting of the journal (use of italics, bold etc.), however it is important that all key elements of each reference are included.

Tables

Tables should be self-contained and complement, but not duplicate, information contained in the text. They should be supplied as editable files, not pasted as images. Please convey essential information within the first 60 characters of the legend. The table, legend and footnotes must be understandable without reference to the text. All abbreviations must be defined in footnotes. Footnote symbols: †, ‡, §, ¶, should be used (in that order) and *, **, *** should be reserved for P-values. Statistical measures such as SD or SEM should be identified in the headings.

Figure Legends

Legends should be concise but comprehensive - the figure and its legend must be understandable without reference to the text. Include definitions of any symbols used and define/explain all abbreviations and units of measurement.

Figures

Although authors are encouraged to send the highest-quality figures possible, for peer-review purposes, a wide variety of formats, sizes, and resolutions are accepted. Click here for the basic figure requirements for figures submitted with manuscripts for initial peer review, as well as the more detailed post-acceptance figure requirements.

Figures submitted in colour will be reproduced in colour online free of charge. Please note, however, that it is preferable that line figures (e.g. graphs and charts) are supplied in black and white so that they are legible if a reader chooses to print them in black and white.

Additional Files

Appendices

Appendices will be published after the references. For submission they should be supplied as separate files but referred to in the text.

Supporting Information

Supporting information is information that is not essential to the article but that provides greater depth and background. It is hosted online, and appears without editing or typesetting. It may include tables, figures, videos, datasets, etc. Click here for Wiley's FAQs on supporting information.

Note: if data, scripts or other artefacts used to generate the analyses presented in the paper are available via a publicly available data repository, authors should include a reference to the location of the material within their paper.

General Style Points

- **Abbreviations**: In general, terms should not be abbreviated unless they are used repeatedly and the abbreviation is helpful to the reader. Initially use the word in full, followed by the abbreviation in parentheses. Thereafter use the abbreviation only.
- **Units of measurement**: Measurements should be given in SI-units wherever possible. Visit the Bureau International des Poids et Mesures (BIPM) website at http://www.bipm.fr/ for more information about SI units. If other units cannot be avoided, these should be defined at first mention.

Wiley Author Resources

Manuscript Preparation Tips: Wiley has a range of resources for authors preparing manuscripts for submission available here. In particular, authors may benefit from referring to Wiley's best practice tips on Writing for Search Engine Optimization.

Editing, Translation and Formatting Support: Wiley Editing Services can greatly improve the chances of a manuscript being accepted. Offering expert help in English language editing, translation, manuscript formatting and figure preparation, Wiley Editing Services ensure that the manuscript is ready for submission.

5. EDITORIAL POLICIES AND ETHICAL CONSIDERATIONS

Editorial Review and Acceptance

The acceptance criteria for all papers are the quality and originality of the research and its significance to our readership. Papers will only be sent to review if the Editor-in-Chief determines that the paper meets the appropriate quality and relevance requirements. Papers that do not meet these requirements may be rejected without review. The journal operates a single-blind peer review process. Wiley's policy on confidentiality of the review process is available here.

Data storage and documentation

The *Journal of Applied Ichthyology* encourages data sharing wherever possible, unless this is prevented by ethical, privacy or confidentiality matters. Authors publishing in the journal are therefore encouraged to make their data, scripts and other artefacts used to generate the analyses presented in the paper available via a publicly available data repository, however this is not mandatory. If the study includes original data, at least one author must confirm that he or she had full access to all the data in the study, and takes responsibility for the integrity of the data and the accuracy of the data analysis.

Animal Studies

A statement indicating that the protocol and procedures employed were ethically reviewed and approved, as well as the name of the body giving approval, must be included in the Methods section of the manuscript. Authors are encouraged to adhere to animal research reporting standards, for example the ARRIVE reporting guidelines for reporting study design and statistical analysis; experimental procedures; experimental animals and housing and husbandry. Authors should also state whether experiments were performed in accordance with relevant institutional and national guidelines and regulations for the care and use of laboratory animals:

- US authors should cite compliance with the US National Research Council's Guide for the Care and Use of Laboratory Animals, the US Public Health Service's Policy on Humane Care and Use of Laboratory Animals, and Guide for the Care and Use of Laboratory Animals.
- UK authors should conform to UK legislation under the Animals (Scientific Procedures) Act 1986 Amendment Regulations (SI 2012/3039).
- European authors outside the UK should conform to Directive 2010/63/EU.

Clinical Trial Registration

The journal requires that clinical trials are prospectively registered in a publicly accessible database and clinical trial registration numbers should be included in all papers that report their results. Authors are asked to include the name of the trial register and the clinical trial registration number at the end of the abstract. If the trial is not registered, or was registered retrospectively, the reasons for this should be explained.

Research Reporting Guidelines

Accurate and complete reporting enables readers to fully appraise research, replicate it, and use it. Authors are encouraged to adhere to the research reporting standards provided by the EQUATOR Network, e.g. for systematic reviews and meta-analyses, observational studies, and many more.

Species Names

Upon its first use in the title, summary and text, the common name of a species should be followed by the scientific name (genus, species and authority) in parentheses. For well-known species, however, scientific names may be omitted from article titles. If no common name exists in English, only the scientific name should be used.

Genetic Nomenclature

Sequence variants should be described in the text and tables using both DNA and protein designations whenever appropriate. Sequence variant nomenclature must follow the current HGVS guidelines; see http://varnomen.hgvs.org/, where examples of acceptable nomenclature are provided.

Sequence Data

Nucleotide sequence data can be submitted in electronic form to any of the three major collaborative databases: DDBJ, EMBL or GenBank. It is only necessary to submit to one database as data are exchanged between DDBJ, EMBL and GenBank on a daily basis. The suggested wording for referring to accession- number information is: 'These sequence data have been submitted to the DDBJ/EMBL/GenBank databases under accession number U12345'. Addresses are as follows:

DNA Data Bank of Japan (DDBJ) http://www.ddbj.nig.ac.jp

EMBL Nucleotide Sequence Submissions http://www.ebi.ac.uk

GenBank http://www.ncbi.nlm.nih.gov

Proteins sequence data should be submitted to either of the following repositories:

Protein Information Resource (PIR): pir.georgetown.edu

SWISS-PROT: expasy.ch/sprot/sprot-top

Conflict of Interest

The journal requires that all authors disclose any potential sources of conflict of interest. Any interest or relationship, financial or otherwise that might be perceived as influencing an author's objectivity is considered a potential source of conflict of interest. These must be disclosed when directly relevant or directly related to the work that the authors describe in their manuscript. Potential sources of conflict of interest include, but are not limited to, patent or stock ownership, membership of a company board of directors, membership of an advisory board or committee for a company, and consultancy for or receipt of speaker's fees from a company. The existence of a conflict of interest does not preclude publication. If the authors have no conflict of interest to declare, they must also state this at submission. It is the responsibility of the corresponding author to review this policy with all authors and collectively to disclose with the submission ALL pertinent commercial and other relationships.

Funding

Authors should list all funding sources in the Acknowledgments section. Authors are responsible for the accuracy of their funder designation. If in doubt, please check the Open Funder Registry for the correct nomenclature: https://support.crossref.org/hc/en-us/articles/214360886-The-Open-Funder-Registry.

Authorship

The list of authors should accurately illustrate who contributed to the work and how. All those listed as authors should qualify for authorship according to the following criteria:

1. Have made substantial contributions to conception and design, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data;
2. Been involved in drafting the manuscript or revising it critically for important intellectual content;

3. Given final approval of the version to be published. Each author should have participated sufficiently in the work to take public responsibility for appropriate portions of the content; and
4. Agreed to be accountable for all aspects of the work in ensuring that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately investigated and resolved.

Contributions from anyone who does not meet the criteria for authorship should be listed, with permission from the contributor, in an Acknowledgments section (for example, to recognize contributions from people who provided technical help, collation of data, writing assistance, acquisition of funding, or a department chairperson who provided general support). Prior to submitting the article all authors should agree on the order in which their names will be listed in the manuscript.

Additional authorship options: Joint first or senior authorship: In the case of joint first authorship a footnote should be added to the author listing, e.g. 'X and Y should be considered joint first author' or 'X and Y should be considered joint senior author.'

ORCID

As part of the journal's commitment to supporting authors at every step of the publishing process, the *Journal of Applied Ichthyology* encourages the submitting author (only) to provide an ORCID iD when submitting a manuscript. This takes around 2 minutes to complete. Find more information here.

Publication Ethics

This journal is a member of the Committee on Publication Ethics (COPE). Note this journal uses iThenticate's CrossCheck software to detect instances of overlapping and similar text in submitted manuscripts. Read our Top 10 Publishing Ethics Tips for Authors here. Wiley's Publication Ethics Guidelines can be found at https://authorservices.wiley.com/ethics-guidelines/index.html.

6. AUTHOR LICENSING

If a paper is accepted for publication, the author identified as the formal corresponding author will receive an email prompting them to log in to Author Services, where via the Wiley Author Licensing Service (WALS) they will be required to complete a copyright license agreement on behalf of all authors of the paper.

Authors may choose to publish under the terms of the journal's standard copyright agreement, or OnlineOpen under the terms of a Creative Commons License.

General information regarding licensing and copyright is available here. To review the Creative Commons License options offered under OnlineOpen, please click here. (Note that certain funders mandate that a particular type of CC license has to be used; to check this please click here.)

Self-Archiving definitions and policies: Note that the journal's standard copyright agreement allows for self-archiving of different versions of the article under specific conditions. Please click here for more detailed information about self-archiving definitions and policies.

Open Access fees: Authors who choose to publish using OnlineOpen you will be charged a fee. A list of Article Publication Charges for Wiley journals is available here.

Funder Open Access: Please click here for more information on Wiley's compliance with specific Funder Open Access Policies.

7. PUBLICATION PROCESS AFTER ACCEPTANCE

Accepted article received in production

When an accepted article is received by Wiley's production team, the corresponding author will receive an email asking them to login or register with Wiley Author Services. The author will be asked to sign a publication license at this point.

Proofs

Once the paper is typeset the author will receive an email notification with the URL to download a PDF typeset page proof, associated forms and full instructions on how to correct and return the file.

Please note that the author is responsible for all statements made in their work, including changes made during the editorial process - authors should check proofs carefully. Note that proofs should be returned within 48 hours from receipt of first proof.

Publication Charges

Colour figures: Colour figures are published online free of charge.

Page charges: The author will be notified of the cost of any page charges when they receive the proofs, along with instructions on how to pay for the charges.

Early View

The journal offers rapid publication via Wiley's Early View service. Early View (Online Version of Record) articles are published on Wiley Online Library before inclusion in an issue. Note there may be a delay after corrections are received before the article appears online, as Editors also need to review proofs. Once the article is published on Early View no further changes to the article are possible. The Early View article is fully citable and carries an online publication date and DOI for citations.

8. POST PUBLICATION

Access and sharing

When your article is published online:

- The author receives an email alert (if requested).
- The link to the published article can be shared through social media.
- The author will have free access to the paper (after accepting the Terms & Conditions of use, they can view the article).
- The corresponding author and co-authors can nominate up to ten colleagues to receive a publication alert and free online access to your article.

To find out how best to promote an article, click here.

Measuring the Impact of an Article

Wiley also helps you measure the impact of your research through our specialist partnerships with Kudos and Altmetric.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de no Brasil não haver qualquer tipo de monitoramento da pesca no entorno de atratores flutuantes artificiais, tal atividade já vem sendo realizada no país pelo menos desde meados da década de 80, com o registro da implementação de DAPs ancorados, focados na pesca do bonito listrado (SCOTT, 1985). Mesmo sabendo-se da importância econômica, social e ambiental desta modalidade de pesca, praticamente nenhum estudo relacionado à ictiofauna no entorno de DAPs foi realizado no país (SCOTT, 1985; SILVA et al., 2013). Sabe-se também da necessidade de geração de conhecimentos a respeito de espécies pelágicas oceânicas, devido à grande escassez de dados ainda existente (GAERTNER et al., 2008).

Os resultados do presente trabalho trazem informações inéditas acerca da composição, abundância e comportamento de espécies pelágicas associadas à DAPs no Brasil. Tais informações, além de aprofundarem o conhecimento sobre a fauna pelágica de maneira geral, trazem novos dados para o país sobre a utilização de DAPs costeiros ancorados por espécies alvo da pesca. . A expectativa, portanto, é de que os resultados obtidos possam servir como uma primeira base de informação tanto para pesquisadores quanto para gestores, podendo, inclusive, contribuir para a avaliação deste tipo de pescaria na plataforma continental do país.

Os resultados apresentados, apesar de registrarem a presença de peixes de importância comercial no entorno dos atratores como cavalas, dourados, peixes rei, arabaianas e atuns, em sua maioria como indivíduos adultos, demonstraram, em geral, uma baixa abundância dessas espécies. Foi possível observar também, para a maioria delas, um comportamento de não fidelidade aos DAPs. A profundidade de ancoragem dos DAPs foi a variável mais significativa, com maior riqueza, abundância, biomassa e tamanho de indivíduos sendo registrados em atratores com maior profundidade. É possível que para o local de estudo, regiões mais rasas da Plataforma, ou talvez até a Plataforma Continental como um todo não sejam as áreas mais adequadas para a instalação de Dispositivos Agregadores de Peixes voltados para a pesca. Áreas mais profundas e distantes da costa (longe de feições submarinas como a quebra da plataforma continental), por serem regiões mais inóspitas, onde os DAPs provavelmente atuariam como a principal referência para os peixes, possivelmente agregariam um maior número de indivíduos.

É importante salientar que mesmo gerando informações relevantes e inéditas acerca da ictiofauna associada à atratores na costa do Brasil e da eficiência de tais dispositivos na Plataforma Continental, o conhecimento da comunidade associada a estas boias ainda precisa ser substancialmente aprofundado. Sendo assim, sugere-se a continuidade do monitoramento visual da ictiofauna, durante todos os períodos do ano, além da realização de mais experimentos de telemetria, visando à marcação de um maior número de exemplares, e a utilização de outras espécies. O acompanhamento das capturas no entorno dos atratores também seria de grande importância, tanto na avaliação dos reais impactos na atividade pesqueira local, quanto devido à impossibilidade do monitoramento visual de espécies extranatantes, como os atuns.

6. ANEXO 1

Figura 1. Jovens da família Carangidae se protegendo próximos ao DAP 2, sem a presença de indivíduos maiores. Foto do dia 05.09.15.

Figura 2. Foto de grande grupo de *E. bipinnulata*, no entorno do DAP 2, no dia 24.10.15. Um mês após a foto anterior não haviam mais indivíduos jovens da família Carangidae.

Figura 3. Juvenis de *D. macarellus* se protegendo entre as telas das estruturas de agregação do DAP 4, no dia 30.10.15.

Figura 4. Indivíduos de *E. bipinnulata* próximos ao DAP 1, dia 24.10.15.

Figuras 5 e 6. Grande cardume de *E. bipinnulata* no entorno do DAP 2, no dia 30.10.15.

Figuras 7 e 8. Cardumes de *E.bipinnulata* e *C. crysos*, próximos a boia da Marinha e DAP 2.

Figura 9. Cardume de *A. monóceros* no entorno do DAP 2, no dia 07.11.15.

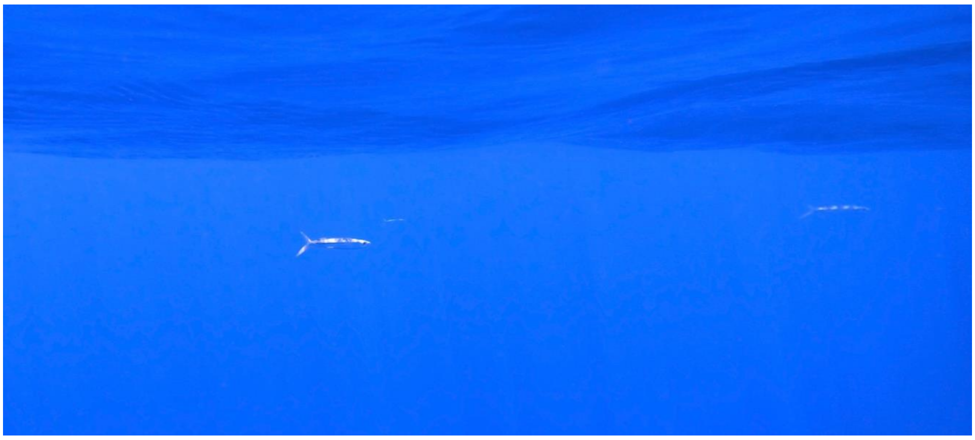


Figura 10. Espécimens da família Exocoetidae no entorno do DAP 1, no dia 30.10.15.

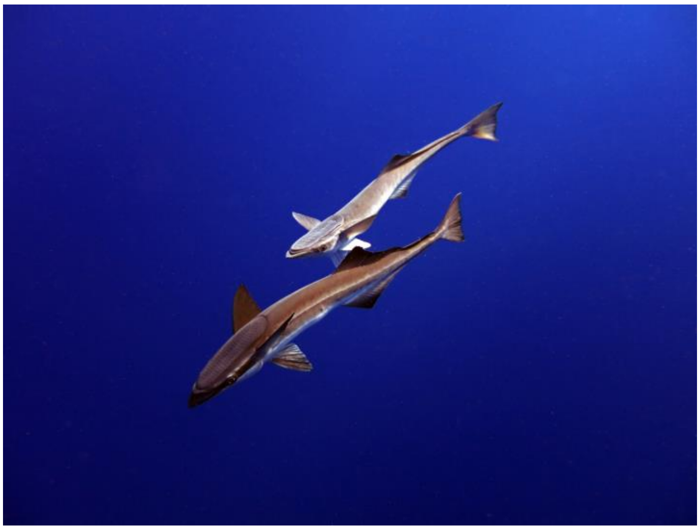


Figura 11. Indivíduos da espécie *E. naucrates*, no entorno do DAP 1, no dia 07.11.15.

Figura 12. Indivíduo da espécie *L.surinamensis*, utilizando a boia da Marinha como refúgio, no dia 07.11.15.

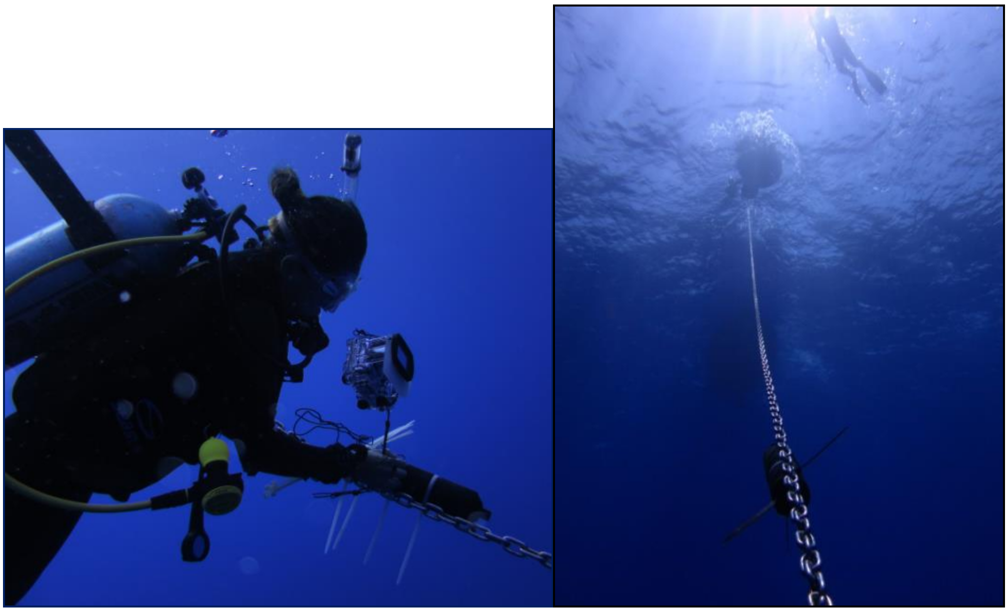
Figura 13. Indivíduo da espécie *C.suflamen*, utilizando a boia da Marinha como refúgio, no dia 07.11.15.

Figura 14. Indivíduos da espécie *D.macarellus*, se refugiando próximo ao DAP 2, no dia 05.09.15.

Figura 15. Indivíduo de *A.solandri*, no meio de um cardume misto de *C. crysos* e *E. bipinnulata* no entorno da boia da Marinha, no dia 24.10.15.

7. ANEXO 2

Figuras 1. Receptor passivo VR2W da Vemco, utilizado no presente estudo.



Figuras 2 e 3. Instalação dos receptores acústicos nas correntes de fundeio dos DAPs.

8. ANEXO 3

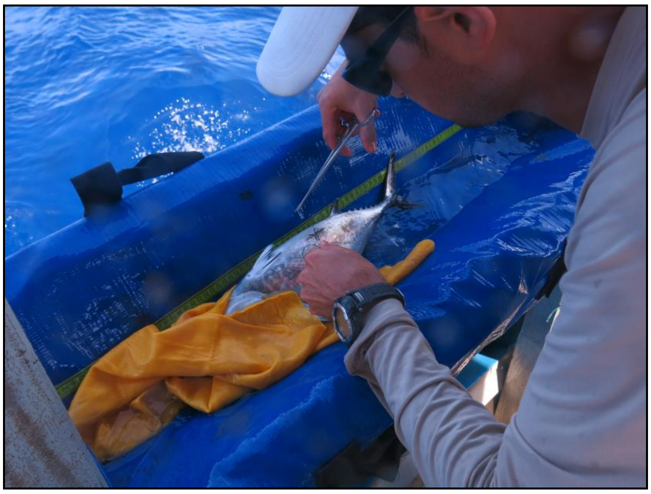


Figura 1. Indivíduo de *T. atlanticus* em procedimento de sutura ao final da marcação acústica

Figura 2. Indivíduo de *A. solandri* pronto para ser liberado ao mar após marcação acústica.

Figura 3. Indivíduo de *C. hippurus* pronto para o procedimento de marcação acústica.

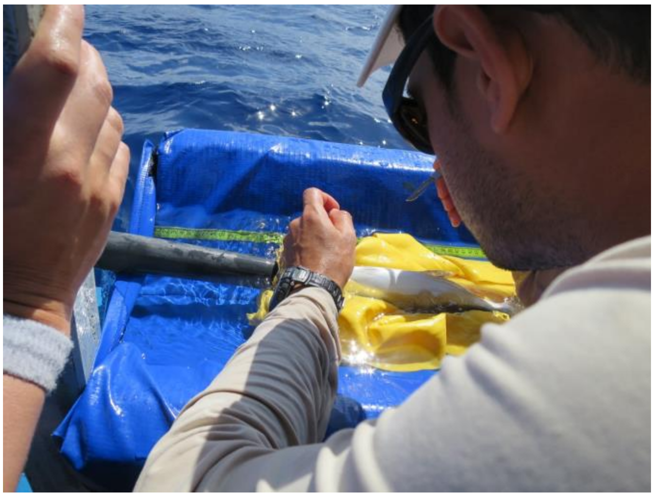


Figura 4. Espécime de *C. crysos* pronto para incisão no procedimento de marcação acústica.